

INSTITUTO FEDERAL
AMAZONAS



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO
AMAZONAS**

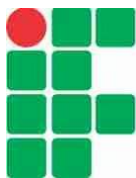
CAMPUS MANAUS CENTRO

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E
TECNOLÓGICA**

SAMUEL ANDERSON FERREIRA

**ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL: ATUAÇÃO NA FORMAÇÃO HUMANA
INTEGRAL DE ALUNOS DA EPTNM**

**MANAUS - AM
2020**



INSTITUTO FEDERAL
AMAZONAS



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO
AMAZONAS**

CAMPUS MANAUS CENTRO

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E
TECNOLÓGICA**

SAMUEL ANDERSON FERREIRA

**ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL: ATUAÇÃO NA FORMAÇÃO HUMANA
INTEGRAL DE ALUNOS DA EPTNM**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica, ofertado pelo *Campus* Manaus Centro do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação Profissional e Tecnológica.

Linha de Pesquisa: Práticas Educativas.

Orientadora: Prof^a Dr^a Rosa Oliveira Marins Azevedo.

MANAUS - AM
2020

Biblioteca Campus Manaus Centro

F383o Ferreira, Samuel Anderson .

Orientação profissional: atuação na formação humana integral de alunos da EPTNM. / Samuel Anderson Ferreira. – Manaus, 2020.

177 p. : il. color.

Dissertação (Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica). – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas, *Campus*Manaus Centro, 2020.

Orientadora: Profª. Dra. Rosa Oliveira Marins Azevedo.

1. Educação profissional e tecnológica. 2. Orientação profissional. 3. Formação humana integral. 4. Psicologia sócio-histórica. I. Azevedo, Rosa Oliveira Marins. (Orient.) II. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas. III. Título.

CDD 378.013



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA DO AMAZONAS PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E
INOVAÇÃO CAMPUS MANAUS CENTRO DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA EM REDE NACIONAL



SAMUEL ANDERSON FERREIRA

ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL: ATUAÇÃO NA FORMAÇÃO HUMANA INTEGRAL DE ALUNOS DA EPTNM.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica – ProfEPT, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas – IFAM, Campus Manaus Centro, como requisito para obtenção do Título de Mestre em Educação Profissional e Tecnológica, sob orientação da Profa. Dra. Rosa Oliveira Marins Azevedo.

Linha de Pesquisa: Práticas Educativas em Educação Profissional e Tecnológica.

Aprovado em 31 de julho de 2020.

COMISSÃO EXAMINADORA

Profa. Dra. Rosa Oliveira Marins Azevedo
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas

Profa. Dra. Maria Francisca Moraes de Lima – Membro Interno
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas – PROFEPT/IFAM

Profa. Dra. Cláudia Regina Brandão Sampaio Fernandes da Costa
Universidade Federal do Amazonas – UFAM

SAMUEL ANDERSON FERREIRA

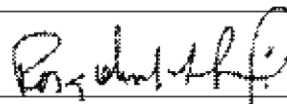
PROGRAMA DE ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL: CONSTRUINDO A FORMAÇÃO HUMANA INTEGRAL NA EPTNM.

Produto Educacional apresentado ao Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica – ProfEPT, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas – IFAM, Campus Manaus Centro, como requisito para obtenção do Título de Mestre em Educação Profissional e Tecnológica, sob orientação da Profa. Dra. Rosa Oliveira Marins Azevedo.

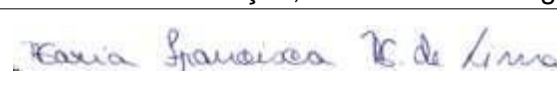
Linha de Pesquisa: Práticas Educativas em Educação Profissional e Tecnológica.

Validado em 31 de julho de 2020

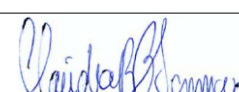
COMISSÃO EXAMINADORA



Profa.Dra. Rosa Oliveira Marins Azevedo
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas



Profa. Dra. Maria Francisca Morais de Lima – Membro Interno
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas – PROFEPT/IFAM



Profa. Dra. Cláudia Regina Brandão Sampaio Fernandes da Costa
Universidade Federal do Amazonas – UFAM

A Jéssica,
Gigante que me sustenta em seus ombros.

A Maria Esther,
Nossa alegria e motivo.

AGRADECIMENTOS

A Deus por me dar mais que o necessário sempre, concedendo-me bom ânimo, alegria e saúde em todo o percurso desta breve jornada.

À Professora Rosa, por toda paciência e generosidade em ensinar e respeitar meus limites sem me deixar desanimar. Entre suas inúmeras qualidades, enquanto profissional e pessoa, eu buscava uma que mais a representasse, e diria que é sua capacidade de acalmar. De tempestade de ideias a desespero por falta de ideias, posso dizer que de todas as orientações, eu saí mais calmo, mais confiante, mais seguro. Mesmo nas vezes que tive receio da orientação por não ter nada a lhe apresentar, sempre saí me perguntando por que demorei tanto para procurá-la. Por estas e por todas as outras coisas: obrigado.

A todos os professores do ProfEPT pelo conhecimento compartilhado.

À coordenação do curso, por toda gentileza e boa vontade em ajudar. À coordenadora, Profa. Deuzilene, sempre muito próxima (ainda estou por descobrir como nos conhecia pelo nome na primeira semana de aula). Às secretárias, Sara e D. Lucilene, sempre disponíveis.

Aos colegas de mestrado, pelo tempo compartilhado, pelos aprendizados e pela amizade.

Um agradecimento particular a Jordane que tanto me ajudou nesse período de escrita da dissertação com dicas, sugestões e exemplo. Aos “mimimetes” pela parceria, dramas e risadas. De modo especial a Juliana pelos pães de queijo e pelo café de todos os dias. Agradeço imensamente a Analúcia pelo apoio emocional e pela revisão.

À gestão do IFAM *Campus* Eirunepé, por possibilitar a pesquisa me dando todas as condições necessárias para sua realização.

Ao professor Moisés, pelas dicas na categorização.

Aos alunos da turma de 3º ano de Agropecuária 2019, por tornarem possível esta pesquisa.

Aos colegas psicólogos que aceitaram participar da validação do produto desta pesquisa.

Ao meu sogro, professor Cavalcante, e ao professor Manuel pelas revisões.

À minha família nuclear, por toda base emocional e de caráter.

À minha bem-amada esposa Jéssica, por sempre me lembrar quem eu sou e quem eu quero ser. A você eu devo tudo.

A Maria Esther, por ser meu motivo de todas as manhãs.

E a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para que este trabalho se concretizasse. Muito obrigado.

O bicho

Vi ontem um bicho
Na imundície do pátio
Catando comida entre os detritos.

Quando achava alguma coisa,
Não examinava nem cheirava:
Engolia com voracidade.

O bicho não era um cão,
Não era um gato,
Não era um rato.

O bicho, meu Deus, era um homem.

(Manuel Bandeira)

RESUMO

A pesquisa teve como objetivo analisar em que aspectos um Programa de Orientação Profissional pode atuar na Formação Humana Integral de alunos da Educação Profissional Técnica de Nível Médio. Trata-se de pesquisa qualitativa que foi desenvolvida por meio da pesquisa-ação com alunos concluintes do ensino médio técnico, na qual foi desenvolvido o Programa de Orientação Profissional voltado para a Formação Humana Integral de alunos da EPTNM, tendo sido, para o fim da pesquisa, o programa estruturado em três etapas: planejamento, implementação e avaliação (TRIPP, 2005). Para a coleta de dados, foram utilizadas as técnicas de observação participante, entrevista semiestruturada e roda de conversa e, como instrumentos de registro dos dados, gravação audiovisual, diário de campo e produções escritas dos participantes. O método para a interpretação dos dados coletados foi a Análise Textual Discursiva (MORAES; GALIAZZI, 2006), em suas três fases: unitarização; categorização; compreensão ou captação do novo emergente. A pesquisa gerou como resultados três categorias: os diversos sentidos da escolha profissional; a construção coletiva do senso crítico; o processo de construção da autonomia, que demonstraram que um Programa de Orientação Profissional pode atuar na Formação Humana Integral nos aspectos da atribuição de sentido para a escolha profissional, na construção do senso crítico e no desenvolvimento da autonomia. Da pesquisa resultou o produto educacional: Programa de Orientação Profissional: construindo a Formação Humana Integral na EPTNM que tem por objetivo contribuir com o trabalho de psicólogos atuantes na EPTNM e favorecer a Formação Humana Integral de alunos dos Institutos Federais e de outras realidades que desenvolvam a EPTNM, auxiliando na tomada de decisão crítica, consciente e reflexiva.

Palavras-chave: Orientação Profissional. Educação Profissional Técnica de Nível Médio. Formação Humana Integral. Psicologia Sócio-histórica

ABSTRACT

The research aimed to understand in what aspects a Professional Guidance Program can act in the Integral Human Education of students of Technical Professional Education of Medium Level. This is a qualitative research that was developed through action research with graduate students of technical high school in which the professional guidance program focused on integral human training of students of the EPTNM was applied, having been, for the end of the research, the program structured in three stages: planning, implementation and evaluation (TRIPP, 2005). For data collection, participant observation techniques, semi-structured interviews and conversation wheel were used and, as instruments for data recording, audiovisual recording, field diary and written productions of the participants. The method for interpreting the collected data was the Discursive Textual Analysis (MORAES; GALIAZZI, 2006), in its three phases: unitarization; categorization; understanding or capture of the new emerging. The research generated as results three categories: the various meanings of professional choice; the collective construction of critical sense; the process of building autonomy, which demonstrated that a Professional Orientation Program can act in Integral Human Formation in the aspects of attribution of meaning to professional choice, in the construction of critical sense and in the development of autonomy. The research resulted in the educational product: Professional Orientation Program: building Integral Human Training at EPTNM, which aims to contribute to the work of psychologists working in the EPTNM and favor the Integral Human Formation of students from federal institutes and other realities that develop the EPTNM, assisting in the decision-making critical, conscious and reflective.

Keywords: Professional Guidance. Technical Professional Education of High School. Integral Human Formation. Socio-historical Psychology.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Ciclo da Pesquisa-ação	42
Figura 2 – IFAM prédio Aparecida	45
Figura 3 – IFAM prédio ADAF – bairro N. Sra. de Fátima	45
Figura 4 – Apresentação do programa	52
Figura 5 – Técnica dos bombons	56
Figura 6 – Pesquisa em sites de classificados.	60
Figura 7 – Confecção do curtegrama	64
Figura 8 – apresentação do colega	66
Figura 9 – Realização do Teste AIP	75
Figura 10 – Simulação de entrevista de emprego	76
Figura 11 – Apresentação do perfil profissional pessoal.....	81
Figura 12 – Discussão do filme.....	84
Figura 13 – Autoavaliação	87
Figura 14 – Avaliação final.	88

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Dados socioeconômicos dos participantes	47
Quadro 2 – Profissões almejadas no primeiro encontro	54
Quadro 3 – Quadro comparativo: Profissões almejadas antes e após a atividade	82
Quadro 4 – Códigos e fontes de dados utilizadas	91
Quadro 5 – Categorias e subcategorias de análise	92
Quadro 6 – Caracterização dos avaliadores	131
Quadro 7 – Itens avaliados na primeira parte	132
Quadro 8 – Avaliação geral do produto	133
Quadro 9 – Avaliação específica	134
Quadro 10 – Texto inserido a partir de sugestão de AV3	136
Quadro 11 – Acréscimo realizado ao item 9 a partir da sugestão de AV2	137
Quadro 12 – Acréscimo realizado ao item 15 a partir da sugestão de AV2	138
Quadro 13 – Acréscimo realizado ao item 15 a partir da sugestão de AV2	139
Quadro 14 – Acréscimo realizado ao item 17 a partir da sugestão de AV2	140
Quadro 15 – Avaliação geral do produto.	141
Quadro 16 – Parecer final do produto.	143

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AIP – Avaliação dos Interesses Profissionais

ATD – Análise Textual Discursiva

EPT – Educação Profissional e Tecnológica

EPTNM – Educação Profissional Técnica de Nível Médio

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IDEB - Índice de Desenvolvimento da Educação Básica

IES – Instituição de Ensino Superior

IF's – Institutos Federais

IFAM – Instituto Federal do Amazonas

PIB – Produto Interno Bruto

ProfEPT – Programa de pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
1 POSSÍVEIS ARTICULAÇÕES ENTRE ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL NA EPTNM E FORMAÇÃO HUMANA INTEGRAL	20
1.1 ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL NA EPTNM	20
1.2 FORMAÇÃO HUMANA INTEGRAL E ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL NA EPTNM.....	30
2 PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA	40
2.1 TIPO DE PESQUISA	40
2.2 CONTEXTO E PARTICIPANTES DA PESQUISA.....	44
2.3 TÉCNICAS E INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS.....	49
2.4 O DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA-AÇÃO.....	51
2.4.1 Planejamento	51
2.4.2 Implementação.....	55
2.4.3 Avaliação Final	86
2.5 PROCEDIMENTOS PARA ANÁLISE DOS DADOS	90
3 ANÁLISE DOS DADOS: CONTRIBUIÇÕES PARA A FORMAÇÃO HUMANA INTEGRAL	93
3.1 OS DIVERSOS SENTIDOS DA ESCOLHA PROFISSIONAL	93
3.1.1 Os sentidos precedentes à Orientação	95
3.1.2 A Independência Financeira	99
3.1.3 O Reconhecimento Social	101
3.1.4 O Bem-Estar Familiar.....	103
3.2 A CONSTRUÇÃO COLETIVA DO SENSO CRÍTICO.....	105
3.2.1 Contribuição para o autoconhecimento e questionamento de valores.....	106
3.2.2 Tomada de consciência sobre a influência da realidade socioeconômica	110
3.2.3 Influência sobre a subjetividade dos participantes	114
3.3 O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA AUTONOMIA.....	118
3.3.1 Mudanças de perspectiva.....	119
3.3.2 Projeto de vida e de carreira	123
3.3.3 Afloramento do senso de responsabilidade social	126

4 PRODUTO EDUCACIONAL	130
4.1 Primeira parte: Avaliação Específica	134
4.2 Segunda parte: Avaliação Geral	140
4.3 Terceira parte: Parecer final	143
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	144
REFERÊNCIAS	152
APÊNDICES E ANEXO	Erro! Indicador não definido.

INTRODUÇÃO

Se nada ficar destas páginas, algo, pelo menos, esperamos que permaneça: nossa confiança no povo. Nossa fé nos homens e na criação de um mundo em que seja menos difícil amar.

(Paulo Freire)

O psicólogo escolar tem diversas opções de atuação no âmbito escolar, desde atendimento individual até organização de oficinas com temáticas e finalidades específicas. Porém, uma das principais atividades do psicólogo escolar, tratando-se das demandas de alunos do ensino médio, é a orientação profissional. No âmbito da Educação Profissional Técnica de Nível Médio – EPTNM, ela recebe, ainda, uma importância maior por ser instrumento que serve de elo entre o mundo acadêmico e o mundo do trabalho.

É nesse âmbito que vem sendo realizada nossa prática de orientação profissional com as turmas de 3º ano de nível médio integrado do Instituto Federal do Amazonas – IFAM, *Campus* Eirunepé. O referido *campus* iniciou suas atividades no dia 22 de abril de 2014, contudo, nesta ocasião apenas dois professores e dois técnicos administrativos eram efetivos, outros nove professores constantes do quadro funcional tinham contrato temporário. À época, as aulas aconteciam no espaço do polo da Universidade do Estado do Amazonas – UEA do município, em três salas, sendo duas salas de aula e um laboratório de informática, onde também eram desenvolvidas as atividades do setor administrativo. Foram abertas, inicialmente, duas turmas de ensino integrado dos cursos de Administração e Informática.

Em 2015, fomos admitidos para atuar como psicólogo, junto aos novos servidores que prestaram concurso em 2014. Como psicólogo escolar fomos à procura de bases dentro do próprio IFAM em relação ao papel do psicólogo na instituição, descobrindo que não havia nada a respeito. Esta constatação foi para nós fator gerador de certa angústia, pela necessidade premente de iniciar um trabalho para o qual não havia, institucionalmente, bases orientadoras que o fundamentasse. Assim, passamos, gradativamente, a desenvolver nossa metodologia de trabalho, primariamente, com uma atividade de orientação psicológica com os alunos trabalhando de modo especial, aspectos motivacionais e de relacionamento.

Em 2016, tornou-se evidente a preocupação dos alunos do 3º ano com relação à proximidade do momento de definir uma profissão, bem como, o pouco conhecimento a respeito dos cursos oferecidos pelas universidades públicas do Estado. Essa constatação nos

levou a iniciar os primeiros esboços de orientação profissional com os alunos. Entretanto, muitas propostas com as quais tivemos contato na busca pela construção de um programa de orientação profissional, limitavam-se à indicação de opções de cursos superiores e à construção de perfil com ênfase no interesse do mercado. Porém, tal abordagem não seria minimamente suficiente para suprir as demandas de nossos alunos que, em sua maioria, não tinha expectativa de realizar curso superior, ou não acreditava ser possível sua realização, principalmente, por questões econômicas. Além disso, tais propostas eram totalmente discordantes de nossos princípios e valores.

Dai surgiu nossa motivação em desenvolver um Programa¹ de Orientação Profissional que auxiliasse o orientando na realização de uma escolha profissional que partisse de uma tomada de consciência crítica de sua realidade, compreendendo os aspectos sociais, políticos e econômicos que exercem influência sobre suas possibilidades de escolha, buscando alternativas possíveis a partir de uma análise crítica da realidade em paralelo com os interesses pessoais.

Nesse contexto de elaboração de um projeto de orientação profissional crítica, com vista à emancipação, o mestrado profissional em Educação Profissional e Tecnológica viabilizou o aprofundamento da pesquisa sobre orientação profissional e nos possibilitou realizar correlação desta com a Formação Humana Integral, de forma a desenvolver uma sistematização que culminou na elaboração de um Programa de Orientação Profissional que objetiva contribuir com o trabalho de psicólogos atuantes na EPTNM e favorecer à Formação Humana Integral de alunos dos Institutos Federais e de outras realidades que desenvolvam a EPTNM, auxiliando na tomada de decisão crítica, consciente e reflexiva.

Assim, a pesquisa procura responder o seguinte: em que aspectos um Programa de Orientação Profissional pode atuar² na Formação Humana Integral de alunos da Educação Profissional Técnica de Nível Médio - EPTNM?

Tendo, ainda, as seguintes questões norteadoras da pesquisa:

Como fazer a articulação entre os conceitos de orientação profissional e a Formação Humana Integral?; que percurso metodológico pode ser construído para a elaboração, implementação e avaliação de um Programa de Orientação Profissional com os alunos da

¹ Programa entendido, com base em Moura (2004) e Bock (2008), como um conjunto de encontros pré-elaborados para o desenvolvimento de uma proposta concatenada em diversas atividades dirigidas a um fim específico.

² Atuar aqui tem o sentido de ser parte em um efeito ou ocasionar certo resultado.

EPTNM?; o que pode ser explicitado de um Programa de Orientação Profissional desenvolvido com alunos da EPTNM?; a partir do explicitado, como elaborar um produto educacional que oportunize a Formação Humana Integral de alunos da EPTNM?

No panorama atual, o IFAM *Campus* Eirunepé, com um total de 471 alunos, oferta três cursos na forma integrada: Administração, Informática e Agropecuária e quatro cursos na forma subsequente: Administração, Informática, Florestas e Recursos Pesqueiros. Destes, a proposta de trabalho com orientação profissional restringe-se aos discentes das turmas de 3º ano na forma integrada, que totalizam 122 alunos. A presente pesquisa foi realizada com a turma de agropecuária, em virtude, principalmente do alto índice de desistência no curso e da realidade socioeconômica dos alunos que em sua maioria enquadram-se no quesito “de baixa renda”, conforme política socioassistencial do IFAM.

No tocante às condições de ensino e à situação socioeconômica, tanto dos alunos quanto da cidade onde residem, tomando como base a falta de referência profissional e pensando a educação com vistas à Formação Humana Integral, entendemos que é relevante um trabalho que auxilie o aluno a desenvolver o senso crítico e a buscar autonomia para a escolha em meio às adversidades, compreendendo seu lugar no mundo e as possibilidades de transformação da realidade que limita suas possibilidades de escolha profissional.

Considerando o exposto, a pesquisa apresentou como objetivo geral analisar em que aspectos um Programa de Orientação Profissional pode atuar na Formação Humana Integral de alunos da Educação Profissional Técnica de Nível Médio. Teve como objetivos específicos: articular os conceitos de orientação profissional na EPTNM e Formação Humana Integral; construir um percurso metodológico para elaboração, implementação e avaliação de um Programa de Orientação Profissional com alunos da EPTNM; explicitar em que aspectos o Programa de Orientação Profissional desenvolvido atuou na Formação Humana Integral dos alunos participantes da pesquisa e; elaborar um produto educacional para a orientação profissional de alunos da EPTNM.

O caminho metodológico, que buscamos percorrer para desenvolver a pesquisa, assume uma abordagem qualitativa, uma vez que visa compreender o contexto em que ocorre o fenômeno e a subjetividade dos envolvidos, bem como, acompanhar seu desenvolvimento no decorrer do processo. A pesquisa qualitativa possibilita tal compreensão, levando em consideração o significado que o grupo atribui à problemática investigada, tendo seu foco na percepção dos participantes da pesquisa, não apenas na do pesquisador, embora esta seja também valorizada (CRESWELL, 2014).

Dentro da abordagem qualitativa, elegemos a pesquisa-ação como método da pesquisa, uma vez que esta foi se desdobrando por meio dos achados realizados no decorrer dos encontros desenvolvidos no Programa de Orientação Profissional, o qual foi estruturado a partir das três etapas da pesquisa-ação: planejamento, implementação e avaliação (TRIPP, 2005). A pesquisa-ação, neste contexto, nos permitiu compreender o modo de pensar dos participantes, seus anseios e receios frente ao momento da escolha, ao mesmo tempo, possibilitou-nos contribuir para a reflexão, apontando possibilidades de ação transformadora frente às limitações que se manifestaram ao longo do programa.

Para a coleta de dados, utilizamos as técnicas de observação participante e roda de conversa e, como instrumentos para registro dos dados: gravação audiovisual, diário de campo e produções escritas dos participantes. Os dados foram analisados por meio da Análise Textual Discursiva de Moraes e Galiazzi (2006) que devido à possibilidade de análise, a partir da divisão dos textos por unidades de significado, possibilitaram a interlocução entre os diversos momentos vivenciados no programa, favorecendo assim a melhor apreensão da subjetividade dos participantes no momento da construção das categorias que emergiram.

A apresentação da pesquisa está organizada em quatro capítulos: no primeiro, realizamos a discussão dos conceitos de orientação profissional e de Formação Humana Integral no âmbito da EPTNM, identificando os pontos de convergência entre ambos; no segundo capítulo, apresentamos o percurso metodológico da pesquisa com vistas à elaboração, implementação e avaliação de um Programa de Orientação Profissional com alunos da EPTNM, que foi feito a partir da estrutura da pesquisa-ação e relata a vivência dos 11 encontros que compõem o Programa de Orientação Profissional; no terceiro, apresentamos os resultados da pesquisa-ação, utilizando a Análise Textual Discursiva como método de análise e o desenvolvimento dos metatextos dela decorrentes; por fim, o quarto capítulo apresenta o produto educacional, a saber: um Programa de Orientação Profissional voltado à Formação Humana Integral na EPTNM que traz a proposta estruturada dos 11 encontros desenvolvidos no segundo capítulo.

Esperamos que esta pesquisa possa contribuir na discussão sobre Formação Humana Integral, incentivando novas propostas de ações para sua implementação, ampliando, portanto, o leque de possibilidades de contribuições para sua realização, que é possível não apenas em sala de aula, mas nos diversos âmbitos de atuação da escola. Além disso, almejamos que, cada vez mais, os diversos profissionais atuantes na EPTNM sintam-se motivados a contribuir para que a Formação Humana Integral se efetive dentro de suas áreas de atuação.

1 POSSÍVEIS ARTICULAÇÕES ENTRE ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL NA EPTNM E FORMAÇÃO HUMANA INTEGRAL

Não se pode falar dos não intelectuais, porque os não intelectuais não existem. Todos os homens são intelectuais; mas nem todos cumprem a função de intelectuais na sociedade.

(Antônio Gramsci)

O presente capítulo pretende tratar das possíveis articulações entre a orientação profissional e a Formação Humana Integral, seus conceitos, fundamentos e formas alternativas de integração. O capítulo é dividido em duas seções: na primeira, apresentamos conceitos de orientação profissional, as principais vertentes propostas na atualidade, bem como sua relação com a EPT; na segunda, abordamos o tema da Formação Humana Integral, seus principais aspectos, construção histórica e sua importância para a EPT, juntamente com a investigação das possíveis articulações com a orientação profissional no sentido de evidenciar os pontos convergentes no diálogo com a EPT.

1.1 ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL NA EPTNM

Pretendemos, nesta seção, levantar uma discussão sobre as diversas vertentes em orientação profissional, evidenciando aquelas que levam em consideração as condições sócio-histórico-culturais, nas quais os sujeitos estão inseridos. Esta premissa se mostra relevante ao considerarmos que o sujeito da orientação profissional, o adolescente, é um indivíduo em formação e a influência que recebe do meio social, cultural e político poderá afetar suas escolhas de forma direta e, algumas vezes, decisiva, não só em sua identidade profissional, mas também em sua identidade pessoal, ou seja, no modo como se percebe nesta relação que estabelece com a sociedade e consigo mesmo.

Nesse sentido, acreditamos que uma orientação profissional que vise à Formação Humana Integral não pode prescindir de considerar o sujeito como inserido em uma sociedade e com uma história de vida pessoal e social, que é influenciado, mas que também age de forma a influenciar o meio em que vive. Ao mesmo tempo, não se pode deixar de considerar os aspectos relativos às aptidões individuais para a execução de determinadas atividades e, conseqüentemente, a efetivação da escolha profissional. Apesar de, em geral, estes dois

aspectos serem discutidos como antagônicos (NEIVA, 2013; CARVALHO; MARINHO-ARAÚJO, 2010), consideramos insuficiente uma orientação que leve em conta apenas os aspectos sócio-histórico-culturais, portanto, extrínsecos, sem considerar os aspectos intrínsecos ao sujeito, desconsiderando desse modo, sua subjetividade e individualidade. Da mesma forma, seria alienante uma orientação que considerasse apenas os aspectos da personalidade do indivíduo e não levasse em consideração a sociedade na qual está inserido e as relações de classe e de poder que têm influência sobre as (im)possibilidades de escolha do adolescente. Daí a necessidade de viabilizar o diálogo entre vertentes que apresentam esses dois posicionamentos de modo a construir uma orientação profissional que enxergue o sujeito em sua complexidade e totalidade, que não pode ser reduzido meramente ao aspecto profissional e/ou praticista.

No contexto deste estudo, pretendemos averiguar a orientação profissional, enquanto atividade desenvolvida pelo psicólogo escolar, trazendo abordagens específicas de sua atuação diretamente na Educação Profissional Técnica de Nível Médio – EPTNM. Para tanto, faz-se necessário realizar um apanhado da situação atual do desenvolvimento da psicologia escolar e de forma específica da psicologia escolar na EPT. Nesse sentido, abordaremos algumas experiências de orientação profissional em EPT, perpassando pela discussão das diferentes vertentes da orientação profissional e evidenciando as que, em nosso entendimento, mais favoreçam ao desenvolvimento de uma orientação profissional que contribua na Formação Humana Integral do sujeito.

Considerando que a orientação profissional é, dentre as diversas possibilidades de atuação do psicólogo escolar, a que mais diretamente se vincula à Formação Humana Integral com vistas à integração Educação-Trabalho, acreditamos ser importante realizar um panorama da atuação do psicólogo escolar no âmbito da EPT, antes de adentrarmos no tema da orientação profissional, propriamente. Nesse sentido, Feitosa e Marinho-Araújo (2017) afirmam que o ponto de início da atuação do psicólogo na EPT é o final da década de 1980 nas antigas escolas Técnicas e nos Centros Federais de educação profissional, não fazendo parte, contudo, do corpo técnico permanente das instituições, o que veio a ocorrer apenas no ano de 2005.

Apesar de a legislação incluir a presença do psicólogo na equipe multiprofissional dos *campi* dos Institutos Federais, Titon e Zanella (2018) destacam que ainda é um desafio para o psicólogo legitimar sua presença nesses espaços, seja pela incompreensão de qual seja a função do psicólogo escolar, seja pela formação deficitária desse profissional no tocante

especificamente à atuação na educação que ainda é apresentada pelo próprio Conselho Federal de Psicologia (CFP) como uma área em processo de consolidação.

No Brasil, a psicologia é reconhecida como profissão desde 1962, legitimada pela lei 4.119 de 27 de agosto de 1962. Profissão reconhecidamente nova, se comparada à profissão do docente, por exemplo, ou do pedagogo com quem deve atuar cotidianamente no fazer escolar. A formação dos psicólogos ocorria nos cursos de Filosofia, Pedagogia e Ciências Sociais e a habilitação para o exercício da profissão se dava mediante realização de estágios em instituições especializadas, dentre as quais, instituições especializadas em aplicação de testes psicométricos (ABADE, 2005). A categoria de psicologia escolar foi reconhecida em concomitância com promulgação da referida lei, sendo uma das áreas de atuação do psicólogo, mais antiga, juntamente com o atendimento clínico. Contudo, Abade (2005) ressalta que sua legitimação legal não é garantia de sua legitimação prática mediante os demais atores da escola.

A psicologia escolar em seu início, foi marcada por práticas que muitas vezes serviam meramente para a estigmatização e normalização dos sujeitos através de avaliações que visavam identificar as dificuldades no processo de ensino-aprendizagem e problemas comportamentais que desconsideravam o contexto sociocultural e tendiam à culpabilização do indivíduo por seu fracasso. Esta postura foi gradativamente superada a partir do desenvolvimento de novas pesquisas na área que geraram diversas críticas que culminaram na reavaliação da prática do psicólogo possibilitando hoje um posicionamento que visa a uma atuação preventiva no sentido do desenvolvimento humano em todos os seus aspectos, considerando a interação contínua de fatores internos e externos ao indivíduo (CARVALHO; MARINHO-ARAÚJO, 2010).

Em levantamento sobre a produção acadêmica brasileira com relação à atuação do psicólogo escolar, Titon e Zanella (2018) relatam apontamentos relevantes no que tange aos aspectos abordados pelos psicólogos escolares, nos quais predominam questões específicas da vida escolar dos discentes em paralelo com a identidade do psicólogo escolar no contexto da educação, ao mesmo tempo em que a maioria das ações desenvolvidas pelos psicólogos está associada com a política de assistência estudantil, campo sabidamente de atuação primária do assistente social. Esses dados revelam o psicólogo escolar como profissional em busca da construção de sua identidade profissional, enquanto em paralelo, precisa conquistar espaço para o desenvolvimento de suas atividades junto aos demais profissionais do corpo técnico e aos discentes.

O documento vigente que baliza a atuação do psicólogo escolar disponibilizado pelo Ministério da Educação é um Ofício Circular que retoma o plano de cargos e salários desenvolvido na década de 1990, definindo como atribuições do psicólogo “proceder ao estudo e avaliação dos mecanismos do comportamento humano, elaborando e aplicando técnicas psicológicas, para possibilitar a orientação, seleção e treinamento no campo profissional e diagnóstico e terapia clínicos” (BRASIL, 2017, p. 90). Não havendo, portanto, nenhuma referência específica ao campo da educação, nem tampouco, considerações práticas que realmente possam nortear a atuação do psicólogo no âmbito escolar.

Na tentativa de elencar possíveis campos de abordagem do psicólogo escolar, Carvalho e Marinho-Araújo (2010) apresentam alguns pontos de atuação desse profissional: 1) Implementação da orientação profissional na escola de modo a considerar o desenvolvimento acadêmico e de carreira como processos relacionados; 2) Mediação de processos subjetivos envolvidos no desenvolvimento da carreira; 3) Propiciação do exercício do pensamento crítico dos sujeitos com a finalidade de promoção do desenvolvimento humano; 4) Desenvolvimento de ações orientadoras que estejam articuladas à assessoria ao trabalho coletivo com vistas à construção de espaços de interlocução com e entre educadores; 5) Participação na construção coletiva da proposta curricular da escola; 6) Promoção da escuta psicológica tanto para discentes quanto para docentes e corpo técnico da escola. A partir desses levantamentos, as autoras defendem que a Psicologia Escolar é espaço privilegiado para o desenvolvimento da orientação profissional, uma vez que é objetivo central do psicólogo escolar a promoção do desenvolvimento humano dos alunos.

O histórico da orientação profissional tem seu marco com a criação do primeiro Centro de Orientação Profissional Norte Americano em Boston entre os anos de 1907 e 1909 com a finalidade de selecionar o profissional ideal para a função ideal (LIMA; ALENCAR; SOUSA, 2017). Os objetivos da orientação profissional em seus primórdios estavam diretamente associados ao interesse no aumento da produtividade industrial, havendo concordância entre diversos autores (CARVALHO; MARINHO-ARAÚJO, 2010; NEIVA, 2013; ROSA; LUZ, 2017; BOCK, 2018) de que inicialmente e até meados do século XX a orientação profissional teve suas ações sempre voltadas para a adequação dos candidatos a vagas de emprego, buscando analisar através de testes psicométricos o perfil do orientando e fazendo comparações com o interesse da indústria para a vaga ofertada.

No Brasil, de acordo com Rosa e Luz (2017), a orientação profissional teve início na década de 1920, com a seleção e orientação dos alunos do Liceu de Artes e Ofício e surge

com um forte cunho pedagógico, mas ainda mantendo o interesse voltado para a construção do perfil adequado à vaga e abastecimento da indústria. Lima, Alencar e Sousa (2017) apresentam três etapas, através das quais o perfil do orientando era traçado: a análise das características do indivíduo; a análise das características das ocupações ofertadas pela indústria e o cruzamento das informações. Carvalho e Marinho-Araújo (2010) afirmam que esse modelo se perpetuou até a efetivação da regulamentação da psicologia como profissão no Brasil, na década de 1960, na qual o psicólogo atuava com “[...] práticas que focavam a avaliação e o atendimento de indivíduos, servindo muitas vezes à mera classificação, estigmatização e normalização dos sujeitos” (p. 220). As críticas a esse modelo surgem apenas a partir da década de 70 quando novas abordagens em orientação profissional começam a se desenvolver.

Sparta (2003, p. 3-4) alega que,

Desde o seu nascimento, na década de 1920, a Orientação Profissional brasileira pautou-se pelo modelo da Teoria do Traço e Fator; isto é, pelas ideias de que o processo de Orientação Profissional é diretivo e o papel do orientador profissional é o de fazer diagnósticos, prognósticos e indicações das ocupações certas para cada indivíduo.

Esse cenário permaneceu até o surgimento de novas vertentes, a partir da segunda metade do século XX. Nesse sentido, Costa (2017) elenca quatro estágios pelos quais passou a orientação profissional quanto ao domínio dos modelos utilizados: primeiro, orientação profissional basicamente informativa com captação de interesses e cruzamento de informações; segundo, orientação profissional psicométrica com forte cunho no perfilamento de indivíduos; terceiro, orientação profissional clínica de cunho quase inteiramente psicológico; quarto, orientação profissional de cunho político e social que situa o indivíduo no contexto sociopolítico e acredita que este tem influência sobre suas escolhas. A apresentação das vertentes enquanto estágios, denota a forma que a autora encontrou de demonstrar a ordem em que os mesmos foram surgindo, entretanto, com maior ou menor força, e com algumas alterações sofridas ao longo do tempo, todas elas coexistem até o presente e sua utilização está relacionada ao embasamento teórico do Orientador Profissional.

É próprio, portanto, de cada orientador, desenvolver seu programa de orientação profissional de acordo com a vertente que mais se identifique e acredite que tem maior possibilidade de alcançar os objetivos preestabelecidos. Sobre estas vertentes norteadoras da orientação profissional, Neiva (2013) apresenta o levantamento das que mais comumente são

encontradas na atualidade em intervenções realizadas por instituições de educação e por serviços especializados em orientação profissional.

Nesse sentido, a autora cita a modalidade de informação profissional realizada por diversas instituições educativas que se limitam a disponibilizar informações sobre profissões para seus alunos, desconsiderando vários outros fatores influentes na decisão. Segue-se a modalidade estatística que consiste na elaboração de diagnóstico mediante bateria de testes; a esse respeito a autora relata ainda que a falha está no foco excessivo nos resultados dos testes a ponto de desconsiderar aspectos socioculturais relevantes no processo de escolha, além de ressaltar a importância de que os testes psicológicos utilizados sejam aprovados pelo Conselho Federal de Psicologia e sejam administrados por psicólogo com registro ativo no conselho da classe.

Neiva (2013) segue ressaltando a modalidade clínica que é, geralmente, aplicada de modo individual e fomenta principalmente a reflexão frente ao momento da escolha e às possibilidades de escolha do orientando. Nessa modalidade a postura do orientador é mais passiva, tentando instigar uma reflexão ativa no orientando. Outra modalidade é a do desenvolvimento vocacional, que consiste na realização de tarefas preestabelecidas pelo orientador que possibilitam que o orientando avance em seu desenvolvimento vocacional. Além das modalidades citadas, a autora destaca a abordagem sócio-histórica que visa levar o sujeito a compreender aspectos sociais e de seu contexto sociofamiliar que possam ser determinantes da escolha, que só poderá ser considerada consciente a partir da tomada de consciência sobre tais influências. A autora apresenta ainda, a abordagem psicopedagógica que faz uso de jogos, pesquisa e dinâmicas para a realização da orientação profissional tendo como base as teorias desenvolvimentistas e o construtivismo. Por fim, a abordagem comportamental que tem por base o modelo de análise do comportamento de Skinner que visa ao treino do comportamento com vistas a determinar a profissão cujo perfil comportamental mais se adéqua.

Dentre as vertentes listadas, as de cunho tradicional ainda são, segundo a autora, as mais expressivas na escolha dos profissionais que trabalham com orientação profissional. Entretanto, tais vertentes têm sofrido, no cenário nacional, várias críticas, por já não responderem às necessidades do adolescente que procura orientação profissional. A respeito dessas vertentes, Bock (2018) ressalta a abordagem clínica como uma das mais inadequadas, por embasar a orientação profissional principalmente na aplicação de testes psicológicos, desconsiderando diversos aspectos de interesse e desejo do orientando e, principalmente, os

aspectos socioculturais em que este está inserido. A esse respeito Carvalho e Marinho-Araújo (2010 p. 222) afirmam que “[...] desenvolver um conceito de si e definir uma trajetória de carreira de forma consciente implica a possibilidade da pessoa se posicionar ativa e criticamente no contexto em que está inserida reconhecendo-se como sujeito *da e na* história”.

Nesse sentido, embasados na perspectiva da psicologia sócio-histórica, alguns autores, entre eles Rosa e Luz (2017) e Bock (2018) propõem uma abordagem em orientação profissional que leve em consideração o contexto sociocultural do adolescente e que o considere um sujeito “[...] ativo, social e histórico, que se constitui através das mediações sociais, e que suas capacidades e aptidões também são formadas através da atividade sobre o mundo” (ROSA; LUZ, 2017, p. 165). Porém, apesar desta perspectiva crítica em psicologia, ainda predomina no cenário nacional uma abordagem que pouco considera os determinantes socioeconômicos e políticos da escolha profissional, valorizando características individuais dos sujeitos e das profissões de forma isolada e descontextualizada (CARVALHO; MARINHO-ARAÚJO, 2010).

Com relação à psicologia sócio-histórica, Sawaia e Maheirie (2014) apresentam um contexto histórico do início do uso do termo que, segundo elas, foi introduzido por Silvia Lane, na década de 1980, a partir de sua interpretação dos estudos de Vigotski. As autoras afirmam que Lane, advinda da filosofia, passou a estudar psicologia com a finalidade de desenvolver um aspecto social para a mesma, tendo encontrado nos estudos de Vigotski, suas bases, uma vez que, no Brasil, a leitura que se fazia, até o momento, do psiquismo humano, era dissociada do contexto histórico e social. Lane, então, encontra em Vigotski a possibilidade de relacionar a subjetividade do sujeito a seu contexto sócio-histórico, uma vez que sua teoria era embasada no método dialético de Marx.

Apesar de alguns autores atribuírem o início da psicologia sócio-histórica a Vigotski, o mesmo não fez uso do termo, tendo utilizado o termo histórico cultural ao se referir à teoria que estava gestando. Lane, entretanto, entendeu que o termo sócio-histórica era mais adequado por permitir associar de forma mais evidente a concepção marxista de sociedade atravessada pela luta de classes e a concepção Vigotskiana de historicidade e materialidade (SAWAIA; MAHEIRIE, 2014).

Desse modo, as bases da psicologia sócio-histórica estão fundadas na leitura de Vigotski dos escritos de Marx e denotam o rompimento com o entendimento fragmentado do ser humano, que deveria ter seus fenômenos psicológicos analisados de forma independente de sua condição econômica e de seu contexto histórico e social. Segundo Silva Júnior (2014),

o materialismo histórico dialético de Marx foi adotado pela psicologia sócio-histórica, enquanto teoria, filosofia e método. Na relação dialética que desenvolve com a sociedade, o homem é capaz de transformá-la e é, ao mesmo tempo, transformado por ela, construindo, nesta relação, sua história pessoal e social.

Esta compreensão de ser humano socialmente construído é atribuída ao indivíduo em todas as suas etapas do desenvolvimento e, portanto, a compreensão que a psicologia sócio-histórica tem do adolescente é a mesma que tem do ser humano em si: construtor de sua história a partir de suas escolhas que são limitadas por seu contexto social, econômico, cultural e político. Por esse motivo, rejeita concepções deterministas desta fase da vida que conceituam a adolescência como marcada por crises, desequilíbrios e instabilidades que seriam universalmente inerentes a este período, desconsiderando o lugar social e a história de vida do sujeito em questão (AGUIAR; BOCK; OZELLA, 2001).

Esse conceito estereotipado de adolescente foi cunhado historicamente, a partir da ascensão do capitalismo e traz como referência um tipo específico de jovem: "homem-branco-burguês-racional-ocidental [...] pertencente à classe média alta urbana" (AGUIAR; BOCK; OZELLA, 2001, p. 166). Portanto, a superação desse padrão socialmente imposto e historicamente construído é necessária para a valorização do sujeito em sua individualidade e num processo de construção de sua identidade pessoal e social. E por isso a perspectiva sócio-histórica advoga que a compreensão do sujeito enquanto único, detentor de uma história pessoal, inserido em um contexto específico e capaz de atuar sobre a sociedade de modo a mudar ou manter os rumos de sua história, a partir de suas escolhas, é condição primária para o desenvolvimento de uma orientação profissional crítica e promotora de autonomia.

Percebemos, portanto, que a perspectiva sócio-histórica aplicada à orientação profissional vem se apresentando como uma crítica ao antigo modelo que tendia a atribuir ao indivíduo a responsabilidade por sua pouca orientação frente à escolha profissional como se houvesse um desajustamento psicológico que precisasse ser corrigido pelo orientador. Tal abordagem tenta demonstrar que a falta de orientação está mais relacionada com a complexidade do sistema produtivo do que com aspectos estritamente individuais (LIMA; ALENCAR; SOUSA, 2017).

Carvalho e Marinho-Araújo (2010) afirmam que a orientação profissional tem o objetivo de capacitar o orientando a realizar uma escolha consciente e autônoma, consciência entendida não apenas com relação à escolha em si da profissão, mas consciência de si mesmo e do espaço em que está inserido. Nesse sentido, entendemos que despertar a consciência de

classe e de oportunidades desiguais no mundo do trabalho é também função do orientador profissional. Ao mesmo tempo, entendemos que a autonomia é sempre parcial, uma vez que a influência do meio sobre as escolhas individuais é inevitável. Entretanto, ainda que de forma limitada, considerando as questões de classe e de direitos sociais negados, o direito de escolha ainda pertence ao sujeito e despertar o desejo pelo exercício desse direito será uma forma de ajudá-lo a caminhar cada vez mais em direção à autonomia plena.

No âmbito específico da EPT, encontramos no Instituto Federal do Piauí uma coleção de textos, organizada por Negreiros e Souza (2017), lançada em cinco volumes *online*, com a finalidade de relatar as práticas em psicologia escolar realizadas naquele Instituto. Nos volumes 01 e 03 são encontradas práticas em orientação profissional, relatadas por psicólogos de diversos *campi*, que dão indicativos de como esse trabalho vem sendo desenvolvido.

No primeiro volume, Lima, Alencar e Sousa (2017) mencionam a atividade de orientação profissional desenvolvida no *Campus* Angical do Piauí, a qual foi desenvolvida com pequenos grupos de 6 e de 8 alunos do ensino médio com duração de seis semanas e encontros semanais de 40 minutos. As autoras relatam que não fizeram uso de teste psicológico, mas trabalharam com atividades que fomentassem a reflexão nos orientandos, com relação aos estudos formais e à profissão, condição socioeconômica e sua influência na escolha profissional e conhecimento das profissões. As atividades foram realizadas através de discussões temáticas direcionadas, apresentação de ilustrações e atividades práticas como preenchimento de cartolina e coleta de informações com profissionais externos.

No terceiro volume, o relato de Costa (2017) apresenta um trabalho realizado com alunos do ensino médio dos diversos cursos do *campus* (inscrição livre), em três encontros, por meio de oficinas de orientação profissional e elaboração de plano de carreira, juntamente com acompanhamento individual e feira de estágio e profissões. O ponto a ser destacado é que a autora enfatiza que a orientação tem um foco voltado para a empregabilidade como fator relevante para a escolha ou não de determinada profissão, o que não corrobora a proposta da Formação Humana Integral que visa à formação integral do sujeito como objetivo primário, mantendo o foco das ações voltadas para o objetivo do sujeito e não do mercado de trabalho.

Ainda no terceiro volume é relatada a experiência de Rosa e Luz (2017) em uma atividade de extensão desenvolvida numa escola de nível médio da rede pública estadual no contraturno das aulas. Seu plano de trabalho é desenvolvido em oito encontros semanais com utilização principal de explanação oral, apresentação de vídeos temáticos e dinâmicas de

grupo, com temáticas voltadas para o autoconhecimento, construção do projeto de vida, reflexões a respeito do processo de escolha, avaliação do conhecimento sobre as profissões, o mercado e o mundo do trabalho e reflexão sobre os valores pessoais e sua relação com a escolha da profissão. Os autores também mencionam ter utilizado testes psicológicos de cunho projetivo para autoconhecimento e em modelo de inventário para a escolha da profissão³. É possível notar no relato de experiência de Rosa e Luz (2017) diferença marcante no modo de abordagem e na finalidade da orientação em comparação a Costa (2017), anteriormente citada. Apesar de Rosa e Luz (2017) também considerarem o mercado de trabalho como fator relevante, o apresentam apenas como um de diversos aspectos a serem considerados como influentes, não desconsiderando as aptidões, interesses e o contexto social do sujeito.

Os relatos apresentados demonstram a importância da realização de orientação profissional mesmo em cursos de ensino médio técnico - situação na qual se sugere que a escolha profissional já está efetivada - uma vez que muitos estudantes fazem a opção pelo Instituto Federal não apenas pela oferta do curso técnico, mas também pela qualidade do ensino, principalmente no que diz respeito aos IF's fora das capitais onde sua presença é fator gerador de mudanças sociais e geralmente leva novas expectativas de ensino tanto de nível médio quanto de nível superior (JORGE, 2017).

Acreditamos que muitos outros relatos poderiam ser apresentados de trabalhos de orientação profissional desenvolvidos nos IF's e muitos ainda poderão ser escritos, considerando os trabalhos que vêm sendo desenvolvidos em diversos *campi* em todas as regiões do país, levando-se em consideração a expansão da Rede Federal de Educação Ciência e Tecnologia já presente em todas as capitais do país e em vários municípios do interior. Entretanto, para que isto ocorra, algumas dificuldades precisam ainda ser superadas, tanto no tocante à conquista do espaço do psicólogo na escola, quanto ao incentivo à produção na área da educação por atores não docentes - TAEs. Titon e Zanella (2018) afirmam, a partir de levantamento realizado em bases de dados sobre as produções a respeito da atuação do psicólogo no âmbito da EPT, que todos os trabalhos encontrados são publicações feitas a partir de 2009, ano seguinte à instituição dos Institutos Federais, o que evidencia e justifica o

³ Sobre a utilização de testes vale ressaltar que apesar de que, como afirma Neiva (2013), a orientação profissional poder ser desenvolvida por pedagogos e psicólogos, a utilização de testes psicológicos é restrita a este último e está condicionada à avaliação do Conselho Federal de Psicologia (CFP).

número reduzido de material encontrado sobre práticas em orientação profissional, relacionados à EPT, ao mesmo tempo em que somos desafiados à construção de novas produções que possam servir de subsídios para a prática profissional⁴.

Percebemos, então, que assim como a psicologia escolar ainda é uma área em desenvolvimento, também a orientação profissional, principalmente no âmbito da EPT, ainda está sendo desenvolvida. Vertentes psicométricas que, em seu surgimento, foram revolucionárias, hoje já não respondem mais às necessidades de um sujeito cada vez mais inserido na sociedade e que não pode eximir-se de levar em conta a influência desse contexto sobre suas escolhas. Nesse viés, mostra-se evidente que uma orientação profissional que pretenda alcançar eficácia no âmbito da EPT, precisa considerar o sujeito em toda a sua complexidade e integralidade e, portanto, precisa ter por base uma vertente que, como afirmam Rosa e Luz (2017), vejam o adolescente como um sujeito ativo, social e histórico capaz de perceber-se em seu ambiente e de entender a importância de sua atuação para a transformação desse ambiente.

1.2 FORMAÇÃO HUMANA INTEGRAL E ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL NA EPTNM

Podemos observar, a partir da descrição sobre orientação profissional apresentada na seção anterior, que esta tem muito a contribuir para a Formação Humana Integral dos orientandos, uma vez que a vertente escolhida pelo orientador tenha em suas bases o compromisso com a transformação social e reconheça a influência do contexto sócio político cultural do sujeito sobre suas escolhas. De modo similar, entendemos que, mesmo no contexto da EPT, as escolhas feitas não são e não precisam ser definitivas e, portanto, a orientação profissional desenvolvida para alunos estudantes de cursos técnicos é legítima e necessária.

No intuito de introduzir a discussão sobre Formação Humana Integral, Santos (2012) realiza uma análise do conceito na obra de Marx e afirma que este a entende como proposta de um projeto de sociedade que vise a omnilateralidade e que supere a visão unilateral de

⁴ Considerando que, conforme documento do Conselho Nacional das Instituições da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (Conif), a Rede Federal de Educação Profissional Científica e Tecnológica conta hoje com 647 *campi* em todos os estados da federação, e que cada unidade conta com a presença de ao menos um psicólogo escolar, é possível vislumbrar vasto número de produções relacionadas à orientação profissional no âmbito da EPT, que podem ser desenvolvidas em todo o país.

sociedade e de pessoa, uma vez que a unilateralidade é condicionada por uma prática social que fomenta a dicotomia entre trabalho manual e intelectual, ensino e prática. Nesse sentido, a autora ressalta a importância de fazer a distinção entre formação omnilateral e formação pluriprofissional que seria o conhecimento de várias atividades distintas, mas sem a apropriação do processo produtivo como um todo, permanecendo assim a subsunção ao capital e à classe dirigente.

No sistema capitalista, a formação 'integral' é compreendida como a formação de cada operário no maior número possível de atividades industriais, de forma que se precisar ser remanejado de uma atividade a outra, por emprego de uma máquina nova ou por alguma mudança na divisão do trabalho, possa facilmente encontrar uma colocação, sem prejudicar a organização geral do modelo produtivo (SANTOS, 2012, p. 11).

A Formação Humana Integral está além desta proposta e não visa meramente à praticidade que atenda ao capital, mas visa à formação do sujeito em seu desenvolvimento social e humano. Em última análise, a formação omnilateral pretende formar sujeitos críticos. Para além da união entre trabalho manual e intelectual, pretende-se que o trabalhador adquira a compreensão sobre a totalidade do processo social no qual está inserido e supere a submissão ao modelo capitalista que lhe foi imposto. Mais do que instrução para o trabalho, a formação omnilateral pressupõe a crítica ao modelo histórico do trabalho sob o modo de produção capitalista (SANTOS, 2012).

A divisão histórica do trabalho entre manual e intelectual é uma estratégia do modo de produção capitalista com a finalidade de forçar o sistema educacional a funcionar de modo a suprir suas demandas, fomentando um ensino que distinga trabalho manual e intelectual, simples e complexo, cultura geral e técnica, formando seres humanos unilaterais, acrícos, mão de obra extremamente qualificada para a manutenção das necessidades prementes da indústria. Uma educação pautada nesses princípios está trabalhando não pela valorização do indivíduo, mas do capital (MOURA; LIMA FILHO; SILVA, 2015).

Ainda de acordo com os autores, a compreensão do conceito de Formação Humana Integral está relacionada à compreensão dos interesses do capital na educação. A transformação da indústria que fez com que esta exigisse mão de obra qualificada, diversificada, levou à exigência de profissionais versáteis, capazes de desempenhar diferentes tarefas, exigindo-se uma instrução também versátil que o preparasse para atividades diversificadas e para o aprendizado rápido de novas atividades, entretanto, sem a

compreensão do todo, mantendo-o, por isso, submisso a seus empregadores.

A discussão do conceito de Formação Humana Integral traz à tona a discussão do conceito de politecnia que por vezes é apresentado como seu sinônimo, mas que, segundo Moura, Lima Filho e Silva (2015) é parte da Formação Humana Integral, mas não o seu todo. Segundo os autores, a análise dos escritos de Marx permite entrever que este pensava a Formação Humana Integral como o desenvolvimento do ser humano completo em todos os seus aspectos e, portanto, a educação politécnica perpassava por esse desenvolvimento. A politecnia por propor em seu escopo o trabalho como princípio educativo, a cultura, a ciência e a tecnologia, mostra-se caminho essencial para se chegar à formação integral do sujeito. Entretanto, esta formação integral perpassa por outros aspectos que os autores dividem em três: a crítica à educação burguesa; a relação do proletariado com a ciência, a cultura e a educação; e a formação integral do homem a partir da rearticulação entre o trabalho manual e a atividade intelectual.

Nosella (2007) abre uma discussão, até então inédita, sobre politecnia ao apresentar esse conceito como um posicionamento historicamente ultrapassado, que teve sua força na década de 1990, mas que na atualidade já não está mais na pauta dos educadores e que, portanto, deveria ser substituído. Sua crítica ao uso do termo está embasada principalmente na questão semântica, que, segundo o autor, foi totalmente desconsiderada por aqueles que fazem uso dele, uma vez que, etimologicamente, o termo politécnico significa o uso de múltiplas técnicas, não se poderia segundo ele, sugerir que o termo politecnia significasse a unificação do trabalho manual e intelectual.

A discussão do uso do termo politecnia que relatamos é embasada em sua maior parte no texto “o choque teórico da politecnia” de Saviani (2003) que, segundo Nosella (2007) é o único defensor da politecnia que faz ressalvas quanto à etimologia da palavra. Ressalvas estas consideradas insuficientes pelo crítico que assevera que a palavra original do texto de Marx era *tecnológica* e não *politécnica* ao referir-se à proposta educacional para os trabalhadores. Entretanto, é obrigado a admitir no decorrer de seu texto o que pondera Saviani (2003), que o termo tecnológico na contemporaneidade indica mais os princípios da classe dominante do que os princípios da classe trabalhadora.

Ramos (2017) faz um adendo a esta discussão ao afirmar que o auge do uso do termo deu-se, de fato, nas décadas de 1980 e 1990, uma vez que, nesse período pós-ditadura civil-militar, estavam sendo construídos os fundamentos da Lei de Diretrizes e Bases da educação e tentava-se construir uma LDB que fosse pautada nos princípios da Formação Humana Integral

e, portanto, procurava-se caminhar para a construção de uma escola politécnica no entendimento que se fazia, naquele momento, das leituras de Marx.

A autora afirma ainda que o recente retorno ao termo politécnia deve-se à rediscussão da política do ensino médio em virtude das mudanças na educação, tanto no início dos anos 2000 com a lei 5.154/2004 que revogou a lei 2.208/1997 e atualmente a discussão volta à tona a partir do que a autora chama de contrarreforma proposta pelo governo a partir da lei 13.415/2017, nesse sentido, o momento atual é sim momento propício para retomada da discussão sobre politécnia.

Moura, Lima Filho e Silva (2015) entendem que o uso do termo dentro do contexto da EPT, em um conceito meramente etimológico desvinculado de sentido historicamente adquirido, está favorecendo diretamente ao interesse capitalista, uma vez que o profissional que seja capacitado para desenvolver diversas tarefas de acordo com o interesse e a necessidade da indústria, mas que não tenha desenvolvido a criticidade para situar-se dentro desta relação nem para compreender que precisa empoderar-se do todo como meio de emancipação, terá recebido uma educação polivalente, mas não politécnica e estará ainda subsumido aos interesses do capital. A politécnia e, por consequência, a Formação Humana Integral, visa primariamente ao empoderamento do trabalhador com vistas a sua emancipação.

Apresentamos esta discussão para evidenciar o que é sabido, de que o uso do termo “politecnicidade” não é consenso entre os estudiosos da educação tecnológica, entretanto, ele é mantido em nosso estudo, uma vez que é utilizado por diversos autores pesquisados como Dermeval Saviani, Gaudêncio Frigotto, Marise Ramos e outros que estão citados no decorrer do trabalho, além de ser um dos princípios da formação profissional, apresentados no documento base da EPTNM (BRASIL, 2007).

Nosella (2007), apesar de discordar do uso que se faz do termo politécnia, não discorda do conceito de formação omnilateral, nem da ideia de superação da dicotomia entre trabalho manual e intelectual como ideal da educação, ao contrário, reafirma tal ideia e apresenta a escola unitária como proposta adequada para a efetivação desse tipo de educação. Segundo o autor, a ênfase dada historicamente ao trabalho enquanto produção de mercadorias refletiu os valores do modelo industrial, “[...] para o qual o trabalho intelectual, a rigor, nem trabalho era” (NOSELLA, 2007, p. 148) e reafirma a contribuição de Gramsci que, segundo ele, representou bem as ideias de Marx da unitariedade educacional e, apropriando-se das ideias de Gramsci, afirma:

Assim como todos os homens são intelectuais, os intelectuais também são

trabalhadores, pois nem o trabalho braçal dispensa o cérebro, nem o trabalho intelectual dispensa o esforço muscular nervoso, a disciplina, os tempos e os movimentos. Infelizmente, para a sociedade em que vivemos, os jovens “trabalham” de dia e de noite “estudam”; ou então se diz: “Mas você só estuda? Não trabalha?”, ou seja, o estudo não é considerado trabalho (NOSELLA, 2007, p. 148).

Saviani (2003) afirma que a dificuldade de alcançar uma educação que propicie uma Formação Humana Integral está diretamente relacionada ao modo de produção capitalista, uma vez que o conhecimento é visto como meio de produção e, portanto, não deve ser disponibilizado ao trabalhador. Ao passo que, paradoxalmente, o trabalhador precisa do conhecimento para realizar suas atribuições. Nesse sentido, a solução é disponibilizar ao trabalhador o conhecimento fragmentado, meramente suficiente para o desenvolvimento de suas atividades laborais.

Esse modelo foi também transmitido à escola com os cursos profissionalizantes que visavam ao treinamento em uma área específica de conhecimento para atuação na indústria. Esse tipo de treinamento favorece e fortalece o modo de produção capitalista que visa à fragmentação do trabalho, gerando, além disso, uma separação social entre aqueles que executam e aqueles que controlam o processo de trabalho, sendo o conhecimento científico direcionado a estes e o ensino profissionalizante àqueles (SAVIANI, 2003).

A partir desta relação entre a divisão do trabalho, sua relação direta com a escola e sua consequente divisão social, Saviani (2003) apresenta a ideia de politecnia como a crítica a esse modelo e a proposta de sua superação. Superação esta que se fará mediante a socialização dos meios de produção, colocando todo o processo produtivo, não fragmentado, a serviço da coletividade. É nesse sentido que a mudança da educação se tornará em mudança da sociedade, como afirma Nosella (2007, p. 150) “[...] a unitariedade escolar cresce *pari passu* com a unitariedade cultural e econômica da sociedade”.

Nesse sentido, Nosella (2007) apresenta ainda três dimensões da categoria trabalho que são comunicação, produção e fruição que ele chama de processo completo do trabalho. Dentro da divisão do trabalho voltada para o acúmulo do capital, o trabalhador recebe a comunicação, ou seja, a instrução de forma parcial, conforme explicitado, participa diretamente da produção, mas ainda de forma parcial, por não ter oportunidade de participar do processo integral. E raramente participa da fruição por não ser detentor de capital e não poder valer-se do fruto de seu trabalho.

Zen e Oliveira (2018) buscam as bases teóricas para a concepção de Formação Humana Integral em três autores: Karl Marx, Antonio Gramsci e Paulo Freire, segundo os

autores, Marx apresenta a questão do trabalho, alienação e emancipação humana, Gramsci, a escola unitária e a formação unilateral e Freire a práxis, a conscientização e a libertação que, segundo ele é função da escola. Tais autores entendem que para que se possa falar em Formação Humana Integral, esta precisa perpassar por todas estas etapas.

Os autores supracitados apresentam dois sentidos do trabalho, o ontológico e o histórico, sendo o primeiro relacionado ao fato de o trabalho ser atividade vital do homem, essencial no processo de formação integral do homem, entrando em acordo com Ramos (2017) que afirma que a classe trabalhadora é a classe que efetivamente produz a existência social, uma vez que, diferentemente da classe dos dirigentes, o seu trabalho gera um produto tangível enquanto aqueles apenas vivem do resultado do trabalho destes. E o sentido histórico está no significado que o trabalho adquiriu em cada período das diferentes sociedades construídas pela humanidade, sendo que a alienação do trabalhador acontece justamente no momento histórico da ascensão do capitalismo com a divisão social e técnica do trabalho, desse modo, a alienação do trabalhador está relacionada ao sentido histórico do trabalho e a Formação Humana Integral apresenta-se como contraponto à alienação.

Ribeiro, Sobral e Jataí (2016) afirmam que os conceitos centrais que compõem a base para a formação unilateral são a politecnia, a escola unitária e a educação tecnológica. Sua prioridade é a superação do dualismo instaurado na educação formal que é reforçado pelo discurso da qualificação profissional e da empregabilidade. Segundo eles, esse discurso está baseado de relações estabelecidas pela ideologia dominante que relaciona a melhoria de vida dos trabalhadores e a empregabilidade à profissionalização. Entretanto, segundo os autores, isto representa uma estratégia do Estado para adequar a educação ao mercado de trabalho com apoio da classe operária a partir das utopias de melhoria de vida e de emprego garantido, quando que a finalidade real está em atender à demanda do mercado.

Contudo, esta posição do Estado, apenas garante ao sistema capitalista o domínio da educação e a consequência disso não está apenas na área econômica, mas também no mundo das ideias, dos valores e das relações sociais, ou seja, a afirmação de que o trabalhador que produz a mais valia para o mercado sem usufruir desse produto de seu trabalho estende-se, também, para outras áreas como cultura e conhecimento que também são manipulados pelos dirigentes e detentores do capital e disponibilizados exclusivamente para a categoria dominante. Nesse sentido, é imprescindível que os conceitos centrais da unilateralidade: politecnia, escola unitária e educação tecnológica sejam reforçados e aplicados na EPTNM para que seja possível, ainda que em longo prazo, a superação do modelo de produção

capitalista. Por mais que se consiga aliar o trabalho produtivo e a instrução, se a finalidade não for a superação do modelo capitalista, não se pode falar em formação omnilateral, porque ainda se estará sob o jugo do capital e, conseqüentemente, não estará ocorrendo promoção da autonomia (RIBEIRO; SOBRAL; JATAÍ, 2016).

A escola unitária de Gramsci é vista pelos autores acima como a concretização da educação omnilateral proposta por Marx, sendo este o modelo de escola ideal, o que corrobora o pensamento de Moura, Lima Filho e Silva (2015) que afirmam que a escola unitária é o lugar onde a educação politécnica deverá ocorrer. Entretanto, os autores concluem que, considerando o modelo capitalista da sociedade, a concretização desse modelo escolar não é possível no presente, mas, entendem que a escola de ensino integrado é o modelo de transição para se chegar a esse fim, uma vez que promove a integração do trabalho intelectual e manual, e entende o trabalho como princípio educativo, além de ter como princípio o ensino cultural, científico e tecnológico.

A partir desta análise, apresenta-se uma crítica às propostas de currículo integrado que meramente têm a finalidade de transmissão de conhecimento, sem a finalidade de desenvolver o pensamento crítico e fomentar a emancipação pretendendo-se educação integral pela mera junção dos currículos. Ressalta-se, inclusive, que a escola unitária de Gramsci não contempla a formação profissional, esta se fez pela necessidade da classe operária de iniciar sua atividade profissional mais cedo do que a classe dos dirigentes. Desse modo, o que se pretende é que a formação profissional, uma vez necessária, seja desenvolvida de forma diretamente associada à formação geral de modo a que seja uma formação unitária e não dicotômica.

Numa comparação entre o pensamento gramsciano e as propostas de Marx, Moura, Lima Filho e Silva (2015) concluem que Gramsci apresenta soluções por vezes divergentes das apresentadas por Marx, apesar de apoiar-se em suas ideias. Uma das justificativas evidentes é o momento histórico vivenciado por cada um deles, enquanto Marx viveu no século XIX, tendo seus estudos direcionados para a realidade inglesa no período da primeira revolução industrial, Gramsci desenvolveu seus estudos na Itália do século XX. Assim, enquanto Marx propunha uma educação intelectual, física e politécnica (ou tecnológica), Gramsci propunha a escola unitária com período mais longo de permanência e sem a educação profissional, enquanto Marx propunha a redução do tempo de trabalho para crianças e adolescentes, Gramsci propunha a escola de tempo integral e o adiamento da inserção no mercado de trabalho.

Na realidade do Brasil contemporâneo, entendemos que o fortalecimento do ensino politécnico é imprescindível para o processo formativo, porque é ele que permitirá aos estudantes compreender os fundamentos científicos, tecnológicos e sócio-históricos da produção. Nesse sentido, a primeira percepção que a politecnicidade e, conseqüentemente, a formação omnilateral irá gerar no estudante é a compreensão do seu lugar social. É imprescindível que o estudante compreenda não somente a divisão social do trabalho, mas também o seu lugar e seu papel nesse processo de construção. A politecnicidade, então, levará o sujeito a desenvolver o aspecto ontológico no aprendizado por meio do trabalho (RAMOS, 2017).

A autora supracitada propõe o fortalecimento do sentido filosófico da integração entre trabalho manual e intelectual com a finalidade de fazer com que o sujeito se perceba como fruto das relações histórico sociais integrando as dimensões fundamentais da práxis social: trabalho, ciência e cultura. A apreensão desses conceitos pode colaborar para que o estudante compreenda a prática econômica não com a finalidade de acumulação de riquezas, mas enquanto produção social necessária à existência humana.

Tal compreensão pode gerar um novo sentido para o trabalho, a partir do qual as especializações serão ordenadas, não mais com a finalidade de atender as necessidades da indústria, mas da sociedade. A escolha profissional do sujeito, então, se fará pautada tanto nas necessidades sociais quanto em seus interesses ideológicos e habilidades pessoais. A pergunta para a escolha profissional, então, mudará de “qual profissão o mercado está contratando” para “que tipo de profissional este setor da sociedade no qual estou inserido precisa” e, “dentre estas opções, com qual me identifico”.

Moura, Lima Filho e Silva (2015) afirmam que a finalidade da Formação Humana Integral é dar ao trabalhador condições de voltar a ter o domínio sobre o conteúdo do próprio trabalho, dando-lhe condições de enfrentar as contradições entre capital e trabalho. Em suma, gerando nele maior independência e autonomia. Esta colocação corrobora a perspectiva da orientação profissional apresentada por Bock (2018), que propõe a mesma como meio de auxiliar o orientando a desenvolver sua autonomia para a escolha. Quanto mais o jovem tem oportunidades de refletir sobre o mundo do trabalho e suas possibilidades mesmo dentro de circunstâncias sociais desfavoráveis, melhor preparado estará para realizar uma escolha mais consciente.

Com relação à consciência da escolha, Carvalho e Marinho-Araújo (2010) reiteram que a intervenção efetivada pela orientação profissional visa a “instrumentar a pessoa a

realizar escolhas conscientes e autônomas na definição de sua identidade profissional” (p. 221). Esta consciência está relacionada, também, à consciência de sua condição de classe e das oportunidades desiguais a que está submetido pelo sistema social. A ampliação desta consciência e da necessidade de posicionamento frente a esta condição, é também proposta da orientação profissional.

Nosella (2011) propõe uma discussão quanto ao direito à indefinição profissional, ou seja, a relação dicotômica e desleal que existe entre os filhos da classe dirigente que podem, tanto passar o ensino médio preparando-se para as provas de ingresso às universidades, quanto nesse período, não precisam se preocupar com a profissão a ser escolhida, enquanto os filhos da classe operária precisam optar por um ensino profissionalizante já aos 14 ou 15 anos para poderem ter uma profissão que os ajudará no sustento da casa, ou, quando em situação ainda mais adversa precisam cursar o ensino médio a noite para durante o dia, trabalhar em uma profissão para a qual não foram formados, ou até mesmo em subempregos que não teriam escolhido se tivessem oportunidade.

A politecnia e, conseqüentemente, a Formação Humana Integral ainda são vistas como propostas não concretizadas e presentemente não concretizáveis, dadas as conjunturas sociopolíticas vigentes. No entanto, acreditamos que a escola de tempo integral que fomente a profissionalização atrelada ao desenvolvimento humano, tentando buscar sempre a inter-relação entre conhecimento teórico e prático, seja o melhor caminho para a aproximação cada vez mais premente desse modelo educacional (MOURA; LIMA FILHO; SILVA, 2015).

Zen e Oliveira (2018) ressaltam a proposta de escola desinteressada de Gramsci como contraponto da escola dualista que prezava pela dicotomia do ensino que visava formar a elite pela educação propedêutica e a classe proletária com a oferta do ensino profissionalizante. Assim, a escola desinteressada de Gramsci seria no sentido de formar o sujeito pleno sem definir seu lugar social, mas capacitando-o para esta escolha, através de uma formação integral.

Ramos (2017) apresenta uma reflexão que corrobora o pensamento de Neiva (2013) quanto à necessidade de uma avaliação da maturidade para a escolha profissional antes de iniciar o processo de orientação quando, baseada nos escritos de Gramsci, afirma que a escolha profissional deveria ser feita quando o aluno já tivesse sido levado a um grau de maturidade intelectual. Tal conceito leva a retomar o histórico da construção da LDB de 1996, quando, segundo Ramos (2017), a proposta inicial era de que o ensino fosse apenas propedêutico e que a escolha da profissão se fizesse na entrada do curso universitário, ou

mesmo através de curso técnico, mas que seria realizado após a conclusão do ensino médio que teria, então, a finalidade de viabilizar ao aluno o amadurecimento necessário para a realização desta escolha.

Considerando a Formação Humana Integral como critério essencial no processo de emancipação do indivíduo e considerando ainda, que esta emancipação se fará tanto mais quanto maior for o autoconhecimento do sujeito e o conhecimento da realidade na qual está inserido, acreditamos que uma orientação profissional eficaz deva ser pautada na realidade presente dos indivíduos que decidem participar dela.

Não é possível realizar uma orientação genérica, pautada em perfis pré-fabricados, mas a orientação vai sendo construída conforme os orientandos vão descobrindo-se e revelando-se nesta descoberta e, a partir daí, vai-se percebendo quais aspectos precisam ser mais ou menos trabalhados com determinados indivíduos ou grupos de indivíduos, em determinado momento e em determinada circunstância. Em outras palavras, a orientação profissional vai sendo construída a partir do fazer coletivo de orientador e orientandos.

Assim, uma vez articulados os conceitos desta pesquisa, objetivo deste capítulo, seguimos, no capítulo seguinte, com o percurso metodológico para o desenvolvimento do Programa de Orientação Profissional, por nós proposto, que, ao buscar trabalhar a realidade específica dos orientandos, pautou-se na busca pelo autoconhecimento, pelo conhecimento da realidade e na crítica ao contexto social em que os participantes estão inseridos.

2 PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA⁵

*Liberdade,
essa palavra que o sonho humano alimenta,
que não há ninguém que explique,
e ninguém que não entenda.*
(Cecília Meireles)

O presente capítulo apresenta o percurso metodológico utilizado no planejamento, implementação e avaliação de um Programa de Orientação Profissional com alunos da EPTNM. O capítulo é desenvolvido em cinco seções: tipo de pesquisa; contexto e participantes; desenvolvimento da pesquisa; técnicas e instrumentos para a coleta de dados; e procedimentos para análise dos dados.

2.1 TIPO DE PESQUISA

A presente pesquisa foi desenvolvida a partir do Programa de Orientação Profissional realizado com alunos finalistas do ensino médio integrado, este programa é parte de nossa prática profissional. Por isso, optamos pela utilização da pesquisa qualitativa, com a finalidade de melhor abarcar, além dos dados coletados, também, os processos envolvidos nas relações interpessoais no decorrer das ações.

Creswell (2014) entende a pesquisa qualitativa como um estudo que aborda os significados atribuídos pelo grupo a um problema social ou humano, não sendo o mero estudo do problema a ser investigado, mas do impacto do problema sobre a vida dos envolvidos e da percepção que estes têm a respeito desse impacto, além das perspectivas de transformação da realidade que ora se apresenta. Assim, justifica-se a proposta de nossa pesquisa que pretende analisar em que aspectos a orientação profissional pode atuar na Formação Humana Integral de alunos da Educação Profissional Técnica de Nível Médio.

No bojo da pesquisa qualitativa, optamos por utilizar a pesquisa-ação por ser uma forma de pesquisa realizada a partir da própria prática de quem pesquisa (BARBIER, 2002), permitindo-nos dar novo sentido a nossa prática ou testá-la enquanto método. Não se trata,

⁵ Pesquisa aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa do Instituto Federal do Amazonas. Parecer: 3.291.501, datado de 29 de abril de 2019.

pois, de apenas justificar o próprio fazer, mas de dar-lhe novo sentido em vias de melhorá-lo. Considerando que a orientação profissional já é uma prática em nosso ambiente de trabalho, a pesquisa também contribuiu para fundamentar nossa prática e construir melhorias de forma conjunta com os participantes.

Sobre a pesquisa-ação, Andaloussi (2004) afirma existirem várias denominações, com ênfase de aspecto organizacional e de análise institucional. O autor afirma que a existência de várias vertentes, por vezes, tende a gerar divergências no âmbito da pesquisa-ação, principalmente nos aspectos relativos ao foco que se dá no que se refere a sua prática, seja para a pesquisa, seja para a ação em detrimento da pesquisa, tendo em todas as acepções como ponto comum, contudo, a busca pela superação da pesquisa clássica.

Assim, o autor reitera que a pesquisa-ação, para que seja assim considerada, precisa efetivar aquilo que já traz implícito no termo: o critério de complementaridade. O hífen utilizado no termo ressalta que não se trata de pesquisa sobre a ação, nem tampouco pesquisa para a ação, não devendo existir uma sobreposição de valores seja da pesquisa sobre a ação ou da ação sobre a pesquisa. Afirma, ainda, que para que se tenha uma pesquisa-ação autêntica é necessário que a pesquisa cumpra a função de diagnosticar uma situação, iniciar, acompanhar e observar uma ação conferindo-lhe sentido e avaliando os resultados, gerando assim um círculo que permitirá o surgimento de novas ações que serão novamente observadas e avaliadas.

Tripp (2005) apresenta cinco modalidades de pesquisa-ação que são definidas de acordo com o método e com a finalidade das mesmas: pesquisa-ação técnica; pesquisa-ação prática; pesquisa-ação política; pesquisa-ação socialmente crítica; e pesquisa-ação emancipatória. O autor afirma que as diferenças apresentadas entre uma e outra, vão além de distinções técnicas, pois trata-se de modalidades de pesquisa diferentes sem, contudo, deixar de serem consideradas pesquisa-ação.

Nesse sentido, considerando a finalidade do programa que fundamentou a pesquisa, que é desenvolver nos participantes uma consciência crítica da realidade e de gerar nos mesmos, condições para conquistar sua autonomia, entendemos ser esta uma pesquisa-ação socialmente crítica, uma vez que busca gerar mudanças no modo de pensar e agir dos participantes. Segundo Tripp (2005, p. 458), “a pesquisa-ação socialmente crítica passa a existir quando se acredita que o modo de ver e agir ‘dominante’ do sistema, dado como certo relativamente a tais coisas, é realmente injusto de várias maneiras e precisa ser mudado” e,

portanto, ao mudar seu modo de ver e agir sobre o mundo o participante terá condições de agir sobre a transformação de sua realidade.

Tripp (2005) define a pesquisa-ação como uma forma de investigação-ação que faz uso de técnicas de pesquisa consagradas com a finalidade de produzir a descrição dos efeitos das mudanças geradas pela prática do ciclo da investigação-ação, ciclo este que comporta a oscilação sistemática entre agir no campo da prática e investigar a respeito da mesma, perpassando por três momentos: planejamento, implementação e avaliação. Nesse sentido, independentemente da modalidade de pesquisa-ação, todas perpassam estas etapas em trabalho conjunto de pesquisador e participantes com a finalidade de atingir as melhorias esperadas pelo grupo, conforme apresentado na Figura 1.

Figura 1 – Ciclo da Pesquisa-ação



Fonte: Elaboração própria, com base em Tripp (2005).

A fase do planejamento – é nesta fase que ocorre principalmente a articulação entre pesquisa e ação, uma vez que todas as fases são planejadas e sua viabilidade é testada antes de serem executadas, como afirma Tripp (2005, p. 456) “ao planejar, planeja-se o que planejar,

começa-se a planejar, monitora-se o progresso do plano e avalia-se o plano antes de ir adiante para implementá-lo”. Nesta fase averigua-se a viabilidade da pesquisa, bem como, sua relevância e a eficácia da proposta empreendida.

A fase do planejamento, como todas as fases da pesquisa-ação, deve ser participativa, ou seja, deve envolver todos os participantes da pesquisa e não apenas o pesquisador. Entretanto, Tripp (2005) apresenta alguns apontamentos quanto ao grau de participação de cada um dos envolvidos que está relacionado não apenas à postura do pesquisador, mas à postura dos próprios participantes que podem estar ali apenas por serem parte daquele grupo ou daquela atividade que está sendo alvo da pesquisa, mas, apesar disto, não se perceberem como colaboradores ou cooperadores da pesquisa. Ainda assim, mesmo nesses casos, destaca o autor que os envolvidos serão atingidos de alguma forma pela ação que está sendo desenvolvida ou por suas consequências. Desse modo, em pesquisa-ação não levantamos a questão sobre a participação ou não dos envolvidos na pesquisa, mas sobre seu grau de envolvimento nesta participação.

A fase da implementação - é a fase da pesquisa em que são desenvolvidas as ações planejadas. Tripp (2005) relata a importância de que essa fase seja permeada da reflexão, uma vez que é ela que permitirá que a direção tomada seja alterada caso as circunstâncias não sejam conforme o planejado. Nesse sentido, o autor utiliza o conceito de epiciclos de pesquisa-ação para ressaltar que, assim como a reflexão, também a avaliação e o (re)planejamento estão em todas as fases da pesquisa. “Por exemplo, ao planejar, planeja-se o que planejar, começa-se a planejar, monitora-se o progresso do plano e avalia-se o plano antes de ir adiante para implementá-lo” (p. 454).

Desse modo, durante a fase da implementação é possível fazer uma avaliação e mudar o planejamento se os resultados parciais da mudança não forem satisfatórios, de acordo com os objetivos propostos, ou mesmo, se as condições encontradas forem diferentes das esperadas durante a fase de planejamento, por exemplo. Assim, a pesquisa-ação “[...] é um processo corrente, repetitivo, no qual o que se alcança em cada ciclo fornece o ponto de partida para mais melhora no seguinte” (TRIPP, 2005 p. 454).

A fase da avaliação – esta fase deve perpassar todo o ciclo da pesquisa-ação. A princípio, quando realizamos um planejamento temos que avaliar sua eficácia, em seguida, devemos fazer uma avaliação constante da prática em andamento na fase de implementação e por fim, uma avaliação final do trabalho realizado. Assim, no entender de Tripp (2005) o ciclo

da pesquisa-ação é um continuum de vários ciclos e cada um deles precisa ser avaliado antes de se seguir para o próximo.

A fase de avaliação é, naturalmente, momento de reflexão sobre a prática que foi desenvolvida, entretanto, em pesquisa-ação não separamos um momento específico para a reflexão nem a colocamos como uma parte específica do processo, uma vez que ela é parte inerente de todo o processo de pesquisa-ação, como afirma Tripp (2005, p. 454) “O processo começa com reflexão sobre a prática com a fim de identificar o que melhorar. A reflexão também é essencial para o planejamento eficaz, implementação e monitoramento, e o ciclo termina com uma reflexão sobre o que sucedeu”.

Vemos, portanto, que considerando o caráter participativo da pesquisa-ação, ainda que em diversos níveis de participação, os participantes da pesquisa não serão estranhos a um processo de avaliação ao final da mesma. Uma vez que a pesquisa-ação é um fazer coletivo, avaliar a prática realizada consiste em avaliar o próprio papel na construção desta prática e, conseqüentemente, consiste numa autoavaliação em todo o processo.

2.2 CONTEXTO E PARTICIPANTES DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada no Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Amazonas – IFAM, *Campus Eirunepé*, implantado no município desde o ano de 2014. Ainda não possui sede própria, pois se encontra em construção desde o ano de sua implantação, com várias interrupções no processo. Esse fato traz implicações para o desenvolvimento da pesquisa, uma vez que o funcionamento das aulas e demais atividades são distribuídos em dois complexos, localizados em bairros diferentes.

As turmas de primeiro ano encontram-se lotadas no bairro Aparecida no complexo próprio do IFAM, uma antiga escola da prefeitura que estava desativada e foi cedida para o IFAM em 2015 (figura 2). Lá temos quatro salas de aula em funcionamento, o setor administrativo e a cozinha, onde é preparada a merenda escolar.

Figura 2 – IFAM prédio Aparecida



Fonte: Arquivo de imagens da pesquisa.

O segundo complexo é um tanto mais precário, no qual as aulas funcionam em salas alugadas e/ou emprestadas, distribuídas em três prédios diferentes no bairro N. Sra. de Fátima (figura 3), cerca de 1,3 km de distância do bairro Aparecida, onde estão alocadas as turmas de segundo e terceiro anos e a Coordenação de Assistência ao Educando, que é onde encontra-se nossa lotação funcional. É nesse espaço que realizamos a pesquisa com os alunos de terceiro ano do curso de agropecuária.

Figura 3 – IFAM prédio ADAF – bairro N. Sra. de Fátima



Fonte: Arquivo de imagens da pesquisa.

O município de Eirunepé é situado na microrregião do Rio Juruá e mesorregião do sudoeste amazonense, tem a distância de 1.245 km da capital em linha reta, mas para acesso

por via fluvial a distância é de 3.448 km. A área do município é de 15.852km², mas a área de perímetro urbano compreende apenas 4.300 km², o censo do IBGE de 2010 registrou uma população de 30.662 habitantes, a projeção para 2019 é de 34.840 habitantes sendo a densidade demográfica de apenas 2 habitantes por km².

O povoamento do município de Eirunepé remonta o final do século XIX com a chegada dos imigrantes nordestinos fugindo da seca e atraídos pela extração do látex para fabricação da borracha, que era grande fonte de renda para o Brasil em virtude da revolução industrial. Estas famílias advindas principalmente dos estados do Rio Grande do Norte, Ceará e Paraíba instalaram-se nos seringais da região do Juruá formando pequenas vilas. O primeiro nome dado ao município, Vila de São Felipe, data do ano de 1894.

Com relação à educação, a taxa de escolarização de 6 a 14 anos é de 90% estando o município em 26º lugar no Estado do Amazonas em comparação aos 62 municípios e em 5446º lugar no país em relação aos 5.570 municípios. No Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) ao final do ensino fundamental o *score* do município é de 3,9 numa escala que vai de 1 a 10 estando em 30º lugar no Estado do Amazonas e em 3305º no país. Sendo esta a realidade educacional do aluno que inicia seus estudos no Instituto Federal do Amazonas – IFAM, *Campus Eirunepé*.

Quanto ao aspecto socioeconômico do município, o site do IBGE aponta que o PIB *per capita* do município no ano de 2016 foi de R\$ 11.916,00 sendo que o percentual da população com rendimento mensal *per capita* de até 0,5 salário mínimo é de 51%. O salário médio dos trabalhadores formais do município é de 1,3 salário mínimo, contudo, a população ocupada em 2016 é de apenas 4,6% de toda a população do município o que, a nosso ver, aponta a importância de ações no sentido de possibilitar a autonomia do cidadão eirunepense.

No que diz respeito à qualidade de vida dos moradores, apenas 11% da população tem o esgotamento sanitário apropriado (incluindo fossas sépticas) e apenas 1,4% das vias públicas do município é urbanizada (asfaltamento e iluminação) segundo o censo de 2010. O acesso ao município se dá apenas por vias fluviais e aéreas – com preços costumeiramente exorbitantes. Este, portanto, é o contexto no qual vivem os alunos do IFAM *Campus Eirunepé*.

Entendemos que é importante conhecer esta realidade socioeconômica e estrutural da cidade para que se possa avaliar a importância e o potencial de impacto das atividades desenvolvidas pelo IFAM no município e, de modo particular, entender a realidade do estudante de uma escola de ensino integrado, em uma localidade com pouca ou nenhuma oportunidade de emprego em sua área de formação. Dizer isto, esclarece a relevância da

orientação profissional ao final de um curso técnico integrado, uma vez que se poderia supor que o adolescente que opta por determinado curso já realizou sua escolha profissional definitiva.

A turma na qual a pesquisa foi realizada, era composta por 30 alunos, sendo 22 do sexo feminino e 08 do sexo masculino, com idade entre 17 e 20 anos, todos naturais do município de Eirunepé. A renda per capita dos alunos varia entre R\$ 27,40 a R\$ 1.040,00 estando a renda média fixada em R\$ 300,89 e a moda em 350,00 segundo informações apresentadas pelos próprios alunos ao setor social do *campus*⁶. A quantidade de membros na família varia de 03 a 10 pessoas estando a média em 05 pessoas por família. A maioria, 21, mora com os pais, 05 moram apenas com a mãe, 01 mora com a mãe e o padrasto, 01 mora com os avós, 01 só com o pai e 01 apenas com irmãos (quadro 1).

Quadro 1 – Dados socioeconômicos dos participantes

NOME FICTÍCIO	IDADE	MEMBROS DA FAMÍLIA	RENDA FAMILIAR	RENDA PER CAPTA	COM QUEM MORA	FILHOS
Adriel	20	5	R\$ 1.618,00	R\$ 323,60	Apenas com a mãe	não
Alessandra	17	5	R\$ 137,00	R\$ 27,40	os pais	não
Alice	17	8	R\$ 1.040,00	R\$ 130,00	os pais	não
Anabele	17	4	R\$ 1.400,00	R\$ 350,00	os pais	não
Camila	17	5	R\$ 1.839,00	R\$ 367,8	avós	não
Cristina	17	4	R\$ 1.222,00	R\$ 305,50	os pais	não
Edinalva	17	3	R\$ 1.050,00	R\$ 350,00	Apenas com a mãe	não
Edna	19	6	R\$ 1.352,00	R\$ 225,33	os pais	não
Eliana	19	10	R\$ 2.000,00	R\$ 200,00	os pais	não
Elvis	18	4	R\$ 3.500,00	R\$ 875,00	mãe e padrasto	não
Evely	18	6	R\$ 1.740,00	R\$ 290	os pais	não
Fabiana	19	6	R\$ 440,00	R\$ 73,33	Apenas com a mãe	não
Gilmara	18	5	R\$ 5.200,00	R\$ 1.040,00	mãe e padrasto	não
Jaqueline	17	6	R\$ 816,00	R\$ 136,00	os pais	não
Jeferson	18	7	R\$ 3.500,00	R\$ 500,00	Apenas com o pai	não
João	18	7	R\$ 339,00	R\$ 48,43	os pais	não
Juliana	18	5	R\$ 400,00	R\$ 80,00	ambos	não

⁶ Os dados foram fornecidos pelo setor de Serviço Social do *Campus*, os mesmos foram obtidos por meio de entrevista para solicitação de inserção em programas socioassistenciais.

Karine	17	6	R\$ 349,00	R\$ 58,17	os pais	não
Keliane	17	3	R\$ 998,00	R\$ 332,67	Apenas com a mãe	não
Kelly	17	4	R\$ 500,00	R\$ 125,00	irmãos	não
Marcelo	17	6	R\$ 1.205,00	R\$ 200,83	os pais	não
Mariana	17	7	R\$ 526,00	R\$ 75,14	os pais	não
Meire	17	8	R\$ 920,00	R\$ 115,00	os pais	não
Nilson	17	6	R\$ 500,00	R\$ 83,33	os pais	não
Pamela	17	5	R\$ 1.518,00	R\$ 303,60	os pais	não
Paulo	18	3	R\$ 757,00	R\$ 252,33	Apenas com a mãe	não
Rondineli	18	5	R\$ 1.400,00	R\$ 280,00	os pais	não
Samanta	17	5	R\$ 358,00	R\$ 71,60	os pais	não
Simone	17	4	R\$ 3.628,00	R\$ 907,00	os pais	não
Vanderson	18	4	R\$ 3.598,00	R\$ 899,50	os pais	não
MÍNIMO		3	R\$ 137,00	R\$ 27,40		
MÉDIA		5	R\$ 1.461,67	R\$ 300,89		
MÁXIMO		10	R\$ 5.200,00	R\$ 1.040,00		
MODA		5	R\$ 1.400,00	R\$ 350,00		

Fonte: Elaboração Própria.

Nosso primeiro contato com os participantes foi em 2017, quando os alunos cursavam o primeiro ano do ensino médio, no qual realizamos a orientação psicológica. Esta se configura em momentos de discussão temática visando à participação dos alunos com a finalidade de identificar possíveis dificuldades de ensino-aprendizagem, de relacionamento e adaptação com vistas a viabilizar a orientação adequada, além de fomentar um espaço de diálogo, oportunizando aos alunos expressarem suas vivências de cunho pessoal e acadêmico. Desse modo, nossa presença em sala não foi estranha a nenhum dos participantes, principalmente, considerando que a orientação profissional já é esperada por ser uma atividade desenvolvida com as turmas de terceiro ano desde 2015 quando iniciamos nossa atividade profissional no *campus*.

A escolha da turma para a realização da pesquisa se deu em virtude do alto índice de desistência no curso no decorrer dos três anos de formação, bem como da realidade socioeconômica dos alunos que, em sua maioria, enquadram-se no quesito “de baixa renda”, conforme política socioassistencial do IFAM, evidenciado com os dados expostos no quadro 1, logo acima.

2.3 TÉCNICAS E INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

Cresswel (2014) afirma que para a coleta de dados o pesquisador qualitativo irá valer-se de múltiplas fontes de dados, como entrevistas, observações (participantes ou não), documentos, bases de dados, entre outros, não se fixando em apenas uma fonte. Utilizamos em nossa pesquisa, rodas de conversa e a observação participante como técnicas de coleta de dados, e gravações audiovisuais, diários de campo e produção escrita dos participantes como instrumento de registro dos dados.

A roda de conversa é uma técnica eficaz para a participação dos envolvidos na atividade, pois oportuniza a expressão do que pensam ou o que sentiram em relação à atividade desenvolvida. Estar de frente para os pares e ter o pesquisador como membro do grupo inserido no mesmo espaço favorece a troca e gera segurança para apresentar sua opinião a respeito da temática proposta. Albuquerque e Galiazzi (2011) afirmam que no contexto de roda, por sua própria configuração, a troca é inevitável, reafirmando a eficácia da técnica para o objetivo de favorecer um diálogo com expressão de aspectos subjetivos, como sentimentos e emoções que de outros modos poderiam ser inibidos.

Os sujeitos conseguem se olhar, e, com isso, as interações acontecem com mais facilidade. Ocorrem trocas de olhares, trocas de argumentos, trocas de críticas, trocas de experiências. Quando se está em roda, as trocas acabam sendo inevitáveis; conseguimos por meio dela conhecer um pouco do outro, observando seu comportamento, suas reações e manifestações (ALBUQUERQUE; GALIAZZI, 2011, p. 388).

Esse conhecimento do outro, de sua opinião, mas também de seus medos, interesses e emoções despertadas no decorrer da atividade desenvolvida é um dos interesses principais da realização da roda de conversa com os participantes. As autoras sugerem que o objetivo da roda deve ser explicitado aos participantes e que regras devem ser estabelecidas para seu bom andamento.

Já a observação participante, ocorre por meio da inserção do pesquisador nas atividades desenvolvidas pelos participantes. Barbier (2002) ressalta a importância de que o pesquisador seja reconhecido como integrante do grupo para que sua presença não interfira no comportamento dos participantes e gere alteração nos dados. Contudo, ao mesmo tempo em que o pesquisador é aceito pelos participantes como membro, deve deixar claro seu posicionamento como observador. O autor ressalta o caráter ético de não fazer uma

observação sem consentimento dos participantes, além do risco da perda de confiança.

Nesse sentido, a observação participante é apresentada como a principal técnica de coleta de dados utilizada pelo pesquisador em pesquisa-ação, pois tudo o que acontece no contexto do grupo relacionado aos participantes é de interesse do pesquisador e deve ser registrado, até mesmo acontecimentos que podem ser considerados como banais por um observador desatento, devem ser notificados pelo pesquisador.

Os instrumentos de coleta de dados, por sua vez, são: a gravação audiovisual, diário de campo⁷ e produções escritas dos participantes, que são complementos da observação participante, conforme aponta Barbier (2002).

A respeito do diário de campo, Bogdan e Biklen (1994) o chamam de notas de campo e o descrevem como o relato escrito do que o investigador ouve, vê, experiencia e pensa em todo o processo da pesquisa, tanto durante a coleta de dados quanto no decorrer de sua análise. Portanto, ainda que sejam utilizados métodos eficazes de gravação, como no caso de filmagem, o diário de campo não se torna dispensável, visto que possibilita o registro de aspectos subjetivos da observação que não são captados pelos instrumentos.

Sobre a gravação audiovisual Bauer e Gaskell (2002) relatam sua importância para captar eventos que poderiam ser perdidos apenas no registro posterior das informações, ou até mesmo em registro meramente de áudio que não captariam as expressões dos participantes – é por esse aspecto que utilizamos tal instrumento. Conquanto, os autores chamam atenção para as limitações do instrumento, principalmente no tocante ao excessivo valor que pode ser dado a este tipo de registro e, conseqüentemente, minimizar os aspectos da subjetividade. Os autores ressaltam que, mesmo os instrumentos mais sofisticados captam apenas traços dos eventos, apresentam apenas os aspectos concretos dos acontecimentos e não estão isentos de manipulação ou interpretações divergentes.

Por fim, o terceiro instrumento que utilizamos é a produção escrita dos participantes. Bogdan e Biklen (1994) evidenciam a produção escrita como instrumento importante em pesquisas nas quais se faz uso da observação participante. Os autores ressaltam que as produções realizadas pelos participantes podem revelar aspectos de sua subjetividade, o que destaca o valor destas produções, uma vez que para além do que está explícito no texto é

⁷ Apesar de não aparecerem de forma explícita na discussão dos dados, as notas do diário de campo permitiram o registro dos aspectos subjetivos da turma que favoreceram um relato mais pormenorizado neste capítulo, em 2.4, como situações de tensão na turma gerada por aspectos externos aos encontros, mas que influenciaram na participação da turma, ou mesmo questões institucionais que afetaram a realização dos encontros.

possível perceber a leitura que a pessoa faz de sua vida e da sociedade em que está inserida.

2.4 O DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA-AÇÃO

Conforme explicitado no item 2.1, o ciclo da pesquisa-ação é desenvolvido em três momentos: planejamento, implementação e avaliação. Nesse sentido, a prática que viabilizou a pesquisa é a orientação profissional que foi desenvolvida em 11 encontros distribuídos dentro do ciclo da pesquisa-ação proposto por Tripp (2005), sendo o primeiro encontro para a realização do planejamento, 08 encontros de implementação e 02 encontros para avaliação final.

Passamos a seguir, a descrever a realização dos encontros conforme foram realizados dentro do modelo da pesquisa-ação. Achamos importante explicar que, a partir deste ponto, por uma questão de norma – o Estatuto da Criança e do Adolescente define adolescente a pessoa com idade entre 12 e 18 anos e o Estatuto da Juventude define como jovem a pessoa com idade entre 15 e 29 anos –, ao nos referir aos participantes da pesquisa optamos por utilizar o termo “jovem” em detrimento de “adolescente”, uma vez que, conforme observado no quadro 1, em 2.2, todos têm idade superior a 15 anos e alguns têm idade acima de 18, tornando-se mais adequado a referida nomenclatura.

2.4.1 Planejamento

O planejamento de nossa pesquisa partiu de um reconhecimento de contexto (TRIPP, 2005), o que foi possível a partir das vivências realizadas com os participantes, ao longo dos dois anos anteriores à pesquisa, como já relatado, quando a turma estudava o primeiro ano do ensino médio, com um encontro semanal em sala de aula e esporadicamente, em atendimentos individuais com alunos da turma no setor de assistência ao educando onde se encontra nossa lotação funcional.

Desse modo, a participação direta no planejamento ocorreu em um encontro separado para esta finalidade exclusiva, no qual, apresentamos a proposta do programa e o conteúdo a ser trabalhado em cada um dos demais encontros e abrimos espaço para que os participantes fizessem sugestões e contribuições. Além disso, todas as decisões referentes a alterações, seja na estrutura dos encontros, ou nos dias de realização dos mesmos, em situações que precisavam fugir ao planejamento, foram feitas a partir de consulta e em comum acordo com

os participantes, conforme relato dos encontros a seguir.

1º Encontro – 26 de julho de 2019.

Tema do encontro: Apresentação e discussão do plano de trabalho

Objetivo: Promover a integração dos participantes com a proposta do programa a ser desenvolvido e colher informações em relação ao grau de interesse dos mesmos a respeito da temática, bem como, discutir o planejamento coletivo das atividades previamente definidas.

Atividades: O primeiro encontro de orientação profissional aconteceu no dia 26 de julho de 2019 na sala de aula dos alunos de 3º ano do curso de Agropecuária na forma integrada, situada no prédio da ADAF (vide figura 3, em 2.2). Já havíamos realizado uma visita na turma anteriormente, informando sobre a realização da pesquisa e perguntando sobre o interesse dos alunos em participar da mesma. Na referida reunião, explicamos a respeito do termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE), bem como, a respeito do sigilo quanto ao uso de dados coletados no decorrer das atividades. Todos os alunos concordaram em participar. Assim, retomamos o diálogo e reforçamos que era esse o motivo de nossa presença ali e que a atividade não seria, a partir daquele momento, apenas uma atividade institucional, mas tratava-se da participação em uma pesquisa para a realização do mestrado (figura 4).

Figura 4 – Apresentação do programa



Fonte: Arquivo de imagens da pesquisa.

O horário disponibilizado para realização da atividade, foi de 14h40 às 16h40 ou seja, terceiro e quarto tempos de aula com intervalo de 20 minutos de 15h30 às 15h50. Considerando que estava em período de matrícula para o vestibular da UEA, os participantes

havia sido dispensados dos primeiros tempos de aula, por esse motivo, estavam presentes apenas 17 dos 30 alunos da turma.

Conforme estava previsto, o encontro tratou do planejamento das atividades no qual apresentamos aos participantes a proposta do Programa de Orientação Profissional, explicando aos mesmos do que se trata a atividade, o que se espera atingir com ela e o desenvolvimento esperado no decorrer dos encontros, além da parte prática a respeito da quantidade de encontros, o dia e a duração dos mesmos. Explicamos ainda que, ao final de cada encontro, seria realizada uma atividade avaliativa a respeito do encontro. Tendo ficado acordado, então, que os encontros aconteceriam às sextas-feiras no terceiro e quarto tempo de aula, ou seja, de 14h40 as 16h40, com pausa para intervalo, em 11 encontros conforme planejamento.

Realizamos uma breve abordagem sobre o que seria trabalhado em cada um dos encontros e uma fala motivacional quanto à importância da orientação profissional para o momento vivenciado por eles, de escolha do curso universitário e da profissão a seguir após a conclusão do ensino médio.

No segundo momento, após o intervalo, realizamos uma dinâmica de apresentação propondo que cada participante escolhesse um objeto e tentasse relacioná-lo a si, no tocante a suas características pessoais ou à profissão que pretende seguir, caso já tenha alguma em mente. Antes do início da dinâmica, fizemos uma reflexão sobre as possíveis escolhas que já tivessem sido feitas pelos participantes e a importância da motivação de cada escolha, que tem sempre um cunho pessoal e que, portanto, está diretamente relacionada ao autoconhecimento, ressaltando que é importante analisar tais motivos para se chegar a uma escolha realmente amadurecida. Além da motivação para a escolha, destacamos, também, a importância de se considerar a prática da profissão e não apenas a ementa do curso, ou seja, o foco no qual se fundamenta a escolha deve ser a profissão a ser exercida e não meramente o curso universitário.

A maioria dos participantes expressou-se bem durante as apresentações, alguns falaram de características pessoais, outros levaram a apresentação para o lado da profissão que pretendiam realizar, referenciando as características daquilo que acreditavam ser o trabalho desenvolvido na profissão. Porém, muitos demonstraram dificuldade para falar sobre si mesmos ou fazer associação com o objeto, e alguns não encontraram uma característica própria que conseguissem relacionar ao objeto, demonstrando pouca habilidade para a autorreflexão, o que nos apontou a importância de trabalhar tais aspectos na orientação.

Sobre as motivações para a escolha das profissões mencionadas, foram apresentados muitos motivos que, após certa análise e alguns questionamentos, tanto do psicólogo, quanto dos colegas, mostraram-se pouco fundamentados, como querer uma profissão, mas ter decidido seguir outra por questão de acreditar que tem maior retorno financeiro. De modo geral, todos tinham alguma profissão em mente, alguns apenas uma, outros mais de uma, e alguns, profissões que não exigem curso superior, como ser policial ou seguir carreira nas forças armadas, conforme evidenciado no quadro 2.

Quadro 2 – Profissões almeçadas no primeiro encontro

NOME⁸	Profissão almejada
Adriel	Agronomia, enfermagem, pastor
Alice	Medicina veterinária
Anabele	Área da saúde
Camila	Sargento da polícia militar
Edinalva	Enfermagem
Edna	Agronomia
Eliana	Agronomia
Gilmara	Medicina
João	Letras
Juliana	Agronomia
Karine	Engenharia civil
Marcelo	Agronomia, engenharia civil, medicina veterinária
Meire	Agronomia
Pamela	Cirurgiã cardíaca, fuzileira naval, medicina veterinária
Rondineli	Piloto da força aérea
Samanta	Medicina Veterinária, agronomia, psicologia, pedagogia
Simone	Direito, medicina veterinária

Fonte: Elaboração própria.

Nenhum dos participantes evidenciou sua escolha profissional inserida em um projeto

⁸ Nomes fictícios para proteger a identificação dos participantes.

de vida, não disseram em que momento isso aconteceria, até porque, supostamente, seria já no ano seguinte à conclusão do ensino médio, mas nenhum mencionou um plano alternativo, caso não consiga de imediato o ingresso à universidade. A participante Karine mencionou querer cursar engenharia por ser mais fácil de conseguir emprego e ter retorno financeiro melhor do que psicologia, que seria seu principal interesse, enquanto o participante Marcelo disse ter desistido de cursar engenharia por ser uma área para a qual o mercado já está saturado. Evidenciamos aos demais a falta de coesão nas informações obtidas pelos dois participantes, por isso a importância de pesquisar em locais confiáveis e sempre estar disposto a aprender mais a respeito das profissões pretendidas.

Após as narrativas dos participantes, fizemos uma reflexão a respeito dos interesses profissionais apresentados, levantando questionamentos sobre os fatores motivadores das escolhas, tais como, o retorno financeiro, um sonho infantil pela profissão, disponibilidade de emprego, além da visão pessoal sobre o trabalho e a importância de eventualmente, ressignificar o sentido do trabalho para si, evidenciando a relevância de fazer essa reflexão para escolher coerentemente, tudo de forma a relacionar as narrativas dos participantes com as temáticas dos próximos encontros.

Avaliação: Como avaliação do encontro, realizamos uma roda de conversa, na qual os participantes disseram ter gostado da atividade. Alguns até relataram que pensaram que não seria legal, mas ao final, gostaram. Muitos disseram que nunca tinham pensado seriamente no motivo por trás da escolha profissional que estavam fazendo e que acreditavam que o programa poderia ajudá-los com relação a isto.

2.4.2 Implementação

Conforme proposto pelo modelo de pesquisa-ação de Tripp (2005), a segunda fase da pesquisa é a implementação que foi desenvolvida em oito encontros, do segundo ao nono, nos quais procuramos desenvolver a orientação profissional propriamente. Apesar de a terceira fase tratar da avaliação final dos encontros, ainda durante a implementação, ao final de cada encontro realizamos uma atividade de avaliação com vistas à reflexão sobre a temática desenvolvida, assim como ocorreu no encontro de planejamento.

2º Encontro – 09 de agosto de 2019

Tema do encontro: Realidade socioprofissional

Objetivo: Fomentar discussão a respeito da realidade socioprofissional: as dificuldades a serem enfrentadas e os caminhos que podem ser escolhidos para inserção em uma universidade e no mundo do trabalho

Atividades: O segundo encontro da orientação profissional aconteceu no dia 09 de agosto de 2019, na sala de aula dos alunos de 3º ano do curso de Agropecuária na forma integrada, situada no prédio da ADAF (figura 2). Houve um intervalo de uma semana sem atividade em virtude de termos viajado para realizar a apresentação da qualificação para o mestrado.

No início do encontro, explicamos aos participantes sobre a temática da realidade socioprofissional a ser trabalhada no encontro. Todos os participantes disseram já ter uma profissão em vista, entretanto, a maioria não tinha uma segunda opção caso a primeira não desse certo. Assim, explicamos a dinâmica a ser realizada no encontro, a técnica dos bombons (LEVENFUS, 2016): seriam distribuídas duas caixas de bombons pela turma e cada pessoa pegaria um bombom e explicaria o motivo de ter escolhido aquele bombom específico e tentaríamos associar a escolha do bombom com a escolha profissional a ser realizada (figura 5).

Figura 5 – Técnica dos bombons



Fonte: Arquivo de imagens da pesquisa.

Após cada justificativa da escolha do bombom fizemos perguntas do tipo: isto é critério para se escolher uma profissão? Apenas esse critério é suficiente? Seja relacionado à aparência, sabor, tamanho (com relação ao salário, por exemplo) e outras características. Durante as comparações com a escolha profissional surgiram motivos dos mais diversos para

a escolha: A aparência, o salário, gostar (apesar de ainda não ter experimentado), fazer a escolha que estiver disponível até que depois tenha possibilidade financeira para pagar a profissão desejada.

Alguns participantes fizeram a escolha do chocolate e a princípio não sabiam fazer a associação com a escolha profissional, mas a partir do motivo dessa escolha, foi possível construir uma reflexão que os levou a perceber que era possível relacionar: por exemplo, João escolheu porque era o chocolate que gostava mais e, então, foi analisando os aspectos da profissão pretendida e vendo que havia vários aspectos que o atraíam, no caso, ser professor.

No decorrer das verbalizações dos participantes, vieram à tona muitas dúvidas que os próprios participantes ainda não se tinham dado conta, como, por exemplo, Simone mencionou que o pai queria que fizesse medicina porque, segundo ele, é uma profissão que tem retorno financeiro garantido, mas a participante diz querer cursar direito e não medicina e, inicialmente, disse que faria o que o pai queria porque ele só pagaria se ela fizesse este curso. Entretanto, após alguns questionamentos, terminou dizendo que faria o curso que quer e não o que o pai deseja, evidenciando a dúvida que ainda tem quanto a seguir a vontade do pai ou o seu interesse pessoal. Em nossa fala tentamos evidenciar a importância da dúvida nesse processo, uma vez que era o momento de testar o quanto a escolha já estava realmente definida, ressaltando que não se deve manter uma escolha apenas por obstinação, mas tendo sempre em mente a possibilidade de mudança.

Durante as apresentações foram surgindo outras questões, tais como, quantidade de vagas, como sendo o principal critério para a escolha. Por exemplo:

- Karine, que diz querer cursar primeiro engenharia por ser uma profissão com maior grau de empregabilidade para em seguida cursar psicologia que é a profissão com a qual sonha;

- Jeferson, que está cursando o ensino médio pela segunda vez - quando terminou o ensino médio aos 17 anos, iniciou em Manaus o curso de enfermagem com o qual sonhava, mas no decorrer das aulas não se identificou com o curso, mas ao retornar para Eirunepé matriculou-se no curso integrado em agropecuária e diz que vai tentar seguir carreira no curso de agronomia;

- Elvis, que não está preocupado com o curso superior que vai cursar, porque pretende fazer concurso para polícia federal e basta ter nível superior, independentemente do curso;

- Meire diz querer agronomia, que é continuidade do curso técnico que está realizando agora, mas ao dizer o motivo de escolher o chocolate, disse que não tinha o que queria, mas

não é de dispensar chocolate, então, escolheu algum aleatoriamente.

Desse modo, levantamos a reflexão sobre como escolher se você não conseguir passar para o curso que deseja;

- Vanderson mencionou que, não conseguindo passar para o curso desejado irá iniciar o curso que conseguir e continuará fazendo provas para entrar no curso desejado até ser aprovado. Caso isso aconteça antes do término do curso, irá trocar de curso. Questionado sobre o tempo que iria perder em um curso que não queria, disse não ter pensado nesta parte.

Ao final das escolhas dos bombons, o participante Marcelo, que ficou por último, teve oportunidade de escolher nas duas caixas de bombom, o que nenhum dos participantes que escolheram antes dele puderam fazer, e aproveitamos a oportunidade para explicar sobre as possibilidades na ocasião do ENEM e dos vestibulares de haver vagas remanescentes e, também, sobre nota de corte. Evidenciamos, ainda, que apesar de haver diversos critérios para escolher a profissão, definir qual é o principal critério a ser considerado depende dos princípios e valores individuais, daí a importância do autoconhecimento para uma escolha assertiva.

Avaliação: Em virtude de os alunos terem sido liberados logo após o intervalo para a realização dos ensaios da atividade do dia do estudante, a avaliação do encontro foi realizada apenas no encontro seguinte, dia 16 de agosto. A mesma foi realizada através de ficha de avaliação que visava averiguar se o encontro auxiliou no processo de escolha tanto na reflexão quanto na disponibilização de informações. Os participantes disseram ter obtido informações novas e que o encontro os ajudou a ampliar a visão sobre o processo de escolha que vai bastante além das provas de seleção. Os participantes mencionaram ter aprendido mais sobre a realidade externa, ou seja, como funciona o ingresso em universidades e as outras possibilidades, além das que são divulgadas no município, como bolsas de estudo em faculdades particulares, por exemplo.

3º Encontro – 16 de agosto de 2019

Tema do encontro: Mundo do trabalho

Objetivo: Promover reflexão a respeito do mundo do trabalho: concorrência, empregabilidade e motivações para a escolha.

Atividades: As atividades desse encontro ocorreram em dois ambientes, em sala de aula no primeiro horário e no laboratório após o intervalo. A princípio, fizemos uma explanação a respeito da proposta do encontro que se tratava de averiguar o mercado de

trabalho sobre a existência de vagas de empregos para a profissão que o participante havia apresentado como almejada na semana anterior. Desse modo, perguntamos se algum dos participantes já teria averiguado a existência de vaga para a profissão desejada, bem como, se consideravam a quantidade de vagas de emprego, critério importante para a escolha da profissão.

Nenhum dos participantes havia averiguado vaga de emprego, apenas o participante Vanderson expressou conhecimento sobre aplicativos que mostram vagas de emprego, mas nunca tinha utilizado. Sobre a influência da quantidade de vagas sobre a escolha, os participantes ressaltaram que isso iria depender do que a pessoa considerava como prioridade para si. Essa discussão sobre a quantidade de vagas trouxe consigo a discussão quanto à importância de conseguir emprego na área de formação, ou seja, se vale a pena escolher uma profissão por afinidade, ainda que não consiga trabalho na área escolhida, uma vez que muitas pessoas conseguem vaga na faculdade para a profissão que escolheram, mas depois de formadas não conseguem emprego na área. As opiniões foram divergentes.

Outro aspecto abordado foi sobre como procurar emprego, a maioria dos participantes disse não saber como fazer. Alguns disseram apenas que se deve fazer um currículo e deixar na empresa, no caso, alguma empresa que tenha anunciado que está com vaga de emprego. Ficou bem evidente na fala dos participantes que estavam falando estritamente sobre a realidade empregatícia do município, apesar de a grande maioria querer estudar fora do mesmo. Alguns disseram que se pode procurar vagas na internet, mas não souberam explicitar como fazer essa busca. Explicamos, então, a diferença entre procurar emprego em uma cidade pequena e em uma cidade maior, ao mesmo tempo, que há diferença entre procurar emprego na idade deles, com ensino médio incompleto, em que isso será feito em lojas etc., e procurar emprego a partir da conclusão de um curso superior em que se estará procurando vagas dentro da própria área de formação.

Assim, explicamos a atividade que seria realizada após o intervalo: pesquisar vagas de emprego em sites especializados para as áreas às quais tinham interesse em cursar nível superior (figura 6). Tínhamos a intenção de retornar à sala de aula para a realização da roda de conversa após a pesquisa no laboratório, mas considerando a possibilidade de dispersão dos participantes, optamos por realizar a avaliação no próprio laboratório.

Figura 6 – Pesquisa em sites de classificados.



Fonte: Arquivo de imagens da pesquisa.

No ambiente de laboratório, explicamos aos participantes que eles deveriam pesquisar em sites de classificados, vagas para a profissão desejada dentro da localidade onde pretendiam morar, no caso, no estado do Amazonas. Como todos disseram não conhecer nenhum site de classificados foram indicados os seguintes sites:

<https://www.manager.com.br/empregos;>

[https://www.catho.com.br/;](https://www.catho.com.br/)

[https://www.indeed.com.br/;](https://www.indeed.com.br/)

[https://www.trabalhabrasil.com.br/;](https://www.trabalhabrasil.com.br/)

[https://www.balcaodeempregos.com.br/.](https://www.balcaodeempregos.com.br/)

Houve dificuldade na conexão com a internet que estava muito lenta nos computadores dos alunos que têm internet limitada, nesse sentido, perguntei as profissões que tinham interesse e surgiram as seguintes: Professor; Medicina Veterinária; Médica; Cirurgiã cardíaca; Fisioterapeuta; Engenheiro Agrônomo (cerca de metade da turma); Policial Federal; Policial Rodoviário Federal; Piloto da Força Aérea; Fuzileiro Naval; Odontóloga; Psicóloga; Dermatologista.

Foi dada aos participantes, a opção de escolherem um dos sites sugeridos, ou o site de seu interesse, com a intenção de descobrir a quantidade de vagas para a opção almejada dentro do estado do Amazonas. Além do problema com a qualidade da internet, houve outras dificuldades técnicas e práticas, como alguns computadores que não ligaram e alguns participantes que não conseguiram encontrar as profissões pretendidas, em virtude do desenho

do site que reconhecia a vaga pelo cargo do profissional e não da profissão, por exemplo, quando os participantes pesquisavam por “agronomia” o número de vagas era zero, ao pesquisar por “agrônomo” constatava-se o número real de vagas. Esses pormenores acabaram demandando mais tempo para a atividade do que o que havia sido programado. Considerando as dificuldades mencionadas, os participantes que não conseguiram localizar a profissão que buscavam, informaram a profissão almejada e fizemos a busca no computador principal, cuja qualidade da internet era melhor e projetamos o quantitativo de vagas na lousa, de modo que todos os participantes pudessem ter conhecimento das vagas disponíveis para a profissão que pretendiam.

Houve reações de frustração quando alguns viram que não havia vagas para as profissões desejadas, outros disseram que esperavam mais vagas. Explicamos que os sites pesquisados não apresentavam todas as vagas existentes e que algumas profissões teriam mais vagas em concursos do que em empresas privadas, que era onde os referidos sites indicavam. Nesse sentido, indicamos o site www.pciconcursos.com.br/concursos no qual, há uma relação bem atualizada dos concursos abertos no país para os quais poderão ser encontradas vagas nas profissões almejadas. Explicamos, também, que há profissões como policial federal, policial rodoviário federal e piloto da força aérea, almejadas por alguns dos participantes, que não serão encontradas em sites de emprego conforme estávamos procurando, mas apenas em sites de concurso com exceção da profissão de piloto, que tem um modo específico de ingresso.

Avaliação: Como avaliação da atividade, realizamos um bate papo (não foi possível a roda de conversa em virtude de o espaço do laboratório de informática não favorecer a configuração em círculo como explicado anteriormente), no qual iniciamos perguntando aos participantes, o que pensam do fato de não ter muitas vagas para a profissão almejada. Alguns disseram que foi uma decepção. Explicamos aos participantes que esse “choque de realidade” não tinha a intenção de desanimá-los, mas de ajudá-los a sonhar sonhos reais, para que não sonhassem de forma iludida. Alguns, como Eliana e Alessandra, mencionaram que estavam com a ideia de que bastava concluir o ensino superior e já estariam com o emprego garantido.

Quando perguntamos como se sentiram ao ver que tinha, em alguns casos, apenas uma vaga, surgiram falas como: decepcionado, triste, “eu me senti um lixo”. A participante Eliana disse estar preocupada com a concorrência, porque a maioria da turma quer ser agrônomo e a pesquisa apontou apenas uma vaga nesta área. Perguntamos como se sentiriam caso não conseguissem emprego na sua área depois de formados. Alguns disseram que tentariam outra coisa, no sentido de tentar outra profissão e outros disseram que iriam tentar emprego em

outros estados. Esta fala levou para outra direção que foi sobre tentar cursar a profissão almejada em outras localidades, como outros estados ou países (alguns participantes tinham conhecidos estudando medicina em países como Bolívia e Argentina). Alguns disseram que sim, iriam para onde tivesse o curso, outros mantiveram a opinião anterior de tentar outra profissão.

Propusemos, então, duas perguntas reflexivas: o que fazer se não conseguir o curso almejado e o que fazer se não conseguir emprego na área após formado. A grande maioria disse não ter pensado na etapa de procurar emprego e, portanto, até o momento, não achavam que essa questão fosse importante pois, supostamente, sairiam da faculdade empregados. O participante Adriel mencionou outras possibilidades, exemplificando o curso técnico em agropecuária, que pode servir para abrir o próprio negócio, demonstrando assim, outras alternativas que podem ser consideradas, caso não se consiga um emprego formal.

Perguntamos sobre a existência de um plano alternativo, o que fazer no caso de não conseguir emprego. Alguns disseram que tentariam outra faculdade e a grande maioria não soube responder. Explicamos, então, a importância de continuarem o processo de orientação profissional, considerando a frustração em que se encontravam, uma vez que esse era ainda o terceiro encontro e que havia ainda muita descoberta a ser realizada que poderia suplantar essa demanda.

4º Encontro – 30 de agosto de 2019.

Tema do encontro: Autoconhecimento

Objetivo: Promover reflexão a respeito do autoconhecimento e de sua importância para a escolha profissional.

Atividades: Considerando o que foi trabalhado no encontro anterior e que alguns participantes se mostraram um tanto frustrados com a pouca incidência de vagas na área almejada, realizamos uma fala motivacional no sentido de lembrá-los que era um processo de aprendizagem e que ainda havia muitas descobertas a serem feitas no processo.

Os participantes estavam pouco participativos nas discussões e alegaram que estavam muito cansados devido à aula anterior, na qual fizeram quatro páginas de exercício de cálculo, e isso acabou influenciando na disposição deles para participar das discussões. Para abrir as discussões, fizemos uma ponderação sobre o encontro anterior, com relação a outros meios de procurar emprego além daquele que utilizamos, uma vez que, além de sites de emprego, existe a indicação por colegas e, na maioria das vezes, as vagas de emprego só são amplamente

divulgadas quando não são preenchidas de outro modo, seja por indicação ou por contato direto e, portanto, o quantitativo de vagas que encontraram não indica, necessariamente, a realidade.

Retomamos a discussão sobre o valor de se formar na profissão desejada, ainda que não consiga emprego na área de formação, alguns participantes disseram que vale a pena e outros que não. A argumentação favorável era de que com o conhecimento adquirido a pessoa pode produzir por conta própria e ganhar dinheiro. Assim, não dependendo de um emprego formal. Os que se posicionaram contra, disseram que se você não tiver um emprego após formado, a faculdade terá sido perda de tempo.

Outra discussão levantada foi sobre a importância do salário enquanto critério frente à escolha da profissão, no sentido de abandonar a profissão almejada por uma que pague salário maior, mas com a qual o orientando não se identifique. Propusemos aos participantes que, em uma situação hipotética na qual tivessem a oportunidade de escolher entre trabalhar na profissão em que se formaram ganhando menos, ou em outra, com a qual não se identificam, mas que pagasse mais, qual escolheriam. A princípio, a maioria disse que escolheria a que pagasse mais, argumentando que o dinheiro é o mais importante “hoje em dia”. Ao aprofundar a discussão, contudo, houve divergências, por exemplo, o participante Vanderson sugeriu que fazer o que não estudou para fazer poderia te colocar em condições de cometer erros que poderiam te levar à demissão, e estando num emprego para cuja profissão você estudou poderia ser critério de segurança para você.

Ao final da discussão, explicamos aos participantes que esta inquietação que eles estavam demonstrando quanto à questão salarial e de vagas era própria do momento da orientação profissional, considerando-se as descobertas que estavam sendo feitas ali, mas que eles deveriam prosseguir no caminho porque haveriam novas descobertas que iriam ajudá-los a superar as inquietações momentâneas, a partir de novos pontos de vista sobre a escolha profissional.

Após as discussões acima, realizamos a apresentação do curtegrama (MOURA, 2004) que consiste em uma lista de 74 características pessoais e quatro folhas de resposta correspondentes a quatro quadrantes, nos quais o participante deverá distribuir estas 74 características. Os quadrantes são intitulados como “Gosto e faço”, “Gosto e não faço”, “Não gosto e faço”, “Não gosto e não faço”. Lemos com eles todas as orientações para a atividade e disponibilizamos o restante do primeiro tempo de aula para que preenchessem os quadrantes, instruindo para que anotassem na frente da pergunta abreviaturas de modo que facilitasse na

hora da transcrição para o quadro, conforme figura 7.

Figura 7 – Confeção do curtegrama



Fonte: Arquivo de imagens da pesquisa.

Os participantes não apresentaram grandes dificuldades para responder às questões, eventualmente perguntaram o significado de alguma questão ou pediram uma exemplificação, casos em que uma resposta específica era suficiente.

Avaliação: Na avaliação, realizamos uma roda de conversa com a proposta de reflexão sobre como a atividade do curtegrama pode auxiliar no processo de escolha. Alguns disseram que não conseguiram associar a atividade com o processo de escolha, mas outros disseram que ajudou a ver a escolha a partir da prática que irão realizar como profissionais, pois até aquele momento estavam escolhendo um curso universitário e não uma profissão e quando analisam as coisas que gostam ou não de fazer são levados a pensar no dia a dia da profissão para além da faculdade.

Alguns participantes comentaram que houve perguntas específicas que os fez perceber que determinadas profissões não seriam para eles, como por exemplo, a questão sobre gostar de conversar, se a pessoa pretendesse uma profissão como a de psicologia, por exemplo, esse tópico seria essencial, e isto os ajudou a eliminar algumas opções.

Perguntamos, então, se os participantes já tinham analisado as coisas que gostam ou não de fazer, se já tinham analisado esse conhecimento em si. De modo geral, disseram que não, apenas faziam o que tinham que fazer, mas não tinham refletido a respeito de como se sentiam fazendo. Alguns disseram que perceberam que fazem bastantes coisas que não gostam, mas que são obrigados a fazer. A partir daí, passamos a uma reflexão sobre a possibilidade de

escolher, ou seja, escolher não fazer as coisas que não gostam. Esta discussão retomou a questão salarial: ter que fazer coisas que não gosta todos os dias para poder ganhar um pouco a mais. Alguns, disseram que vale a pena, porque possibilitará realizar outras coisas com o dinheiro a mais. Outros, disseram que não vale a pena. Não compensa trocar a felicidade por dinheiro. A participante Samanta, propôs que é importante encontrar o equilíbrio porque nunca se poderá encontrar uma profissão perfeita em que realizaremos apenas as coisas que gostamos.

Realizamos, então, uma reflexão a respeito da importância de colocar-se à prova as intenções baseadas naquilo que gosta e que não gosta de fazer, antes de realizar a escolha da profissão. Ao final do diálogo, sugerimos aos participantes que conversassem com um parente sobre a profissão que executam e se são felizes realizando o que fazem.

5º Encontro – 12 de setembro de 2019

Tema do encontro: Determinação e independência

Objetivo: Fomentar reflexão a respeito da escolha profissional individual e das influências do meio e dos próprios medos sobre esta escolha.

Atividades: Explicamos aos participantes que a proposta do encontro seria ajudá-los a analisar se a escolha da profissão almejada está realmente determinada ou se apenas estão fazendo uma escolha por observar os pares e por influência de terceiros. Explicamos, ainda, que na atividade que realizaríamos, os participantes se dividiriam em grupo e responderiam se já tinham alguma profissão em mente, se estavam sofrendo algum tipo de pressão, seja familiar, seja dos colegas e quais medos teriam em relação a suas escolhas futuras.

A atividade consistiu em dividir-se em duplas e responderem às questões: “eu quero”, “tenho que”, “tenho medo”. Explicamos que a pergunta “eu quero” implicava na profissão que o participante queria, e se realmente ele acreditava ter perfil para esta profissão, bem como, seus argumentos que confirmam esta escolha. Disponibilizamos aos participantes um tempo não estipulado para dialogarem e explicado que a pessoa que ouviu a resposta deveria apresentar o colega explicando seus motivos. Todos os presentes participaram muito da discussão dialogando de forma bastante entusiasta entre si.

Após cerca de três minutos de discussão, os diálogos foram diminuindo e propusemos a segunda pergunta “tenho que” e explicamos que teriam que repetir o mesmo processo e dizer o que precisariam fazer para alcançar o objetivo que disseram na questão anterior, bem como, as alternativas em que pensaram, caso tal objetivo não seja alcançado. Para esta

questão os participantes foram bastante breves, cerca de um minuto de discussão e já disseram que haviam terminado. Propusemos, em seguida, a terceira questão, na mesma dinâmica de um colega dizer ao outro respondendo à questão “tenho medo” explicando que deveriam dizer qual era seu medo em relação ao futuro direcionado para a escolha da profissão e à realização de seu sonho profissional.

Após encerrarem o diálogo sobre a terceira pergunta, que durou cerca de dois minutos, solicitamos aos participantes que realizassem as apresentações, conforme figura 8. Explicamos novamente que cada participante deveria apresentar o colega que lhe respondeu às perguntas dizendo qual era seu objetivo “eu quero”, seus desafios “tenho que”, e seus medos.

Figura 8 – apresentação do colega



Fonte: Arquivo de imagens da pesquisa.

O primeiro grupo fez a atividade em trio, respondendo à questão “eu quero”, desse modo, a participante Edna, disse que a participante Pâmela não a convenceu de que realmente tem perfil para a profissão que deseja, porque seu argumento é de que tem “sangue frio” e por isso quer fazer medicina. A participante Edna, diz que isto não é suficiente para a realização de uma escolha profissional e que a colega não se mostrou tão convicta do que disse que pretendia fazer.

A participante Pâmela, disse que a participante Evely quer fazer medicina veterinária e a convenceu, porque ela pôde perceber no decorrer dos três anos de curso técnico que a participante Evely tem habilidade com animais e realmente se identifica com a área. A

participante Evely, falou sobre a participante Edna, que esta quer fazer agronomia e que acredita que vai sair-se bem no curso, porque tem muito cálculo e ela gosta de cálculo, por isso, acredita que vai sair-se bem. Sobre tê-la convencido a respeito do que quer, disse que mais ou menos, porque o curso de agronomia não é apenas cálculo, mas a participante Edna disse que gosta muito do curso e se identificou com a área ao longo do curso técnico em agropecuária. As participantes mostraram-se disponíveis, mas ao mesmo tempo um pouco tímidas nas apresentações.

Na segunda apresentação, sugerimos que as participantes respondessem à segunda pergunta “tenho que”, relatando o que precisavam fazer para concretizar a profissão desejada. Esta apresentação foi, como sugerido, em dupla e a participante Simone disse que a participante Camila relatou que primeiro precisava realizar o vestibular, PSC e ENEM para tentar passar, ela realizaria os três processos seletivos, tendo se inscrito para engenharia civil em todos os processos. Caso não consiga, disse que vai tentar conseguir um trabalho no município mesmo e continuar tentando a aprovação.

A participante Camila, falou que a Simone pretende cursar direito porque gosta de defender as pessoas. Para isso, pretende fazer o ENEM e vestibular. Como as respostas estavam bastante sucintas, fizemos algumas indagações sobre se a participante em questão tinha expressado aspectos mais detalhados do que é necessário, como a faculdade em que pretendia estudar, financeiramente, qual seria sua fonte de renda para manter-se em outra cidade, onde iria morar. A participante Simone disse a seu próprio respeito que o local onde morar era a questão de maior dificuldade para si, a participante Camila não soube dar maiores detalhes. Explicamos às demais duplas que esta segunda pergunta envolvia todas estas questões e era importante pensar nelas da forma mais pormenorizada possível.

Na terceira apresentação, solicitamos à dupla que falasse a respeito das duas primeiras questões “eu quero” e “tenho que”. O participante João apresentando a participante Eliana, disse que esta quer fazer agronomia por estar relacionada ao curso técnico que estão cursando, com o qual ela se identifica. Sobre a segunda pergunta, disse que vai fazer ENEM e vestibular e se não conseguir aprovação na primeira tentativa, vai continuar tentando aprovação para o mesmo curso. Contudo, ficou evidente que não haviam se aprofundado nesta questão também, sendo que o participante João não soube, a princípio, responder a esse quesito e iniciou falando sobre o que ela tem medo.

A participante Eliana, apresentando o participante João, disse que este quer fazer faculdade de letras e que tem tudo a ver com ele, porque gosta muito de ler. Sobre a segunda

questão, disse que ele vai fazer o SIS e o ENEM e se não conseguir aprovação vai para Humaitá tentar estudar lá, mas não soube explicar porque o colega pretendia ir para lá.

Na quarta apresentação, solicitamos que as participantes focassem na terceira pergunta “tenho medo”. A participante Edinalva disse que a participante Alessandra tinha medo de chegar ao final do curso escolhido e descobrir que não era aquilo que ela queria enquanto profissão, medo de não se identificar com o curso que escolheu, sendo que sua decisão estava entre agronomia e engenharia civil.

A participante Alessandra, disse que a participante Edinalva não tem medo porque vai lutar muito pelo que quer, enfermagem, e acredita que vai conseguir. Como a participante não mencionou um medo, perguntamos sobre seu passo a passo, “tenho que”, ao que respondeu que a colega vai fazer o SIS, o PSC e o ENEM e se não passar vai trabalhar para pagar a faculdade. Vai mudar-se de cidade mesmo que não consiga aprovação na primeira tentativa.

A quinta dupla, teve a opção livre de escolher qualquer uma das questões, dizendo apenas o curso que o colega pretendia. O participante Marcelo informou que o participante Nilson tinha quatro opções de curso (este participante faltou muito aos encontros) jornalismo, gastronomia, medicina veterinária e zootecnia. O participante Marcelo, disse que acredita que o colega tem perfil para jornalismo, porque gosta muito de esportes, então, seria jornalista esportivo, mas acredita que ele tem que focar mais para conseguir passar nas provas admissivas.

O participante Nilson, disse que o participante Marcelo pretende fazer agronomia e que tem todas as condições para conseguir. Disse que o colega já tem em mente o planejamento do que é necessário, pretende estudar na UFAM e morar na casa de um irmão em Manaus.

Na sexta apresentação, a participante Fabiana disse que a participante Kelly quer ser enfermeira, porque é um sonho de criança e porque gosta muito de ajudar as pessoas. Disse que a colega precisa passar no ENEM ou no vestibular. Se não conseguir, pretende continuar tentando nos próximos anos. Disse que a colega tem medo de não conseguir e caso não consiga, pretende montar seu próprio negócio. Se conseguir passar irá estudar em Manaus e morar com suas irmãs que já moram lá.

A participante Kelly disse que a participante Fabiana pretende cursar agronomia e diz que é uma área com a qual se identifica, o que, segundo ela, é perceptível nas aulas práticas que a turma faz. Para conseguir, precisará passar nos processos seletivos e, caso não consiga, pretende continuar tentando, mas tem medo de não conseguir passar. As opções de moradia

são Manaus e Humaitá, em Manaus iria morar em casa de parentes, em Humaitá ainda não tem onde morar, mas diz que é uma cidade mais tranquila e que tem o curso de agronomia lá, além disso, um professor do curso que é natural de lá e disse que poderia ajudá-los, no sentido de alocação até que consigam se estabilizar.

A sétima dupla foi orientada a responder as três questões. A participante Anabele disse que a participante Cristina pretende ser dentista e que é um sonho de criança. Disse que precisa estudar muito para passar nas provas. Pretende morar em Manaus onde tem parentes. Seu medo é de não conseguir passar nas provas de admissão. Mas também, diz que se não conseguir passar pretende mudar-se para Manaus para fazer curso preparatório.

A participante Cristina, diz que a colega pretende fazer medicina porque sempre gostou de cuidar das pessoas. Para isso, precisa passar no vestibular ou ENEM porque não tem como pagar uma faculdade particular. Planeja morar em Manaus, onde já tem uma irmã na faculdade. O medo é de não conseguir passar por não poder pagar uma faculdade particular. Caso não consiga passar irá fazer curso preparatório e continuar tentando até passar. Pretende mudar-se para Manaus independentemente de aprovação.

A oitava dupla prosseguiu respondendo as três perguntas. O participante Adriel, disse que a participante Alice pretende ser médica veterinária, por se identificar com a área e gostar muito de animais. O mesmo contou um episódio em que a colega saiu em defesa de um animal de rua que tinha sido agredido por uma pessoa e isso o convenceu de que ela realmente gosta dos animais. A colega pretende estudar em Rio Branco, irá morar dois meses na casa de amigos e, caso consiga adaptar-se à cidade, pretende alugar um apartamento para morar sozinha. O medo da colega é de não se adaptar ao novo local.

A participante Alice disse que o colega quer fazer agronomia e acredita que ele tem perfil devido ao que vê de sua dedicação nas aulas práticas. Disse que ele tem consciência de que precisa se dedicar, pretende morar em Manaus na casa de um tio, fazer vestibular e ENEM. Caso não consiga passar, irá mudar-se para Manaus e tentar conseguir emprego e continuar tentando passar nas provas de admissão.

A participante Keliane, da nona dupla, disse que a colega quer ser engenheira agrônoma e se especializar em entomologia, - nesse momento o restante da turma já estava bastante disperso e foi preciso chamar a atenção dos mesmos para que tentassem focar a atenção na apresentação das colegas - a participante Keliane diz que a colega a convenceu porque gosta muito de insetos e disse, também, que já tem em mente as etapas necessárias para conseguir realizar o curso: irá mudar-se para Manaus, fazer o ENEM e caso não consiga

aprovação, continuará morando lá, para fazer curso preparatório e tentar novamente as provas de admissão. Seu medo é de não conseguir passar ou não se adaptar na capital.

A participante Jaqueline disse que a participante Keliane quer fazer fisioterapia e acredita que ela tem perfil para isso, porque ela gosta muito de ajudar as pessoas. Planeja fazer o ENEM e vestibular, e mudar para Manaus para estudar. Seu medo também, é de não passar ou não conseguir adaptar-se ao local. Após dispensar a dupla, as últimas duplas se demoraram para se apresentar, então, o intervalo entre uma apresentação e outra, foi utilizado para realizar uma reflexão a respeito da adaptação ao local, no caso daqueles que pretendiam morar em outro município, já que era a primeira vez que esta preocupação aparecia nos diálogos.

Falamos sobre a adaptação quanto ao estilo de vida que é bem diferente da cidade pequena com relação a transporte, horários, violência, passar mais tempo fora de casa, dentre outros. Também discutimos o aspecto da adaptação com relação à família, para aqueles que pretendiam morar em casa de parentes, no sentido da necessidade de adaptar-se ao estilo de vida da família que irá acolhê-los, além de precisarem preparar-se emocionalmente para saber lidar com a falta dos familiares e amigos, ressaltando sobre pessoas que algumas vezes desistem do sonho por não conseguir lidar com a saudade que sentem de casa.

A décima dupla foi chamada, e o participante Paulo disse que o Participante Rondineli pretende ser piloto da força aérea, nesse momento, chamamos a atenção dos participantes para o fato de que nem todas as profissões passam pela universidade, sendo que há profissões, como a do colega em questão, que têm outros caminhos de ingresso que é importante conhecer. Nesse sentido, o participante Paulo explicou que o passo a passo para o colega realizar seu sonho seria, primeiramente, sair da cidade, teria que ir para Manaus realizar uma prova escrita e prova física para conseguir entrar para a força aérea. E depois, como membro da força aérea, realizar provas internas para subir de patente até chegar à categoria de piloto. Segundo o participante Paulo, o medo do colega é ser derrubado em sua primeira missão (a turma riu).

O participante Rondineli disse que o sonho do participante Paulo é ser agrônomo. Segundo ele, o colega quer prosseguir na área do curso, mas, também, porque trabalhava na roça antes de entrar no instituto e seus pais ainda trabalham como agricultores, então, ele se identifica muito com a área. Pretende mudar-se para Manaus e morar com a irmã. O maior medo é de não passar no vestibular, caso não consiga, pretende continuar estudando para os processos seletivos.

Na décima primeira dupla a participante Juliana disse que a participante Meire pretende ser agrônoma, vai fazer o ENEM e mesmo se não passar pretende mudar-se para Manaus e fazer faculdade particular, vai morar com o irmão. Quando a participante Juliana apresentava seus relatos, a participante Meire a interrompeu para dizer que tem um viés novo, que é o fato de uma irmã querer abrir uma loja em Eirunepé e a mãe quer que ela a ajude a cuidar da loja, então, isso minaria seus planos e ela está em dúvida entre a faculdade e a loja, mas afirma que seu interesse principal é o curso de agronomia.

A participante Meire diz que a colega também quer fazer agronomia. Vai fazer o ENEM, e tem as opções de morar em Manaus com o irmão ou em Humaitá sozinha. Caso não consiga passar, pretende continuar morando em Eirunepé, mas não sabe se vai tentar algum curso universitário oferecido no local.

A participante Mariana da décima segunda dupla, disse que a colega Samanta quer fazer psicologia e acredita que ela tem perfil, porque gosta de ajudar as pessoas, gosta de dar conselhos. Vai tentar fazer psicologia em Manaus, mas no SIS escolheu o curso de geografia por não ter o curso de psicologia na UEA, no curso de geografia se inscreveu para o município de Tefé. O medo de Samanta é conseguir ser aprovada e não ter condições financeiras de fazer o curso.

A participante Samanta, disse que a colega Mariana quer ser agrônoma. Mas no vestibular se inscreveu para direito em Manaus. No meio da fala, a participante Mariana corrigiu a participante Samanta, dizendo que seu curso de escolha é direito e que agronomia seria no caso de não conseguir ser aprovada em direito e, nesse caso, iria mudar-se para Humaitá, novamente, remetendo ao referido professor da turma que é natural de lá. O medo da participante Mariana é o mesmo da participante Samanta, de passar no vestibular e não conseguir manter-se na nova cidade.

Duas participantes não se juntaram em dupla e não queriam ir à frente para se apresentar, mas solicitamos que fossem ambas ao mesmo tempo e após alguma insistência, aceitaram. A primeira participante a se apresentar, Gilmara disse querer fazer enfermagem. Esta já tinha manifestado o desejo de fazer medicina, desse modo, questionamos sobre a opção de medicina e a participante disse que o curso que quer é medicina, mas se inscreveu para enfermagem, porque acredita que não conseguiria passar nesse momento para medicina, mas que quer fazer medicina ainda. Disse que pretende mesmo fazer enfermagem e que acredita que, ainda que não se torne médica, será feliz na profissão de enfermeira por ser, também, uma profissão da área de saúde. Caso seja aprovada, vai morar em Manaus com

outras duas colegas de classe do curso técnico, Alessandra e Edinalva.

A última participante, Karine, disse que pretende ser arquiteta. Em seguida disse que tem como opções ser arquiteta, engenheira, psicóloga ou fuzileira naval, mas que as duas últimas profissões são sonhos futuros. Segundo ela, é a primeira vez que expressa seu desejo de ser fuzileira. A participante disse que gosta de criar e terá mais oportunidade para isto na arquitetura do que na engenharia que é sua segunda opção, caso não consiga aprovação para arquitetura. A psicologia seria a terceira opção, fuzileira seria a quarta e se não conseguir nenhuma dessas, pretende abrir uma horta com os conhecimentos adquiridos no curso técnico. Disse que seu medo é decepcionar sua mãe, o que aconteceria caso não consiga ser aprovada em nenhum curso superior, já que seu irmão não pretende entrar na faculdade e as expectativas recaem sobre ela.

Após as apresentações, considerando que todos os participantes disseram querer mudar de cidade, sendo a maioria para Manaus, fizemos uma simulação com a finalidade de projetar os gastos mensais de um estudante de nível superior. Desta forma, fizemos coletivamente um levantamento dos gastos comuns de um aluno que morasse na casa de parentes e não tivesse gastos domésticos, gastando apenas com materiais escolares, alimentação e transporte, mantendo um estilo de vida restrito e equilibrado. A partir das sugestões propostas chegamos a um valor de R\$ 500,00 sem gastos extra ou com lazer. Com esta exemplificação, procuramos enfatizar o aspecto prático que não foi bem explorado no quesito “tenho que” da atividade realizada.

Após esta explanação propusemos a construção de um projeto de vida. A proposta consistia na confecção de um pequeno texto com as seguintes perguntas norteadoras: “Como eu vejo meu passado até o momento (algum evento marcante que eu queira contar?)”, “Qual a profissão que imaginava para mim quando criança?”, “O que espero para meu futuro profissional?”, “Como me vejo daqui a dez anos?”, “O que estou fazendo agora (no presente) para alcançar meu objetivo?”, explicitando que não precisariam seguir estritamente o que estava sendo sugerido, mas as perguntas foram sugeridas como orientação para a construção de um texto que trouxesse aspectos dos três momentos vivenciados: a influência do passado, o que se está fazendo no presente e as expectativas de futuro.

Os textos produzidos apresentaram várias referências a acontecimentos passados que os participantes entendem como influentes em suas escolhas, como a participante Evely que quis ser médica veterinária em virtude de sua vivência na fazenda do pai quando criança, a aluna Samanta que queria fazer medicina veterinária quando criança, em virtude da perda de

um animal de estimação, apesar de ter mudado sua opção de curso mais tarde.

A maioria dos participantes expôs uma projeção de como pretendiam estar em dez anos, entretanto, o passo a passo para alcançar o objetivo exposto ainda se mostrou bastante carente de objetividade. Disseram estar estudando para alcançar os objetivos, mas não especificaram possíveis planos alternativos caso não alcancem o objetivo na primeira tentativa.

Avaliação: A avaliação consistiu em ficha com questões objetivas e discursivas relacionadas à temática trabalhada. Alguns participantes precisaram de esclarecimento para alguns termos utilizados nos questionários, mas, de modo geral, todos realizaram a atividade sem grandes dificuldades.

Nas avaliações, os participantes disseram que as atividades realizadas corresponderam às expectativas, alguns disseram não ter ainda um projeto de vida, mas que a partir do encontro, pretendiam construir um projeto pessoal. Os participantes que disseram já ter um projeto, mencionaram que o encontro os ajudou a fazer algumas mudanças que entenderam necessárias, principalmente quanto às questões práticas.

Sobre as influências recebidas no tocante à realização do sonho pessoal, a maioria mencionou a família como influência positiva, mas alguns, como João e Samanta, disseram não ter tido grandes incentivos de seus familiares, tendo que buscar sempre sua própria automotivação. Os participantes relataram ainda, ter tido várias influências negativas de colegas que dizem ser muito difícil passar no vestibular e que não irão conseguir, dentre outras frases similares.

Por fim, o encontro foi avaliado como positivo, tendo, segundo os participantes, ajudado na reflexão sobre as profissões e os diversos aspectos que podem ser influentes na escolha profissional e a ter clareza do objetivo que se tem de modo a analisar a realidade e as possibilidades que esta enseja.

6º Encontro – 13 de setembro de 2019

Tema: Avaliação dos Interesses Profissionais

Objetivo: Avaliar os interesses profissionais dos participantes através de realização de teste psicológico.

Atividades: No início do encontro solicitamos que os participantes falassem sobre a experiência de escrever seu projeto de vida, como cada um percebeu esse momento de reflexão e se alguém se deu conta nesta reflexão de algo que gostaria de compartilhar. O participante Rondineli, disse que se lembrou que seu sonho por ser piloto começou quando

viu uma apresentação da esquadilha da fumaça, até então, não tinha vontade de ser piloto, queria apenas servir às forças armadas.

A participante Alessandra mencionou que quando criança queria trabalhar na área da saúde, mas hoje já não se vê nesse ramo. Perguntada sobre o motivo da mudança, disse que no decorrer do curso de agropecuária, foi se identificando com a área e agora pretende cursar agronomia.

A participante Alice disse que, diferentemente da colega, em sua experiência o curso técnico reforçou seu desejo que tinha desde criança de ser médica veterinária.

A participante Samanta mencionou um episódio da infância, de quando um cachorro da família morreu e daí surgiu sua vontade de ser médica veterinária e que, depois que foi crescendo e conhecendo outras profissões, esse desejo diminuiu e foi se identificando com psicologia que é o curso que pretende fazer hoje.

A participante Pâmela, relatou que quando criança queria ser fuzileira naval, mas devido a uma fatalidade da morte de uma sobrinha sua, por falta de assistência médica adequada, passou a querer cursar medicina e diz ser esse seu foco até o momento.

Perguntamos se algum participante se deu conta, no ato da produção textual, de algum evento importante que tenha sido significativo em sua vida e que ele ainda não tinha feito a relação entre o evento e sua escolha profissional. A participante Samanta, disse que ainda não tinha se dado conta de que tinha sido o evento da morte de seu cachorro de estimação que tinha feito com que ela quisesse escolher a profissão de médica veterinária.

Explicamos que estas reflexões são sempre importantes e necessárias para o processo de escolha da profissão, uma vez que elas favorecem o autoconhecimento que é essencial para uma escolha adequada. Nesse sentido, explicamos que a atividade que seria realizada a seguir tratava-se dos interesses profissionais analisados a partir dos interesses por atividades que estão relacionadas ao cotidiano das profissões: o teste de Avaliação dos Interesses Profissionais (AIP), conforme figura 9.

Figura 9 – Realização do Teste AIP



Fonte: Arquivo de imagens da pesquisa.

Assim, para a realização do teste, foram distribuídos um livro de exercícios e uma folha de respostas a cada um dos participantes. O livro de exercícios continha 200 frases sobre atividades diversas, que eram apresentadas em pares. Cada participante deveria escolher uma frase do par, de acordo com a atividade que lhe despertava maior interesse e assinalar na folha de respostas conforme instruções. Antes do início da atividade, realizamos a leitura de todas as questões e esclarecemos as dúvidas que se apresentaram, bem como, no decorrer da realização do teste nos mantivemos à disposição para atender as demandas dos participantes.

Avaliação: Considerando a característica da atividade com a necessidade da correção dos testes, a avaliação foi realizada apenas no encontro seguinte (27/09 – Marketing Pessoal). Na ocasião, entregamos o resultado dos testes de forma individual aos participantes e solicitamos que dissessem sua percepção a respeito do mesmo. Alguns participantes pediram esclarecimento sobre os resultados, outros discordaram do que foi indicado no teste. Explicamos que o teste indica as atividades que o participante tem interesse e não necessariamente a profissão, ao mesmo tempo em que pode ser um indicativo de que a profissão que o participante demonstrou interesse não realize as atividades que ele tem afinidade e os motivos por almejar determinada profissão, poderiam estar dissociados da prática desta, ou seja, era uma oportunidade de averiguar se o interesse pela profissão não estaria associado a *status*, ou mais relacionado ao curso do que à profissão na prática.

Assim, o teste foi analisado a partir dos interesses em atividades, avaliando a profissão como um todo. Um exemplo decorreu dos participantes que têm interesse em enfermagem e

que no campo “saúde” apontado no teste, tiveram percentual alto, mas no campo “manual artístico” e no campo “organizacional administração” tiveram percentuais baixos. Para esses casos, explicamos que, apesar de o curso solicitar principalmente conhecimentos da área da saúde, a prática da profissão vai exigir que o profissional realize diversas atividades manuais, assim como em sua rotina, precisará desenvolver diversas atividades administrativas que são indicativos desses dois campos que tiveram percentual baixo, o que indica que o participante tem interesse por determinados aspectos da profissão, mas não por outros. Nesse sentido, foram sugeridas algumas profissões que se encaixam no perfil de atividades que surgiram no teste, algumas delas que os participantes sequer tinham pensado, mas que estão de acordo com as atividades com as quais demonstrou interesse no teste.

7º Encontro – 27 de setembro de 2019

Tema do encontro: Marketing pessoal

Objetivo: Promover reflexão a respeito do autoconhecimento e da segurança quanto aos próprios princípios e opiniões de si.

Atividades: Conforme relatado anteriormente, antes da realização da atividade relacionada ao sétimo encontro, realizamos a devolutiva do teste de Avaliação dos Interesses Profissionais (AIP), juntamente com a avaliação do mesmo. Após a avaliação do teste, explicamos aos participantes como ocorreria a atividade referente ao presente tema, que consistia na simulação de uma entrevista de emprego, conforme figura 10.

Figura 10 – Simulação de entrevista de emprego



Fonte: Arquivo de imagens da pesquisa.

Para a realização da atividade, solicitamos que cada participante se apresentasse aos colegas, tentando responder às seguintes questões:

- Fale sobre você;
- Qual ou quais vagas você procura (profissão desejada)?;
- Que habilidades você tem, que nos convença a te dar esta vaga (ou que convença que tem o perfil para esta profissão)?;
- Quanto pretende ganhar?

Disponibilizamos 10 minutos para que os participantes anotassem as respostas em uma folha de forma a facilitar as apresentações. Os participantes mostraram-se um pouco intimidados com a proposta. Explicamos que, eventualmente, alguns deles precisarão passar por uma entrevista de emprego real, que irá submetê-los a situações em que precisarão demonstrar convicção quanto a suas escolhas, que é de forma específica, a proposta da atividade.

O início das apresentações foi feito de forma facultativa, desse modo, o primeiro a se apresentar foi o participante João, que afirmou que pretende ser professor, acredita que tem esse perfil porque gosta muito de ensinar, espera obter salário inicial de R\$ 4.500,00. Apesar de o referido participante ter falado com bastante desenvoltura, os demais mantiveram-se muito retraídos em participar, assim, foi necessário realizar uma adaptação na dinâmica das apresentações, de modo que passamos a fazer a atividade em forma de diálogo, não mais saindo do lugar e se apresentando para a turma.

A participante Fabiana, disse que está em dúvida entre agropecuária e medicina. A primeira em virtude de sua mãe e seu padrasto serem agricultores e ela se identificar com o trabalho, a segunda opção, em virtude de não ter dificuldade de manter-se calma ao ter que lidar com sangue, segundo ela, a maior dificuldade das pessoas que pretendem fazer medicina, por isso, acha que se sairia bem nesta profissão. O salário, disse que não quer ganhar muito e R\$ 3.000,00 de salário inicial estava bom.

Considerando a mudança na dinâmica das apresentações, as perguntas diretas estavam sendo feitas na sequência em que os participantes se encontravam, desse modo, a terceira participante seria Mariana. Contudo, a mesma encontrava-se muito inibida e não conseguiu responder às questões propostas, apenas disse que estava em dúvida entre direito e agronomia. Por esse motivo, sugerimos que os participantes que quisessem realizar a atividade se voluntariassem para se apresentar no modelo inicial conforme estava proposta a atividade.

Em sua apresentação, a participante Samanta veio à frente e disse que se acha uma pessoa extrovertida em alguns momentos, mas também retraída quando o momento pede,

gosta de conversar, sabe escutar. Quer cursar psicologia, pedagogia ou medicina veterinária, mas acredita que tem perfil maior para psicologia ou pedagogia pelas características que disse ter anteriormente. Seu salário pretendido é de R\$ 7.000,00 por mês. Vários colegas comentaram que ela deveria seguir a profissão de psicóloga, porque é muito boa em aconselhar as pessoas.

A esta altura, a turma encontrava-se mais descontraída e sugerimos que a participante indicasse um nome para se apresentar, a mesma indicou Rondineli que veio sem objeções. O participante que disse anteriormente querer ser piloto da força aérea, diz ser pontual, ter habilidade com números que, segundo ele, é essencial nessa profissão. O salário inicial pretendido é de R\$ 15.000,00 (os colegas riram). Rondineli indicou o participante Adriel que disse ser um pouco tímido, mas que consegue o necessário para cumprir suas atividades profissionais. Pretende cursar agronomia e escolheu o curso a partir da experiência do curso técnico em agropecuária, com o qual se identificou. Seu salário inicial pretendido é de R\$ 7.000,00.

A última participante a se apresentar foi Eliana, que diz considerar-se uma pessoa dedicada, mas está “em cima do muro” quanto a sua escolha. Perguntada, disse estar se dando conta de que tudo é muito difícil, primeiro pela quantidade de vagas que descobriu que são poucas, depois pelo fato de que no curso de agronomia uma das principais matérias é cálculo e não é boa em cálculo. Afirmou que, por esses motivos, está perdendo as esperanças. Nesse sentido, achamos necessário fazer uma fala sobre o perfil da profissão, esclarecendo que, talvez o fato de não estar sentindo-se mais à vontade com o curso escolhido, signifique que tal curso não está de acordo com seu perfil e que possivelmente esteja fazendo uma escolha por motivos não realistas ou até mesmo esteja tentando realizar o sonho de outra pessoa. A participante disse que seu sonho de ser agrônoma é devido a seus pais serem agricultores e ela gostar desse contato com a natureza, segundo ela, seu maior sonho mesmo é tirar seus pais do seringal (zona rural do município) e que um salário de R\$ 5.000,00 já lhe possibilitaria fazer isso. Considerando o horário, encerramos a atividade após esta apresentação.

Avaliação: A avaliação que, em virtude do tempo precisou ser realizada no encontro seguinte, consistiu em ficha que abordava questões abertas e fechadas relacionadas à determinação da profissão e ao auxílio que o encontro deu no processo de escolha do participante. As respostas, em geral, consideraram a atividade importante para aprender a analisar as motivações para as escolhas feitas e, também, para aprender a fazer novas escolhas. A maioria dos participantes teve alguma mudança no quantitativo de profissões escolhidas,

alguns reduziram a quantidade de alternativas, outros aumentaram a partir das explicações dos colegas.

Muitos disseram que os encontros até o momento os ajudaram a mudar seu modo de ver o processo de escolha, tanto para a profissão quanto para outros aspectos da vida. A participante Kelly disse ter aprendido a ser mais determinada, a participante Jaqueline disse sentir-se mais confiante sobre o que quer para seu futuro, Mariana disse ter aprendido a ter mais foco em seus objetivos.

8º Encontro – 11 de outubro de 2019

Tema do encontro: Perfil profissional

Objetivo: Auxiliar os participantes na construção de seu perfil profissional, a partir da relação entre o autoconhecimento e o conhecimento da profissão desejada.

Atividades: Explicamos aos participantes que a finalidade do encontro era a construção do perfil profissional a partir da percepção de si e do conhecimento do perfil esperado pelo profissional formado na área de interesse para, de modo comparativo, ser possível reconhecer o perfil profissional pessoal. Para tanto, entregamos aos participantes as fichas com as três atividades principais que relacionavam o perfil profissional: o curtegrama, o resultado da Avaliação dos Interesses Profissionais (AIP) e a produção textual sobre o projeto de vida. Além destas fichas, foram entregues aos participantes as ementas dos cursos universitários citados por eles em algum dos instrumentos acima mencionados, seja na produção textual, seja no teste, tanto as profissões que os participantes almejavam, quanto as profissões citadas como secundárias. Disponibilizamos ementas da Universidade do Estado do Amazonas – UEA, da Universidade Federal do Amazonas – UFAM e do Instituto Federal do Amazonas – IFAM. As ementas continham o perfil profissional e as disciplinas dos cursos⁹.

Explicamos aos participantes que os instrumentos entregues (curtegrama, AIP e Projeto de vida), seriam utilizados em conjunto com as ementas para construir seu perfil profissional. Dessa forma, deveriam analisar o perfil pessoal construído no curtegrama e comparar com o perfil profissional apresentado nas ementas. Desse modo, a atividade consistiu em ler as características contidas nos quadros “gosto e faço” e “gosto e não faço” do curtegrama, comparar com as características do perfil profissional das ementas, grifar as

⁹ As ementas foram retiradas dos seguintes sites, respectivamente: <http://cursos3.uea.edu.br/>; <https://ecampus.ufam.edu.br/ecampus/gradesCurriculares>; <http://www2.ifam.edu.br/pro-reitorias/ensino/proen/guia-de-cursos/bacharelado/medicina-veterinaria>

características comuns aos dois perfis e separar as duas profissões com mais características similares ao curtegrama.

Após as explicações, disponibilizamos um tempo não especificado para que os participantes fizessem a análise dos perfis, durante a qual estivemos à disposição para tirar dúvidas individualmente. Alguns participantes tinham faltado no dia da realização do curtegrama, estes foram orientados a analisar as características da profissão e grifar aquelas com as quais se identificavam. Os participantes mostraram-se bastante entusiasmados com a atividade, principalmente pela possibilidade de ter uma visão mais ampla do curso pretendido, bem como, ter a oportunidade de saber as matérias que eventualmente irão cursar.

A segunda parte da atividade consistiu em analisar o curso. Desse modo, sugerimos que os participantes fizessem o processo contrário no que diz respeito às disciplinas, ou seja, iriam olhar a ementa dos dois cursos, cujas profissões mais tinham se identificado, e verificar as disciplinas com as quais menos têm afinidade e grifar. Em seguida, iriam relacionar as disciplinas com os quadros do curtegrama “não gosto e faço” e “não gosto e não faço”.

Assim, explicamos aos participantes que o primeiro processo definiu o perfil profissional como vínhamos orientando no processo de escolha: o que vão fazer após terminarem o curso. O segundo processo definiu o perfil acadêmico: a identificação ou não com o curso universitário e poderia favorecer num afinilamento maior das opções para a profissão a ser escolhida.

Avaliação: Para a realização da avaliação a turma foi dividida em grupos de três pessoas, em que foi solicitado que elegessem um relator e um orador. Cada participante deveria dizer aos colegas quantas profissões tinha em mente antes desta atividade e quantas restaram, dizendo ainda se as profissões eliminadas foram em virtude do perfil profissional ou das disciplinas do curso. O relator iria anotar as respostas e o orador, apresentá-las para a turma, conforme figura 11.

Figura 11 – Apresentação do perfil profissional pessoal.



Fonte: Arquivo de imagens da pesquisa.

Desse modo, a apresentação dos grupos ficou da seguinte forma:

Grupo 01: João, Paulo e Samanta. Antes da realização da atividade, João tinha duas opções de curso: Letras em Língua Portuguesa e biologia, após a análise das ementas, retirou a opção de biologia em virtude de algumas disciplinas com as quais não se identifica. Paulo tinha três opções: química, ciências biológicas e ciências militares¹⁰, após a análise das ementas restou apenas ciências militares em virtude do perfil profissional. Samanta tinha cinco opções: matemática, português, medicina veterinária, psicologia e ciências contábeis, tendo restado apenas psicologia e matemática em virtude das disciplinas com as quais não se identificava.

Grupo 02: Gilmara, Camila e Eliana. Gilmara tinha três opções: enfermagem, medicina e ciências biológicas, tendo restado após análise apenas medicina. A participante disse que a eliminação das outras duas opções, foi em virtude das disciplinas. Camila tinha três opções antes da atividade: engenharia civil, psicologia e ciências militares, tendo restado após análise apenas ciências militares, também em virtude das disciplinas (a participante muitas vezes durante os encontros mencionou ter vontade de ser policial militar). Eliana tinha duas opções: medicina e agronomia, escolheu agronomia em virtude tanto das disciplinas quanto do perfil.

Grupo 03: Simone e Jaqueline. Simone tinha três opções de curso antes da atividade:

¹⁰ Este curso foi inserido nas fichas dos participantes que demonstraram interesse em alistar-se às forças armadas e/ou entrar para a polícia militar.

Biologia, Pedagogia e Direito, tendo restado após a atividade apenas direito em virtude do perfil profissional, mas disse ter se identificado parcialmente com pedagogia. Entretanto, afirmou que sabe que vai ser um desafio a área do direito devido a sua dificuldade em expressar-se verbalmente, mas ainda assim pretende ingressar na profissão. Jaqueline tinha duas opções antes da atividade: agronomia e licenciatura em dança, optou por licenciatura em dança porque se identificou com o perfil e eliminou agronomia devido às disciplinas, principalmente as exatas.

Grupo 04: Evely, Alessandra e Pamela. Evely tinha três opções antes da atividade: medicina veterinária, odontologia e direito, tendo restado após a atividade apenas medicina veterinária em virtude do perfil da profissão com o qual se identifica. Alessandra tinha cinco opções: medicina veterinária, enfermagem, agronomia, engenharia civil, matemática, tendo restado após a atividade matemática e engenharia civil em virtude do perfil profissional. Pamela tinha, antes da atividade, seis opções: medicina veterinária, cirurgia cardíaca, fuzileira naval, agronomia, professora de educação física e aeromoça. Disse ter abandonado a opção de aeromoça devido a necessidade de falar inglês, professora de educação física é um interesse que ainda tem, mas que não seria para agora, abandonou agronomia devido à grande quantidade de disciplinas de cálculo, e manteve como opções principais cirurgia cardíaca e fuzileira naval que diz terem sido os perfis profissionais com os quais se identificou.

Grupo 05: Juliana e Mariana. Juliana tinha apenas a opção de agronomia e pretende continuar nela. Mariana tinha cinco opções: matemática, física, química, direito e biologia. Após a atividade restaram direito e biologia em virtude do perfil profissional.

O comparativo das profissões almeçadas, antes e depois da realização da atividade, pode ser observado no quadro 3 a seguir.

Quadro 3 – Quadro comparativo: Profissões almeçadas antes e após a atividade

NOME	PROFISSÕES ALMEÇADAS	
	Antes da atividade	Após a atividade
Eliana	Medicina e Agronomia	Agronomia
Evely	Medicina Veterinária, Odontologia e Direito	Medicina Veterinária
Juliana	Agronomia	Agronomia
Jaqueline	Agronomia e Licenciatura em Dança	Licenciatura em dança
João	Letras Português e Biologia	Letras Português

Alessandra	Medicina Veterinária, Enfermagem, Agronomia, Engenharia Civil, Matemática	Matemática e Engenharia Civil
Mariana	Matemática, Física, Química, Direito e Biologia	Direito e Biologia
Paulo	Química, Ciências Biológicas e Ciências Militares	Ciências Militares
Pamela	Medicina Veterinária, Cirurgiã Cardíaca, Fuzileira Naval, Agronomia, Professora de Educação Física e Aerofoça	Cirurgiã Cardíaca e Fuzileira naval
Samanta	Matemática, Português, Medicina Veterinária, Psicologia e Ciências Contábeis	Psicologia e Matemática
Camila	Engenharia Civil, Psicologia e Ciências Militares	Ciências militares
Simone	Biologia, Pedagogia e Direito	Direito
Gilmara	Enfermagem, Medicina e Ciências Biológicas	Medicina

Fonte: Elaboração própria.

9º Encontro – 19 de outubro de 2019

Tema do encontro: Responsabilidade social do profissional

Objetivo: Fomentar reflexão a respeito da responsabilidade social da profissão, levando os participantes a refletir sobre sua responsabilidade frente às questões sociais.

Atividades: No início do encontro, propusemos uma reflexão a respeito do impacto social da escolha de cada um e como a realização de um sonho pessoal pode afetar positivamente outras pessoas. Explicamos que apresentaríamos um vídeo relacionado ao tema e a partir do conteúdo do vídeo realizaríamos algumas reflexões tentando relacionar o conteúdo do vídeo à realidade social na qual os participantes estão inseridos e com a responsabilidade social de cada um com a transformação dessa realidade.

O vídeo apresentado foi o curta metragem “Ilha das flores”, de Jorge Furtado¹¹. Após a apresentação do vídeo fizemos uma análise com os participantes sobre os pontos importantes do vídeo e a relação da realidade de Belo Horizonte da década de 1980, retratada no vídeo, com a realidade do município de Eirunepé nos dias atuais, conforme figura 12. Alguns

¹¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bVjhNaX57iA>. Acesso em: 20 jun. 2019.

participantes retrataram a presença de crianças no lixão, similar ao que se viu no vídeo, a realidade da pobreza em muitos bairros periféricos e a desigualdade social presente no município. Assim, adentramos no tema da responsabilidade social, tentando compreender como a profissão escolhida por cada um poderia influenciar na mudança dessa realidade de desigualdade.

Figura 12 – Discussão do filme



Fonte: Arquivo de imagens da pesquisa.

No entender dos participantes, só o fato de retornarem para o município após formados já seria uma influência positiva para a sociedade local, considerando a precariedade de profissionais capacitados no município, principalmente para a zona rural onde a população não tem acesso nem a professores durante boa parte do ano, principalmente na época da cheia. Nesse sentido, a grande maioria dos participantes disse ter intenção de retornar ao município após formados, apesar de não saberem se conseguirão emprego, que é um outro aspecto social deficitário no município.

A discussão apresentada anteriormente estava relacionada a perspectivas futuras com a finalidade de ajudar os participantes a entenderem que sua escolha profissional não afeta só a eles, mas a toda uma sociedade na qual estão inseridos, já a sociedade à qual pertencem também afeta suas possibilidades de escolha, seja limitando, seja ampliando estas possibilidades. E a tomada de consciência desta influência recíproca é importante para uma escolha consciente. Desse modo, propusemos a seguinte pergunta norteadora para nossa discussão: de que forma morar em Eirunepé me atrapalha na concretização do meu sonho

profissional?

A participante Gilmará propôs que pelo fato de no município ter poucas opções de cursos superiores, a pessoa que queira se formar em determinadas áreas precisa sair da cidade e muitas vezes por não ter condições financeiras, acaba desistindo do sonho. Outros participantes ressaltaram que a necessidade de saída do município é o maior entrave para a realização do curso superior porque, em alguns casos, mesmo tendo condições financeiras, os pais se opõem à saída dos filhos para outras cidades, muitas vezes, desmotivando os filhos de cursarem uma faculdade e incentivando a conseguirem um emprego de nível médio e continuarem no município, ou escolher um curso que tenha no município mesmo, desconsiderando o interesse profissional do filho.

O participante Vanderson mencionou o pai que afirma não ter precisado sair do município para fazer um curso superior e que, portanto, os filhos também não precisam, podendo escolher um curso que tenha no município, não há motivo para mudar de cidade. Em oposição ao pai, a mãe pressiona para que o filho vá para Manaus, porque diz que os cursos oferecidos no município não são de qualidade. A participante Evely, citou o exemplo da irmã que cursa direito em Manaus e trabalha durante o dia para manter-se, considerando que os pais não têm condições de mandar dinheiro, seria uma alternativa para aqueles que não têm o apoio financeiro dos pais, considerando que muitos disseram que pretendem ir para Manaus mesmo sem o consentimento dos pais.

Vários participantes, como Edna, Alice e Fabiana, disseram que os pais não estão propensos a permitir que viajem e não têm clareza do que vão fazer. A participante Pamela sugeriu curso subsequente no IFAM, alguns participantes sugeriram conseguir um emprego de nível médio no município e juntar dinheiro até que tivessem o suficiente para viajar e manter-se por um tempo na capital. Novamente reiteramos a importância de ter clareza do passo a passo para se chegar à profissão almejada. Foram levantadas outras opções como estudar e trabalhar. Nos casos de curso integral, encontrar trabalho noturno. A participante Edinalva sugeriu morar em casa de parentes, mas a maioria dos colegas discordaram afirmando que é uma opção inviável. A participante Evely mencionou que seus irmãos, quando mudaram-se para Manaus, alugaram um apartamento para morar juntos, 4 irmãos, mas com o tempo, houve diversos conflitos até que ao término de um ano, estavam todos morando em locais diferentes.

Apresentamos, por fim, uma reflexão a respeito do ano seguinte ao término do ensino médio, principalmente para aqueles que não conseguissem ingressar imediatamente numa

faculdade, a importância de terem um plano alternativo e trabalharem para cumpri-lo, uma vez que as pressões familiares e sociais iriam surgir e precisavam saber o que iriam fazer como parte do plano para chegarem ao curso almejado, caso contrário, correriam o risco de se acomodarem e desistirem da realização de seu sonho em via das circunstâncias.

Avaliação: A avaliação constou de uma produção textual intitulada “como a realização do meu sonho pode ajudar outros sonhos a se tornarem realidade” com a finalidade de que os participantes escrevessem a respeito de sua responsabilidade social do ponto de vista da profissão escolhida. Foram orientados a tentar abordar os temas trabalhados durante a discussão sobre o vídeo. Em suma, como a sua profissão pode ajudar outras pessoas além de você e ajudar a transformar a realidade de onde você mora.

Nas avaliações, alguns participantes apresentaram aspectos motivacionais para outras pessoas que vivenciam situação similar a deles, dizendo que pelo fato de conseguirem realizar seu sonho poderão servir de exemplo para outras pessoas que não acreditam no próprio potencial. Outros mencionaram a possibilidade de ajudar os familiares como foco principal de sua busca por realização profissional, além de ajudar outras pessoas através da própria profissão escolhida, como é o caso, principalmente, dos que escolheram formação para médico ou enfermeiro.

2.4.3 Avaliação Final

A avaliação, como proposto pela pesquisa-ação, ocorreu ao final de cada encontro com a finalidade de favorecer a reflexão contínua a respeito das ações. Entretanto, apesar das avaliações individuais dos encontros, realizamos, também, a avaliação final das atividades que ocorreram em dois encontros (10º e 11º encontro): o primeiro, visando à autoavaliação dos participantes; o segundo, visando à avaliação do Programa de Orientação Profissional como um todo.

10º Encontro – 22 de outubro de 2019

Tema: Autoavaliação

Objetivo: Realizar autoavaliação de aprendizagem e desenvolvimento ao longo do processo vivenciado nos encontros.

Atividades: No início do encontro, lembramos aos participantes o que havíamos explicitado no primeiro encontro do programa: que as atividades de orientação profissional que estávamos realizando eram parte de uma pesquisa com a finalidade da construção de

nossa dissertação de mestrado e que, portanto, nossas atividades precisariam ser avaliadas por eles. Desta forma, explicamos que o presente encontro e o próximo se tratariam da avaliação dos encontros que tivemos, sendo que no presente encontro, eles realizariam sua autoavaliação, conforme figura 13, e no encontro seguinte a avaliação das atividades.

Figura 13 – Autoavaliação



Fonte: Arquivo de imagens da pesquisa.

Para a realização da autoavaliação, disponibilizamos uma ficha que continha os encontros anteriores e em cada encontro um questionamento a respeito de como tal encontro auxiliou no processo de escolha profissional. Solicitamos aos participantes que respondessem com a maior sinceridade possível e nos encontros que não tivessem comparecido anotassem apenas “ausente”.

Em cada tópico havia o tema do encontro e uma breve descrição do que foi trabalhado para servir de lembrete ao participante sobre qual encontro estava sendo tratado. Nos casos em que os participantes não se lembraram do que se tratava o encontro, esclarecemos com exemplificações para ajudá-los a recordar.

As autoavaliações dos participantes giraram em torno das mudanças no modo de pensar que tiveram em relação a cada tema trabalhado nos encontros. A maioria dos participantes disse ter mudado sua forma de pensar, principalmente obtendo novas perspectivas da realidade socioprofissional tanto em relação ao curso universitário, quanto em relação ao mundo do trabalho, além de perceberem como positivas as oportunidades de reflexão sobre o autoconhecimento.

Avaliação: A avaliação realizada, foi uma roda de conversa a respeito da atividade desenvolvida. Os participantes disseram que a atividade serviu para avaliarem até mesmo sua frequência às atividades. Enquanto alguns fizeram uma autocrítica sobre os dias em que não compareceram, outros disseram que aquela atividade os auxiliou a dar-se conta do quanto aprenderam em cada encontro, mesmo aqueles que não compareceram a todos os encontros.

11º Encontro – 23 de outubro de 2019

Tema: Avaliação final do processo vivenciado

Objetivo: Avaliar as atividades desenvolvidas no Programa de Orientação Profissional.

Atividades: No início do encontro, explicamos a atividade a ser desenvolvida. Trata-se da confecção de uma carta endereçada a um amigo, na qual contariam todo o processo vivenciado ao longo dos onze encontros de orientação profissional, sua percepção, pontos positivos e negativos, conforme figura 14.

Figura 14 – Avaliação final.



Fonte: Arquivo de imagens da pesquisa.

Para a confecção da carta, entregamos uma ficha contendo frases norteadoras de modo a facilitar a escrita da mesma:

- Antes de participar do Programa de Orientação Profissional eu queria seguir a profissão de...
- No decorrer do programa, a coisa mais importante para mim foi...

- Se eu pudesse mudar alguma coisa dentre as atividades que tivemos, seria...
- Eu considero ter participado desse programa, uma experiência (boa, ruim, outra) porque...
- Hoje, a profissão que eu pretendo seguir é...
- Eu tomei essa decisão a partir de...

Sendo esclarecido aos participantes que os tópicos não eram obrigatórios, nem tampouco, precisariam ser seguidos à risca, mas tinham a finalidade de orientar o que é esperado da carta, o essencial seria que contassem sua experiência, aquilo que cada um considerasse que colaborou para seu desenvolvimento e o que poderia ter sido acrescentado ao programa.

Os participantes relataram seus interesses profissionais de antes da participação no programa. Alguns já tinham uma profissão em mente, outros tinham várias opções, alguns não tinham nenhuma. Houve participantes que disseram que o programa lhes ajudou a reduzir o número de opções, outros mudaram sua escolha. Alguns, como Gilmara, disseram que o programa os ajudou a confirmar a escolha que já tinham, mas agora com nova visão sobre a profissão, o mundo do trabalho e os aspectos práticos das mudanças que serão necessárias.

Os participantes destacaram vários acontecimentos dos diversos encontros que variaram entre alguma proposição feita pelo psicólogo sobre o processo de escolha que os levou a reavaliar conceitos, como por exemplo, a identificação com a profissão e a importância do autoconhecimento. Alguns destacaram encontros específicos que foram marcantes para si, como a participante Camila, que se referiu ao encontro sobre marketing pessoal em que foi simulada uma entrevista de emprego. Segundo ela, esse era um aspecto do mundo do trabalho a respeito do qual ainda não tinha pensado: a busca por emprego e seus desdobramentos, como a entrevista e a consequente necessidade de ter boa comunicação.

Vários participantes ressaltaram que até o encontro sobre o mundo do trabalho, ainda não tinham pensado a respeito das vagas de emprego, mesmo depois de formados. Aspecto muito ressaltado também, foi a oportunidade de ouvir os colegas, seus anseios e angústias e perceber que alguns estavam passando por situações similares e a oportunidade de troca de experiência.

No tópico sobre sugestões de mudança nas atividades, os participantes, em geral, falaram sobre a própria participação nos encontros, houve várias autocríticas quanto à participação por ter faltado ou não ter aproveitado melhor os encontros e algumas críticas aos colegas que “fugiram” de sala no horário dos encontros. Houve apenas uma sugestão, do

participante Rondineli, que sugeriu que os encontros fossem mais participativos, mais dinâmicos.

De modo geral, todos consideraram uma experiência boa, apesar de alguns terem ressaltado que certos dados apresentados os chocaram, como a questão de vagas e a questão dos gastos necessários para manter-se em outra cidade.

Avaliação: Na avaliação da atividade, realizada por meio de roda de conversa, os participantes disseram que gostaram de escrever a carta, apesar de que, quando foi proposta a atividade, mostraram-se resistentes por ser uma atividade escrita. Todos disseram que puderam reviver alguns dos momentos vivenciados durante o programa, que gostaram bastante. De forma unânime disseram não ter sugestões de alteração no formulário de avaliação (orientação para a escrita da carta) utilizado no encontro.

2.5 PROCEDIMENTOS PARA ANÁLISE DOS DADOS

Os dados foram analisados por meio do método de Análise Textual Discursiva (ATD) no qual, de acordo com Moraes e Galiazzi (2006), utiliza-se de categorização a partir de unidades de significado. Nesse sentido, perpassamos por três etapas: a unitarização do *corpus* da pesquisa, a categorização que é construída por meio das unidades de significado desenvolvidas na primeira fase e a captação do novo emergente a partir desses dois processos anteriores.

Apesar de os autores utilizarem essas etapas para descrever o processo de ATD, este não ocorre de forma sucessiva, nem tampouco, de forma simples, mas trata-se de um processo complexo que perpassa por etapas de retorno frequente aos dados, reflexão e reavaliação das categorias e dos metatextos com a finalidade de encontrar o real sentido que os conteúdos trazem em si.

O processo de análise de dados pela ATD iniciou com a unitarização, que se trata da divisão dos textos por unidades de significado que geram novas unidades através da interlocução e interpretação feitas pelo pesquisador. Segue-se a fragmentação destas unidades, com a finalidade da construção de categorias de significado, a partir destas categorias construídas pela fragmentação, chega-se a metatextos analíticos que irão formar a composição dos textos interpretativos (MORAES; GALIAZZI, 2006).

Nesse processo, realizamos primariamente a categorização dos dados, a partir da

desmontagem dos textos, conforme propõem os autores no processo de unitarização. As categorias foram construídas utilizando dados obtidos, tanto das falas dos participantes durante os encontros, quanto das respostas dos questionários, avaliações e produções textuais realizadas no decorrer do programa.

Os autores que estudam essa categoria enunciam que para a construção de um sistema válido de categorias, precisa haver uma relação com o contexto a que se referem e com os objetivos da pesquisa, sempre considerando as circunstâncias em que os materiais foram coletados e os sentidos que dele emergiram. Entretanto, é importante que sua organização se dê a partir de um único critério, o que garantirá a homogeneidade das categorias.

O procedimento para a categorização seguiu o processo de construção por categorias emergentes que são desenvolvidas a partir dos achados que vão sendo manifestos no decorrer da pesquisa. Desse modo, elas surgiram a partir da análise das unidades de sentido retiradas do *corpus* da pesquisa que contou com todo o material coletado nos 11 encontros, com todas as produções textuais desenvolvidas nos mesmos e avaliações escritas.

Optamos por construir nossas categorias a partir da análise conjunta de todo o material coletado, não tendo sido classificadas as categorias de acordo com um momento específico da pesquisa, mas analisando o material coletado como um único *corpus*. Assim, de forma específica, temos como *corpus* de análise, as transcrições das gravações audiovisuais dos 11 encontros realizados; as avaliações escritas dos encontros 2, 5, 7 e 9; a produção textual dos participantes desenvolvida no encontro 5; a autoavaliação realizada no encontro 10 e a avaliação final desenvolvida no encontro 11. Para facilitar o referenciamento dos encontros aos quais se referem as falas dos participantes, desenvolvemos códigos para as fontes de dados utilizadas, que são descritos no quadro 4.

Quadro 4 – Códigos e fontes de dados utilizadas

Instrumento	Código
Transcrições dos Encontros (1 ao 11)	TE
Avaliação do Encontro 2	AE2
Avaliação do Encontro 5	AE5
Avaliação do Encontro 7	AE7
Avaliação do Encontro 9	AE9
Produção dos Participantes (Encontro 5)	PP

Autoavaliação (Encontro 10)	AA
Avaliação Final (Encontro 11)	AF

Fonte: Elaboração própria.

Em seguida, procedemos à categorização que pôde ser construída a partir da unitarização, gerando três categorias principais e dez subcategorias, elencadas no quadro 5.

Quadro 5 – Categorias e subcategorias de análise

Categorias de análise	Subcategorias de análise
Os diversos sentidos da escolha profissional	Os sentidos precedentes à orientação
	A independência financeira
	O reconhecimento social
	O bem-estar familiar
A construção coletiva do Senso Crítico	Contribuições para o autoconhecimento e o questionamento de valores
	Tomada de consciência sobre a influência da realidade socioeconômica
	Influência sobre a subjetividade dos participantes
O processo de construção da autonomia	Mudanças de perspectiva
	Projeto de vida e de carreira
	Afloramento do senso de Responsabilidade social

Fonte: Elaboração própria.

No capítulo seguinte, apresentamos os metatextos advindos das categorias e subcategorias que foram apresentadas no quadro 5.

3 ANÁLISE DOS DADOS: CONTRIBUIÇÕES PARA A FORMAÇÃO HUMANA INTEGRAL

Na tempestade sempre há muita luz.

(Roque Moraes)

Neste capítulo, apresentamos a análise dos dados com base na Análise Textual Discursiva – ATD, conforme Moraes e Galiuzzi (2006), a fim de responder ao proposto em nosso terceiro objetivo específico, a saber: explicitar em que aspectos o Programa de Orientação Profissional desenvolvido atuou na Formação Humana Integral dos alunos participantes da pesquisa.

Para alcançar o referido objetivo, analisamos as unidades de sentido e a partir de seu conteúdo chegamos à três categorias que são descritas a seguir, possibilitando a construção de metatextos que nos dão pistas das contribuições trazidas pelo Programa de Orientação Profissional desenvolvido.

3.1 OS DIVERSOS SENTIDOS DA ESCOLHA PROFISSIONAL

O sentido do trabalho pode ser analisado tanto do ponto de vista coletivo, quanto do ponto de vista individual, ou seja, o sentido que a sociedade lhe imputa e o sentido que sua prática traz para a vida do indivíduo. Desta forma, Antunes (2013) ressalta que o sistema capitalista alterou o sentido socialmente atribuído ao trabalho, antes compreendido como instrumento de transformação da realidade para a manutenção social, hoje reduzido a mero instrumento de produção de riqueza. Riqueza esta que não é usufruída pelo trabalhador, mas apenas pelos dirigentes, gerando o que o autor chama de estranheza do trabalho, tanto no que tange à operacionalização de instrumentos que estão fora da realidade cotidiana do trabalhador, quanto pela realização de um trabalho do qual não conhece a finalidade nem a completude. Ao realizar um trabalho parcial sem conhecer sua finalidade, não encontra nele sentido, nem tampouco satisfação pessoal em executá-lo.

Encontrar sentido no trabalho que realiza é de importância fundamental, uma vez que o sentido é o que garante a singularidade do indivíduo. O sentido gera a reprodução dos significados a partir da leitura que o sujeito faz do mundo exterior baseado em sua subjetividade, respondendo assim, àquilo que emana da base material que é, também,

produtora da consciência. Desta forma, o sentido não somente caracteriza o sujeito enquanto indivíduo no nível subjetivo, mas articula-se com seus aspectos relacionais e assim responde às condições materiais de produção da sociedade, e desta forma, caracterizando-o, também, como ser histórico e social (FURTADO; SVARTMAN, 2009).

Em relação a isso, Ramos (2009) entende o trabalho enquanto instrumento de transformação da sociedade e consequente gerador de sentido para o trabalhador. Esse sentido que o trabalhador ou o futuro trabalhador, o adolescente que está no momento da escolha da profissão, atribui ao trabalho será, então, o fio condutor de sua escolha, uma vez que seja uma escolha autônoma. Entretanto, as condições de alienação e estranhamento tornam difícil a autonomia da escolha e por isso tornam ainda mais premente a necessidade de uma orientação profissional direcionada a auxiliar o sujeito a tornar-se cada vez mais reflexivo e independente em suas decisões, compreendendo que mesmo com as mudanças históricas no mundo do trabalho e as limitações impostas pelo contexto socioeconômico, ele ainda é capaz de escolher de forma autônoma uma atividade que agregue sentido a sua vida.

Portanto, a construção de sentido que o jovem faz da profissão que almeja, deve ser analisada sempre de um ponto de vista psicológico, considerando sua subjetividade e singularidade, mas também, e necessariamente, de um ponto de vista social, histórico e cultural, considerando suas vivências e as condições apresentadas pelo meio onde vivem (FURTADO; SVARTMAN, 2009).

Assim, a categoria que traz os diversos sentidos da escolha profissional, manifestou-se nos vários momentos do Programa de Orientação Profissional e nos permitiu observar as mudanças e novas atribuições de sentido que foram surgindo a partir das vivências e discussões em grupo. Ela foi dividida em quatro subcategorias, conforme segue.

A primeira subcategoria, que trata dos sentidos precedentes à orientação, manifestou-se principalmente nos três primeiros encontros do programa, e apresentou as expectativas que os participantes trouxeram *a priori* e que muitas vezes não condiziam com a realidade do mundo do trabalho. Já a segunda, que apresenta a busca pela independência financeira como sentido do trabalho, manifestou-se desde os primeiros encontros e pôde ser vista, também, nos últimos encontros.

A terceira, que trata do reconhecimento social, manifestou-se no quinto e nono encontros que trataram respectivamente da temática da projeção de futuro e da responsabilidade social do profissional. Por fim, a quarta, que apresenta como sentido do trabalho a garantia do bem-estar familiar, manifestou-se principalmente no quinto encontro,

que propunha uma projeção de futuro e nesta os participantes pontuaram fortemente o desejo de melhoria na condição social da família, conforme veremos a seguir.

Ressaltamos que, apesar de ser de praxe na transcrição das falas, seguir as normas da citação direta, que define que o recuo deve ocorrer apenas em citações com mais de três linhas, optamos por dar evidência às falas dos participantes utilizando o recuo em todas as citações, independente da quantidade de linhas.

3.1.1 Os sentidos precedentes à orientação

Esta subcategoria está relacionada às expectativas que os participantes nutriam em relação ao mundo do trabalho e manifestou-se principalmente nas falas coletadas nos primeiros encontros. Nelas, manifestaram-se algumas vezes expectativas idealizadas, por exemplo, a suposição de que bastaria se formar no curso superior e já teriam um emprego garantido, ou a falta de planejamento para atingir um objetivo, apesar de afirmarem já terem escolhido o curso que gostariam de fazer. A relevância desta subcategoria está em evidenciar a importância de disponibilizar informação sobre o mundo do trabalho e as opções de escolha, bem como, fomentar a reflexão sobre as etapas que ainda precisariam passar para chegar à universidade e inserir-se no mundo do trabalho.

Exemplo de idealização do trabalho é a fala do participante Elvis, que tem como objetivo tornar-se policial federal e acredita que seu futuro já está garantido, precisando apenas fazer qualquer curso superior que lhe permita realizar a prova do concurso, uma vez que o que vai lhe garantir o ingresso na carreira será o cursinho preparatório.

Só quero um ensino superior, entendeu?, pra fazer a inscrição e, tipo, eu posso fazer cursinho. Lá os caras têm tudo planejado, um cursinho em Manaus. Paga uma faculdade de 400 reais por mês, faz cursinho e já sai de lá praticamente [aprovado], tipo, eu vou fazer a prova do concurso, né? (TE2).

O contexto dialógico no qual surgiu esta fala do participante era sobre as expectativas para o curso pretendido e o participante tentava evidenciar que sua expectativa não estava relacionada ao curso superior, porque não precisaria escolher um curso, pois já tinha escolhido sua carreira. Do ponto de vista do participante, esta era uma posição confortável, uma vez que ele já tinha uma profissão rentável definida e um plano minimamente traçado.

Esta importância primária dada à suposta garantia de emprego é discutida por Oliveira

e Anjos (2011), os quais afirmam que grande parte das escolhas feitas pelos adolescentes não é fruto de uma reflexão ou de uma orientação profissional, mas está diretamente relacionada à pretensa garantia de emprego rápido, após formado. No caso do participante em questão, mostrava-se tão convicto de que era uma questão garantida, que não tinha nenhum plano alternativo caso não fosse aprovado no concurso da Polícia Federal, que sabidamente, é um concurso muito concorrido.

Outro viés, idealizado pelos participantes, foi o imediatismo com que esperavam conseguir um emprego. Mesmo que a maioria não tenha expectativas de emprego ao final do curso técnico de nível médio, o aguardavam para o final do curso superior, algumas vezes, como consequência deste, sem necessidade de nenhum tipo de esforço pessoal, como pode ser observado nas falas a seguir.

[eu pensava] que seria fácil, que tudo, ou para tudo que queria teria vaga de graça (Evely, AA);
Eu pensava que já tinha emprego só na nossa espera, mas não é bem assim (Adriel, AA).

Esta visão imediatista, apontada nas participações acima, é premente na sociedade contemporânea. Reis Júnior (2017) apresenta uma discussão interessante a esse respeito, na qual afirma que, pelo fato de algumas vezes as propostas educacionais de Educação Profissional trazerem como viés principal a promessa de emprego ao final do curso, este senso de urgência é enfatizado nos alunos da EPT, reforçando o conceito de empregabilidade, fazendo da escola instrumento de qualificação individual. Sem contar, que esta promessa nem sempre pode ser cumprida, porque está relacionada a toda uma gama de complexidade social que suplanta o alcance da escola.

Esta idealização do emprego garantido após a conclusão do curso superior estava, também, integrada à pouca reflexão a respeito dos passos necessários para a entrada e permanência numa universidade, considerando-se, particularmente, a necessidade de mudança de cidade. Os encontros 02 e 03 foram direcionados para estas reflexões e geraram algumas reações de frustração nos participantes conforme evidenciado nas afirmativas a seguir:

Eu pensava que depois de formada era muito mais fácil (Samanta, TE3);
Pensei que eram poucas as dificuldades (Meire, AE2);
Pensava que era mais fácil, mas não é o que eu pensava (Juliana, AA).

É interessante perceber que as duas primeiras transcrições foram realizadas no início da orientação e denotam certa frustração dos participantes ao dar-se conta de que a realidade é diferente daquilo que haviam pensado e/ou idealizado. O terceiro relato, já realizado no

décimo encontro, denota a autoavaliação da participante ao perceber após toda a orientação recebida, qual era sua visão antes de receber a orientação e a nova postura mais realista de quem agora tem uma dimensão mais próxima daquilo que é o mundo do trabalho.

Por esse motivo, concordamos com Nascimento, Moura e Damascena (2017) quando afirmam que é de importância primária propiciar a reflexão sobre o mundo do trabalho e sua relação com a sociedade e o sistema capitalista, uma vez que este é o contexto que cerca o estudante e no qual será inserido quando tentar sua entrada no mundo do trabalho e mesmo antes, quando da tentativa de conseguir entrada no curso de sua escolha.

Além da idealização, contudo, o impacto das reflexões sobre a realidade socioprofissional e acadêmica, gerou em alguns participantes certo pessimismo com relação à escolha e às (im)possibilidades de escolha. Como exemplo, temos a fala da participante Simone ainda no segundo encontro, muito sucinta, mas repleta de sentido:

Todo mundo sabe o que quer, só não sabe se vai conseguir (TE2).

Em sua fala é possível perceber certa expressão de angústia com relação à orientação profissional, uma vez que sua preocupação principal não está, necessariamente, em descobrir a profissão para a qual tem afinidade, mas na incerteza quanto à possibilidade de cursar a faculdade escolhida. Apesar de sua fala ter uma conotação pessimista, ela está embasada na realidade vivenciada em seu cotidiano, considerando que na cidade em que reside não há o curso pretendido e que, portanto, realizar o sonho profissional pressupõe a mudança de cidade e todas as demais implicações que esta mudança acarreta, de cunho financeiro, emocional, cultural.

Essa angústia gerada pelo advento da entrada no mundo do trabalho, é retratada por Nascimento, Moura e Damascena (2017) que evidenciam que ela está relacionada ao modelo capitalista que imputa ao jovem a responsabilidade por seu próprio protagonismo, ou seja, encontrar ele mesmo, maneiras de se sobressair às condições de desigualdades impostas pela sociedade capitalista.

Ressaltamos ainda, a realidade socioeconômica dos participantes e sua influência sobre o modo como veem o mundo do trabalho, bem como, a importância de se considerar este ponto de vista, pois as dificuldades por eles vivenciadas, muitas vezes se traduzem em desistência, não por falta de potencial intelectual, mas por descrédito quanto à existência de meios possíveis de conquistar o sucesso profissional em virtude de sua condição socioeconômica.

Esta realidade pôde ser captada na fala de vários participantes que, ao deparar-se com alguns dados do mundo acadêmico e do trabalho, principalmente no tocante à vagas, mas, também, quanto aos gastos para morar fora do município de origem, demonstram frustração e desânimo.

Pensei que eram poucas as dificuldades (Meire, AE2);
[eu pensava] que era difícil, mas nem tanto. [...] eu percebi que o mundo do emprego é difícil e complicado conseguir (Karine, AE10);
Isso [as dificuldades] é uma das coisas que me deixa de certa forma frustrada e nesse encontro percebi que existem muito mais dificuldades do que eu imaginava (Samanta, AE2).

Com relação à influência das condições socioeconômicas sobre as possibilidades de realização profissional, Simões (2010) ressalta a realidade de muitos jovens brasileiros para os quais a inserção no mundo produtivo, é uma questão de sobrevivência e precisam escolher entre se alimentar ou iniciar um curso superior quando a conciliação de estudo e trabalho não é facultada. Sem mencionar as dificuldades de se conseguir emprego em uma cidade na qual não se tem contatos. Para esses jovens, a escolha da profissão ganha outro sentido.

Por fim, uma das falas que, a nosso ver, expressa a influência que o meio e as vivências têm sobre a visão construída de mundo e de sociedade e sua influência sobre as escolhas, de modo particular da juventude, é a da participante Pâmela, que diz desacreditar da possibilidade de conseguir ser feliz com sua escolha, principalmente pelas limitações que a sociedade lhe impõe:

Sei lá, a felicidade é tipo, eu vou falar uma frase aqui que pode confundir, é tipo, se a gente for prestar bem muita atenção a gente não tem muita escolha, tipo, é a necessidade que faz a escolha da gente (TE4).

A fala desta participante exprime a frustração de uma jovem que vê repetir-se em sua vida o que Bock (2008) chama de ciclo da pobreza, no qual, a pobreza não permite a ampliação de horizontes e a estreiteza de horizontes impede a superação da pobreza. Entretanto, esta superação se faz tanto quanto se supere as condições limitantes que são de cunho social e não pessoal. Porém, a exigência que é feita ao jovem é que a superação seja através de um protagonismo pessoal, enfatizando a ilusão de que todos têm condições iguais de oportunidade num ato negacionista da realidade opressora e excludente que tantos jovens têm de enfrentar cotidianamente em suas realidades.

A partir do acima exposto, ressaltamos que dizer que os participantes chegaram até o Programa de Orientação Profissional com visões distorcidas da realidade (tanto idealistas, quanto pessimistas) não implica dizer que esta distorção tenha sido construída ao acaso ou de

forma fantasiosa, mas as próprias vivências dos sujeitos os levaram a perceber a sociedade e a falta de oportunidades que os distingue de outros jovens em situação socioeconômica favorável, o que gera conseqüentemente a temeridade quanto ao futuro profissional.

Esse subjacente medo do futuro é compreensível quando observamos as altas taxas de desemprego, a subvalorização do trabalhador, o aumento do trabalho informal em detrimento do formal e a conseqüente diminuição do número de contratados. Mesmo entre os profissionais de nível superior, observa-se um aumento do número de trabalho de prestação de serviço sem efetivação de contrato formal (ANTUNES, 2009). Em suma, aquilo que aqui estamos chamando de visão pessimista não está descontextualizado da realidade socioeconômica dos participantes, o que gera para eles o trabalho de entender os desafios reais e enxergar em meio a eles, as possibilidades de escolha ainda existentes.

3.1.2 A independência financeira

Apesar de a independência financeira ser critério importante para a escolha profissional, ela apareceu algumas vezes nas expressões dos participantes como prioridade frente aos demais critérios, demandando em alguns momentos a preocupação em conseguir uma ascensão social que os possibilite alguma segurança em virtude das experiências já vivenciadas no local de moradia.

Esta subcategoria manifestou-se principalmente na produção textual dos participantes no quinto encontro, que sugeria que os mesmos construíssem um texto com uma projeção para os próximos dez anos, favorecendo que expusessem aquilo que pretendiam alcançar com a escolha profissional que estavam fazendo. Mas, também, manifestou-se em outros encontros tanto do início do programa quanto do final.

A busca da independência financeira, mostrou-se uma forma de romper com a condição econômica em que se encontram, a rejeição dessa realidade assumindo um caráter prioritário, conforme observado no seguinte relato:

Quando não somos de família rica com certeza temos que pensar principalmente em questões financeiras (Pâmela, AE2).

O termo "principalmente" utilizado pela participante ressalta a urgência e a prioridade dada ao desejo de sair da condição de "não ser de família rica". A partir desse viés, compreendemos de que forma a independência financeira manifesta-se como sentido para a participante, uma vez que entende por experiência, quão limitante é a vida, em muitos casos,

essa limitação está na falta de dinheiro para suprir, algumas vezes, as necessidades básicas.

O desejo de independência financeira também se mostra, contudo, como complemento da realização pessoal. Alguns participantes demonstram isso ao falar da independência financeira no contexto da possibilidade de dar maior conforto para a família, como nos casos seguintes:

Me vejo formada em agronomia, com certeza vou ter um emprego, pois quero ser independente, vou dar um futuro melhor para os meus pais (Alessandra, PP); [espero que] daqui a dez anos eu esteja morando na minha própria casa, sendo independente, ajudando meus pais (Edna, PP).

As falas apresentadas podem ser interpretadas, também, como o desejo pela autonomia que perpassa inexoravelmente pelo aspecto financeiro e, nesse sentido, é visto por nós como positivo, pois demonstra a não alienação de pensar que o dinheiro não é importante ou necessário, mas é apresentado como meio para se chegar ao objetivo de satisfação pessoal e não como objetivo primário.

Outra relação que foi exposta nas falas é a da realização pessoal com a independência financeira. Em última instância, ambas participantes pretendem dar uma vida mais confortável para seus pais e, evidentemente, isto depende de melhores condições financeiras que esperam conseguir pela profissão escolhida, e isto irá nortear, portanto, sua escolha profissional para uma profissão que popularmente seja reconhecida como uma profissão rentável.

Nesse contexto do retorno financeiro para a família, Ramos (2009) ressalta a necessidade de reconhecer que, para as classes trabalhadores, a profissionalização do jovem é uma necessidade, não um privilégio; considerando sua urgência em levar um retorno financeiro para auxiliar no sustento da família. Esta é a perspectiva que motiva os jovens para, no caso de nossos participantes, a busca de uma profissão com vistas à rentabilidade. Em muitos casos, esta perspectiva financeira não se aplica especificamente ao salário prometido pela profissão, mas à promessa de emprego.

Alguns participantes, contudo, expressaram claramente sua prioridade pelo retorno financeiro em detrimento do interesse pessoal pela profissão, até mesmo desconsiderando outros vieses como possibilidades diversas de emprego ou potencial de ascensão da profissão, como é o caso da participante Samanta, que afirma que gostaria de ser psicóloga, mas que pretende adiar o sonho por motivos de retorno financeiro.

[...] pois para eu ter lucros e ganhar tenho que ser outra coisa antes de ser psicóloga (AE7).

Martineli (2016) ressalta que, além da busca por independência financeira após a

conclusão do ensino superior, a falta de condições financeiras, é hoje uma das principais causas da não entrada ou não permanência do jovem de baixa renda no curso superior, uma vez que precisa trabalhar para sua manutenção e algumas vezes não é possível a conciliação do emprego e do curso. Esta afirmação lança luz sobre a fala da participante que entende precisar de um curso que lhe traga retorno financeiro mais rápido para que, só então, possa fazer o curso com o qual se identifica, mas que não lhe oferece segurança quanto à questão financeira e empregatícia.

3.1.3 O Reconhecimento Social

A análise desta subcategoria demonstrou que o desejo pelo reconhecimento social muitas vezes percebido como algo negativo, manifesta-se, no contexto dos participantes da pesquisa, como uma resposta à sociedade excludente onde estão inseridos, bem como, possibilita uma leitura social a partir do ponto de vista da exclusão. No exemplo a seguir, quando a participante Pâmela relata que espera ser reconhecida não apenas como uma profissional, mas como "a" profissional, ela manifesta sua leitura de sociedade, na qual é vista apenas como mais uma jovem entre tantas outras sem identidade individual, mas apenas como um número contabilizado entre tantos outros e manifesta sua não aceitação desse tratamento.

Meu sonho é torna-me uma médica, não uma médica, mas sim a médica, pois pretendo me destacar entre meus demais colegas de trabalho (AE9).

Esta afirmação pode gerar uma impressão de mera busca por *status* e até mesmo, certo menosprezo pelos futuros "colegas de trabalho". Entretanto, quando analisamos esta fala em paralelo a seu histórico de vida, ressaltando-se o fato de que a participante perdeu uma sobrinha por um suposto erro médico, entendemos que, ao se propor a missão de destacar-se dentre os demais colegas médicos, a mesma está realizando uma autoafirmação de não cometer erros que possam comprometer a vida de algum paciente, como "um" médico já fez antes dela. Este esclarecimento pode justificar sua afirmativa seguinte:

[...] quando falo de destaque, quero dizer que quero ser uma excelente profissional (Pâmela, AE9).

Ramos (2017) enfatiza que a busca por reconhecimento é a busca por encontrar seu lugar na sociedade, em suma, definir sua identidade. Nesse sentido, quando um jovem faz uma escolha, ele passa a se identificar com a escolha realizada e passa a buscar conquistar seu espaço social a partir desta escolha porquanto se identifica com ela e começa, desde então, a

moldar sua identidade profissional. Esta identificação se faz pela compreensão de seu lugar social, seu lugar atual, muitas vezes não escolhido. O lugar almejado que idealiza, será materializado com a profissão.

Desse modo, observamos que o reconhecimento social almejado por estes participantes e que se mostra um fator de influência em seu processo de escolha, está eivado de uma história de vida e experiências marcantes, tanto pontuais, como a anteriormente exposta, quanto cotidianas, como a da participante que afirma que

Meus sonhos, aos olhos de alguns dos meus familiares são impossíveis [...]. Com a realização dos meus sonhos poderei mostrar para todos que desacreditaram, que eles também são capazes (Eliana, AE9).

Ser desacreditada dentro da família gerou, compreensivelmente, o desejo de "mostrar para todos", mas ao mesmo tempo, a participante deixa entrever que compreende essa incredulidade, considerando que participa do mesmo contexto de dificuldades e conclui afirmando que pretende ser um modelo para a própria família de que mesmo com as adversidades, a realização do sonho ainda é possível.

Novamente, a busca pelo reconhecimento mostra-se como afirmação da própria individualidade. Em certa instância, o desejo de se formar, de "ser alguém" é uma forma de garantia da identidade e de ter sua capacidade reconhecida. Para além do âmbito da família, Ramos (2009) chama a atenção para o reconhecimento do jovem dentro da sociedade e até mesmo da própria escola, não apenas como um futuro profissional, um adulto em potencial, mas como um sujeito de sonhos e direitos hoje, com sua individualidade e potenciais a serem trabalhados no presente de sua juventude.

O reconhecimento social, também se manifestou na preocupação em obter destaque na profissão, o que é possível observar na seguinte afirmação:

Eu me vejo daqui uns anos uma grande profissional, que todos possam conhecer meu trabalho e que possam lembrar de todos os meus esforços (Evely, PP).

É possível observar na fala da participante, que o reconhecimento social esperado não se trata apenas de *status* pela profissão, mas, também, de reconhecimento pelo esforço empreendido no processo. Esta percepção denota a tomada de consciência quanto às dificuldades a serem enfrentadas para a realização do sonho profissional.

Alves e Dayrell (2015), ao pesquisarem a realidade de jovens do meio rural, afirmam que a escolha de uma profissão é embasada pela busca por reconhecimento social. Ser reconhecido, entretanto, está associado ao respeito social. Ser respeitado naquilo que escolheu fazer enquanto profissão, será a garantia de sucesso para este sujeito e isso pode ser associado

à fala da participante quando espera que reconheçam seu esforço, em outras palavras, espera que sua história seja valorizada e em última instância, respeitada.

3.1.4 O Bem-Estar Familiar

Dentre os sentidos do trabalho evidenciados na fala dos participantes, a preocupação com o bem-estar familiar foi o mais repetido e por fatores similares, a rigor: dar um retorno ao esforço que os pais fizeram para que os filhos pudessem estudar mais que eles. Longe de uma leitura romantizada desta realidade, percebemos em seu fundo, uma indignação pela impossibilidade de ascensão social por meio do trabalho, desse modo, aqueles que não desistiram, pretendem alcançá-la por meio do estudo e ofertá-la aos pais que se esforçaram sem o esperado sucesso.

Esta subcategoria relativa à família apresenta várias bases, tanto no sentido de realizar um sonho dos pais, quanto no sentido de auxiliar a família financeiramente, bem como, no que tange a dar orgulho para o nome da família. Contudo, o que se apresenta como fator motivador para a concretização do sonho profissional por vezes é relatado como reforço negativo no processo de escolha da profissão, conforme podemos ver na fala seguinte:

Meu medo, decepcionar minha mãe. Não passar no vestibular ou no Enem, ela tem tanta expectativa em mim, né? Tanto sonho em mim (Karine, TE5).

Nesta fala da participante, notamos mais o medo do fracasso do que o desejo pelo sucesso profissional, não se tem o entusiasmo pela busca de um sonho, que poderia ser esperado de uma jovem saindo do ensino médio, mas o peso da responsabilidade de alcançar as expectativas depositadas por terceiros. Alves e Dayrell (2015) discutem a questão dos interesses a partir do enfoque na intervenção da família sobre o planejamento pessoal e destacam a questão do desejo, afirmando que quando o desejo familiar diverge do desejo pessoal, em geral, o jovem tende a seguir o desejo pessoal em detrimento do familiar. No caso da participante, ela não precisou tomar esta decisão, uma vez que não havia um desejo declarado de sua mãe quanto àquilo que precisaria realizar, mas pesou sobre ela a responsabilidade em “ser alguém” por meio dos estudos, como realização do desejo materno.

Diferentemente da participante acima, a participante a seguir encontra na expectativa dos pais um espaço de entusiasmo e um fator motivador para realizar o sonho profissional:

Hoje eu sou o maior orgulho dos meus pais. E eu vou realizar esse sonho por eles (Evely, PP).

Nesse sentido, Moura (2004) afirma que a relação de expectativas nutridas pela família em comparação às expectativas que o jovem tem de seu futuro profissional poderá ser um fator motivador ou desmotivador de sua realização profissional, dependendo, entre outros fatores, da relação que este jovem tem estabelecida com seus familiares. Segundo a autora, a relação de influência preexistente, de complementaridade ou de disputa no tocante à escolha profissional do jovem, irá manifestar-se de maneira mais forte no momento da escolha definitiva e irá definir se esta será uma influência positiva ou negativa sobre ela.

Entretanto, apesar dos pontos de influência da expectativa familiar sobre a escolha dos participantes, o viés que mais se destacou foi o desejo pela melhoria da qualidade de vida da família a partir da escolha da profissão:

Espero receber uma quantia em dinheiro que dê para eu poder sustentar minha mãe e meu pai e também para que eu possa ser independente (Pâmela, PP).
Me vejo daqui a dez anos no meu emprego, bem-sucedida financeiramente, na minha casa com a minha família, pretendo sim me casar e ter filhos, cuidar dos meus e dar a eles uma vida maravilhosa, ou seja, me vejo bem com minha família (pai, mãe, irmãos, filhos e marido) (Jaqueline, PP).

Apesar de as participantes mencionarem o desejo de independência, este é posto como secundário em relação à família. No segundo exemplo, observamos que o planejamento profissional se funde com o pessoal e a família nuclear, com a família estendida, este aspecto mostra-se relevante, porque destaca que, por mais que a participante se imagine casada e com filhos, faz questão de ressaltar que sua meta final de sucesso profissional é auxiliar os pais.

Esta preocupação com a família, evidenciada pelos participantes em sua grande maioria de baixa renda, é concordante com achados de Ozella e Aguiar (2008) que afirmam em sua pesquisa que uma das características dos jovens entrevistados, considerados de baixa renda (classe C) é sua preocupação com a família, particularmente com a mãe, sendo seu auxílio classificado como uma das responsabilidades da vida adulta.

Esta prioridade de dar conforto aos pais, como objetivo primário do sucesso profissional, manifesta-se de forma bem evidente na fala seguinte:

De início eu quero ganhar uns cinco mil, por aí, já me ajuda. Por causa que, tipo, meu sonho mesmo é tirar meus pais do seringal e, tipo, cinco mil por mês assim, já dava pra ajudar (Eliana, E7).

O trecho citado foi coletado durante atividade desenvolvida no sétimo encontro na qual a participante deveria convencer os colegas a respeito de seu interesse profissional e quando ela afirma que seu "sonho mesmo" é tirar os pais do seringal (trata-se da zona rural do município), evidencia que seu foco primário não é a profissão escolhida, apesar de ser

importante, mas o bem-estar familiar.

Esta priorização do conforto dado aos pais, particularmente à mãe, repete-se em várias falas de participantes, tais como:

Tenho não só meus sonhos de ser independente, conquistar meus bens e usufruir do meu dinheiro de maneira que eu bem entender, mas o meu foco principal é dar o devido conforto que minha mãe merece (Simone, AE9);
Independente do meu emprego ou faculdade meu foco principal vai ser minha mãe (Edna, AE9).

Estas afirmativas evidenciam o sentido do trabalho para estas participantes, não a realização profissional em si, nem o *status* que ela pode trazer ou mesmo o dinheiro em si para usufruto pessoal, mas apresenta um significado mais amplo, apresenta, em última instância, um sentido de missão frente à realidade econômica e social da família. Esta realidade algumas vezes é favorável, mas por vezes é intimidadora e limitante pelo peso de responsabilidade que enseja.

3.2 A CONSTRUÇÃO COLETIVA DO SENSO CRÍTICO

O desenvolvimento da capacidade de crítica social é um dos pressupostos da Formação Humana Integral por garantir ao sujeito, condições de realizar uma análise social e se posicionar frente às condições objetivamente analisadas. Entendemos, juntamente com Pereira, Santos e Oliveira Neto (2017), que quanto mais crítico e reflexivo o sujeito for, mais próximo estará da autonomia e mais terá a contribuir para a transformação da sociedade. Desse modo, vemos com singular importância a manifestação desta categoria que possibilitou observar que o Programa de Orientação Profissional viabilizou o desenvolvimento do senso crítico nos participantes favorecendo a sua emancipação.

Esta categoria foi dividida em três subcategorias que permitiram a compreensão do modo que se desenvolveu esta criticidade dos participantes. Desta forma, a primeira trata do desenvolvimento do autoconhecimento e das reflexões sobre valores pessoais que permitiram uma autoanálise frente aos conhecimentos adquiridos. Ela manifestou-se principalmente na autoavaliação realizada no décimo encontro e nas avaliações dos encontros. A segunda, tratou da tomada de consciência a respeito da influência do contexto socioeconômico sobre suas escolhas. Esta subcategoria, teve coleta de participações de praticamente todos os encontros, pois foi um processo que foi sendo amadurecido durante todo o programa e esteve presente em todas as reflexões realizadas.

Por fim, a terceira está relacionada a mudanças manifestadas no nível da subjetividade dos participantes e diz respeito às mudanças que os participantes afirmam ter ocorrido em seus princípios e valores, no modo de enxergar, não apenas a escolha da profissão, mas os diversos aspectos de suas vidas, nas mais diversas escolhas que precisam realizar. Esta subcategoria manifestou-se principalmente na avaliação final realizada no décimo primeiro encontro, na autoavaliação do décimo encontro e nas avaliações dos encontros, principalmente nos textos escritos.

3.2.1 Contribuição para o autoconhecimento e questionamento de valores

O autoconhecimento é fator preponderante para uma boa escolha profissional, uma vez que é ele quem irá indicar quais atividades terão ou não potencial de trazer satisfação para o sujeito. Longe de ser mero indicativo de perfilação para a vaga, o autoconhecimento irá de encontro aos parâmetros que orientavam o candidato a tornar-se o que o mercado espera dele, porque dará ao orientando as condições de fazer uma escolha baseada nos seus interesses pessoais e na necessidade da sociedade acima da necessidade do mercado.

Este é, aliás, um dos princípios da Formação Humana Integral, a capacidade de se posicionar frente à escolha de acordo com seus próprios interesses e não de acordo com o interesse do capital (RAMOS, 2014). Desta forma, entendemos que o Programa de Orientação Profissional, ao fomentar o autoconhecimento, favoreceu à Formação Humana Integral ao passo que capacitou o sujeito a romper com a lógica do capital e pensar nas possibilidades que poderão lhe ajudar a encontrar o sucesso de acordo com seus próprios critérios, para o qual a profissão é um de seus aspectos.

O autoconhecimento manifestado pelos participantes é parte indispensável do processo de orientação profissional, pois é ele que irá permitir aos participantes compreenderem aquilo que é prioritário e o que é secundário em suas escolhas, por este motivo, interpretamos esta subcategoria em conjunto com os valores pessoais pois entendemos, juntamente com MARTINELLI (2016), que a discussão de valores pessoais e sociais, seja em consonância ou em oposição, favorecem a construção da identidade do sujeito que é em si um dos objetivos da orientação voltada para a Formação Humana Integral.

Desta forma, notamos algumas afirmativas dos participantes que denotam a importância da compreensão de si, a partir da aquisição de novos conhecimentos, por exemplo, na afirmativa da participante Alessandra, a seguir:

Abriu muito o meu pensamento, até mesmo o meu ponto de vista (AE8).

Esta afirmação permite entrever que a aquisição de conhecimento a respeito da realidade socioprofissional e acadêmica contribuiu para a reflexão sobre seus princípios e valores até o momento, indo além da escolha da profissão, mas nesse processo, ampliando seu conhecimento sobre si e a reavaliação dos valores pessoais.

Esta mudança de pensamento é apresentada por Filho (2010) como própria da fase da adolescência e necessária para a construção do pensamento crítico, uma vez que é nesta etapa que o sujeito irá confrontar seus conceitos com os novos conhecimentos adquiridos e a partir desta confrontação terá a possibilidade de desenvolver novos conceitos e valores. Nos termos da participante acima, ampliar seu pensamento.

Outra afirmativa que retrata a mudança de pensamento a partir dos conhecimentos adquiridos é a que segue:

Através dele [do encontro] pude sair da ilusão e conhecer a realidade da profissão escolhida por mim (Eliana, AE7).

Esta referida ilusão foi relatada anteriormente quanto às visões distorcidas com que alguns participantes iniciaram o Programa de Orientação Profissional e a partir desse relato é possível entrever a percepção da própria participante de que seus princípios estão sendo trabalhados em direção à mudança de valores e concepções. Estas concepções, que a participante traduziu por ilusão, podem ser entendidas, também, pelo modo simplista de enxergar a entrada no mundo do trabalho, desconsiderando toda a complexidade de fatores que estão direta ou indiretamente associados a esse ingresso.

O autoconhecimento auxiliou os participantes na definição de sua escolha profissional, alguns puderam observar que as escolhas que nutriam até aquele momento não condiziam com seus valores e características e optaram, a partir das reflexões, por uma mudança de opção de curso:

Antes de eu participar, os meus pensamentos ou planos era cursar enfermagem, só que aí, vi que não era a que eu pretendia levar em frente, então isso me ajudou muito (Kelly, AF);

Antes de participar do programa de orientação profissional eu queria seguir a profissão de engenheira, mas com a orientação eu quero seguir a profissão de arquiteta (Karine, AF).

Estas falas evidenciam a importância do autoconhecimento somado à aquisição de novas informações sobre o mundo do trabalho e o conhecimento de novas profissões. As decisões que os participantes tinham tomado até a participação no Programa de Orientação Profissional estavam embasadas por seu conhecimento até a ocasião, ampliar esse

conhecimento e favorecer a reflexão sobre seu autoconhecimento, oportunizou, também, a ampliação das perspectivas de futuro e ao vislumbre de novas possibilidades.

Morin (2001) enfatiza a relevância do autoconhecimento e, conseqüentemente, de ter clareza quanto aos próprios princípios e valores, quando evidencia que o que dá sentido ao trabalho é a possibilidade de união das exigências deste com os interesses, valores e princípios do indivíduo. Portanto, a disponibilização de conhecimentos sobre o mundo do trabalho e as profissões em si é apenas uma parte do processo de escolha, a parte seguinte depende do indivíduo, pois se relaciona a sua disposição para refletir sobre seus próprios princípios e valores. Em suma, desenvolver seu autoconhecimento.

Os participantes foram gradativamente compreendendo a importância do autoconhecimento para a realização de uma escolha assertiva, de modo que, no decorrer dos encontros, passaram a analisar o desenvolvimento do autoconhecimento, principalmente em relação a seus gostos, interesses e valores pessoais, conforme observado nas afirmativas a seguir:

De certa forma, observei que gosto de muitas coisas que pensei que não gostava (Pâmela, AA);
Não sabia diferenciar sobre as coisas que eu gostava. Agora eu tenho uma base (Edinalva, AA).

Estas afirmativas foram coletadas do encontro de autoavaliação, penúltimo encontro do programa, o que indica que os participantes avaliam positivamente o fato de terem desenvolvido um maior conhecimento de si e, portanto, sentem-se mais bem preparados para a realização de uma escolha, evidenciando um maior desenvolvimento do senso crítico a partir do autoconhecimento.

Entretanto, os valores pessoais puderam ser observados também a partir de autocríticas tecidas pelos participantes quando analisam sua postura frente à escolha até o momento:

Tenho que entender que tenho que lutar para que os meus sonhos se realizem (Jaqueline, AA).

Notamos que a fala da participante faz uma autocrítica quanto a sua postura passiva em relação à própria escolha, mediante o dar-se conta de que haverá dificuldades para a efetivação de seu sonho profissional. Esta mudança de postura está diretamente relacionada às transformações próprias e necessárias do momento vivencial do sujeito, a saber, a adolescência. Esta mudança de postura passiva para uma postura ativa e participativa é tanto mais fomentada quanto maior é a capacidade reflexiva do indivíduo (RAMOS *et al.*, 2016).

O autoconhecimento, contudo, pode mostrar-se um processo algumas vezes doloroso e

de difícil aceitação. Vemos no relato a seguir um trecho de uma resposta de uma participante que, ao analisar sua participação nos encontros, percebe a profundidade a que as reflexões a levaram fazendo com que descobrisse sua própria fragilidade:

[pensava] que eu não tinha medo de nada e nem do fracasso. Descobri que eu tenho medo de fracassar (Edinalva, AA).

A participante, ao enfatizar a descoberta de seus medos, demonstra estar num processo de aceitação da realidade e, conseqüentemente, dando-se conta daquilo que diversos autores (BOCK, 2008; RAMOS, 2014; FURTADO; SVARTMAN, 2009) propõem: o sucesso da escolha não depende unicamente dos esforços do indivíduo, mas está relacionado à disputa de forças na gama social que tem influências diretas e indiretas sobre as possibilidades de escolha do sujeito. Entretanto, apesar do modo dramático com que esta realidade está posta, entendemos esta compreensão como positiva, pois aponta o desenvolvimento do senso crítico da participante que irá fazer escolhas pautadas em ponderações cada vez mais próximas da realidade.

Um dos encontros que favoreceram mais diretamente a avaliação do autoconhecimento e a correlação deste com o processo de escolha foi o terceiro encontro, no qual foi realizada a atividade do curtegrama. Trata-se de atividade bastante simples, na qual o participante tem uma relação de atividades e precisa elencar as que gostam ou não de fazer. Contudo, ao fazer isso, muitos participantes se deram conta de que nunca tinham realmente refletido sobre seus gostos, interesses ou prioridades e ao deparar-se com as próprias respostas ficaram surpresos com o que pensavam de si e o que descobriram a respeito de si mesmos.

Eu pensava que não iria mudar em nada o que eu pensava. [...] o curtegrama abriu a minha mente para outras profissões (Karine, AA);
[pensava] que eu me conhecia. Agora eu realmente me conheço (Gilmara, AA).
Apreendi muitas coisas sobre mim mesma (Pâmela, AF).

Avaliamos a importância desta subcategoria baseados nas evidências de que ela indica que o Programa de Orientação Profissional auxiliou os participantes a elevarem seu nível de autoconhecimento, autocrítica e reflexão sobre conceitos pessoais, uma vez que o autoconhecimento é primário em qualquer processo de escolha e de forma particular na escolha da profissão, visto que é peça chave na construção da identidade (RAMOS *et al.*, 2016).

Dias (2016), a partir das percepções de Sócrates afirma que o autoconhecimento é essencial para uma escolha profissional eficaz, uma vez que o autoconhecimento implica em conhecer as motivações que levam o sujeito agir da forma que age e, conseqüentemente, fazer

as escolhas que faz. Desse modo, o "conhece-te a ti mesmo" implica em conhecer os fatores de influência que levam o indivíduo a ser quem é.

Em suma, ao ter clareza de seus princípios, valores, forças e fraquezas o indivíduo estará apto para realizar uma escolha consciente, pautando suas escolhas em condições cada vez mais bem estabelecidas e, mesmo quando for influenciado por condicionamentos externos, terá consciência destas influências e poderá fazer escolhas realistas ainda que mais limitadas.

3.2.2 Tomada de consciência sobre a influência da realidade socioeconômica

Furtado e Svartman (2009) apontam a consciência como elemento central da constituição do psiquismo humano, indicando Vigotski para conceituar o termo e afirmam que este a entende, dentre outras designações correlatas, como parte de um processo no qual ocorre a tomada de consciência em relação a si mesmo a às vivências subjetivas, mas, também, com relação ao meio no qual encontra-se inserido. Essa tomada de consciência com relação ao meio manifestou-se como subcategoria na análise do material coletado, tanto das falas durante os encontros, quanto das produções escritas dos participantes no decorrer do Programa de Orientação Profissional.

A capacidade de criticar o contexto social, no sentido de compreender os fatores de influência no processo de escolha, é uma característica importante para a escolha profissional consciente porque tira o orientando da postura de auto culpabilização pelas oportunidades que lhe são negadas, ao passo que também o tira do contexto do vitimismo social, mas permite que tenha uma consciência crítica daquilo que seu meio social oferece e as suas possibilidades reais de conquista de seus sonhos profissionais e pessoais, bem como, os passos necessários para alcançar estes sonhos almejados.

O desenvolvimento do senso crítico é entendido como fator primordial para a Formação Humana Integral. A capacidade de criticar a própria situação e desenvolver estratégias que favoreçam a sua superação irá ajudar o orientando na sua formação pessoal e profissional. Desse modo, muitos participantes demonstraram que os encontros vivenciados no Programa de Orientação Profissional favoreceram ao desenvolvimento dessa capacidade crítica como veremos adiante.

O principal aspecto que denotou essa tomada de consciência quanto à influência da realidade sobre as escolhas, foi a crítica que os jovens fizeram ao local de moradia, ainda que

em frases curtas como as que seguem:

tá cruel (Simone, TE9);
Eu já quero é sair [daqui] (Gilmara, TE9).

A crítica da realidade manifestou-se também na preocupação com a necessidade de sair da cidade por não oferecer os cursos que os participantes almejavam:

[me preocupo] com o fato de ter que trocar de cidade (Juliana, TE2);
[penso] na dificuldade de ficar longe da família (Kelly, TE2);
[o encontro] ajudou a perceber que teremos algumas dificuldades para entrar em uma faculdade (Meire, TE2).

A relevância da tomada de consciência quanto à realidade socioprofissional é expressa por Bock (2018) quando de sua crítica ao modo de analisar o fracasso profissional, que muitas vezes é utilizado pela população, no sentido de culpabilizar o indivíduo que não teve sucesso profissional como alguém que não soube fazer uma boa escolha da profissão, ou seja, que não escolheu algo com o que realmente se identificasse. Esta leitura superficial, afirma o autor, tende a culpabilizar o sujeito e desconsiderar todo o contexto social que muitas vezes impossibilitou ou ao menos limitou suas possibilidades de escolha para que viesse a ter sucesso futuramente.

Esta preocupação manifestou-se, também, de forma individual, como no exemplo em que a participante Samanta apresenta a participante Mariana:

O medo dela é o mesmo que o meu, de passar no vestibular e não ter condições financeiras pra ir ou se manter lá (TE5).

É evidente que a preocupação dos participantes não é apenas em passar no vestibular, ou outras provas de ingresso na universidade, mas, particularmente, com a condição financeira para conseguir manter-se em outro município. Por esse motivo, concordamos com Bock (2018) quando afirma que a ideia de liberdade de escolha está condicionada às possibilidades materiais de determinado lugar em um dado momento histórico. Entendemos como errôneo o posicionamento que naturaliza a escolha como algo simples e igualitário a todos os sujeitos. O próprio princípio do capitalismo torna a liberdade de escolha uma questão de interesses do próprio capital para determinada população em determinado local e época. E suplantar estas limitações, apesar de possível, é tarefa que exige esforço maior para determinada população que para outra. Compreender, portanto, o contexto socio-histórico e econômico em que o orientando se encontra é condição fundamental para uma orientação minimamente exequível (BOCK, 2018).

Alguns participantes puderam perceber e expressar a dificuldade vivenciada no local

de origem a partir de uma análise de sua própria história de vida em que apresentam dificuldades educacionais, falta de acesso à saúde, necessidade de trabalhar na infância, e percebem a influência desses eventos em suas escolhas:

Eu vejo o meu passado até o presente momento como sendo um passado de luta e muita dificuldade (Paulo, PP);
Em certo tempo os estudos ficaram difíceis, pois só começou no meio do ano e as vezes quase no final do ano pode-se dizer, então eu pensava “meu Deus como vou ser alguém na vida se nem meus estudos estão certos” (Camila, PP).

Observamos, na afirmação dos participantes, a consciência de que as dificuldades enfrentadas no passado influenciaram suas possibilidades de escolha no presente. Entretanto, na afirmação da participante Camila, podemos entrever que, apesar de o direito ao estudo formal lhe estar sendo negado, a responsabilidade de “ser alguém na vida” é tomada para si. Esta auto responsabilização por “correr atrás” daquilo que a sociedade lhe nega é uma característica do jovem que, como Camila, se prepara para a entrada em um mundo do trabalho que se encontra em constantes mudanças, novas tecnologias sendo desenvolvidas a todo instante, novos arranjos organizacionais sendo implementados constantemente, além de mudanças contínuas na configuração do mercado econômico.

Todas estas mudanças induzem um discurso ideológico que reforça a responsabilidade do trabalhador pela qualificação e constante requalificação para entrada e permanência no trabalho (BEZERRA, 2017), conseqüentemente reforçando no jovem em processo de escolha a preocupação em optar por uma profissão que esteja em ascensão para que quando estiver formado tenha uma quantidade significativa de vagas, como se esta responsabilidade não estivesse associada aos construtos sociais elaborados pelo capital.

Contudo, as experiências de dificuldades vivenciadas pelos participantes, também foram transformadas em motivação para a carreira, como no caso da participante Pâmela relatado a seguir:

Recentemente, eu perdi pessoas que eu amo por falta de cuidados médicos, aí isso me influenciou muito a querer atuar na área da saúde pra ajudar essas pessoas pra não perder[...], porque tipo a minha sobrinha[...], ela morreu foi por conta que o médico ele não prestou atenção nas ultrassom que a mulher tava fazendo e não percebeu que o líquido tava engrossando e aí a criança tava crescendo, nasceu com deformidade e deveria ter mudado, ter encaminhado, pra uma pessoa que fosse, que soubesse o que estaria fazendo né, que o médico não sabia, e isso me afetou muito (TE6).

A afetação que a participante menciona, manifestou-se como desejo de tornar-se uma profissional melhor e de destacar-se na mesma profissão que relata ter trazido dores para sua

família. Conforme evidenciado em 3.1.3, a referida participante relata o desejo de ser médica e de destacar-se entre os colegas, evidentemente, fazendo menção a este episódio que acabou por influenciar em sua orientação para a escolha da profissão.

O exemplo da participante Pâmela evidencia o ponto defendido por Furtado e Svartman (2009) que afirmam que a escolha profissional é sempre baseada no significado, que esta profissão tem para o indivíduo e a análise da construção desse significado deve ser realizada sempre de um ponto de vista sócio-histórico e cultural, sem desprezar os aspectos psicológicos mas tendo como primários os aspectos relacionados a suas vivências e história de vida, pois, fatidicamente, a história de vida do sujeito terá influências diretas ou indiretas na construção de sua individualidade e singularidade.

A crítica que se faz da realidade social mostra-se, também, como forma de indignação por não encontrar possibilidades de superação por meio do trabalho.

O que me inspira e ao mesmo tempo me deixa indignada é ver meu pai se matando de trabalhar para que tenhamos o que comer, e muitas vezes por mais que tentasse o seu esforço não era o suficiente (Eliana, PP).

A participante retrata a realidade cotidiana daqueles que vivem do trabalho, que têm acesso apenas ao ensino elementar e não encontram subsídios para terem oportunidade de prosseguir nos estudos sem o risco de não poder levar alimento para suas famílias (KUENZER, 2007). Interessante evidenciar que esta realidade, reflete o desejo de possibilitar aos filhos a oportunidade de avançar nos estudos de modo a terem oportunidades que os pais não tiveram, em decorrência das condições socioeconômicas.

Outro ponto que foi fortemente levantado nas falas dos participantes é a tomada de consciência de que permanecendo na sua cidade de origem não será possível realizar seu sonho profissional. Algumas falas registradas retratam um certo pesar em ter que afastar-se da família e dos entes queridos, ao mesmo tempo que o esforço se mostra como motivação para encontrar possibilidades de oferecer melhorias financeiras para eles.

Pensava que para não ficar longe da minha mãe eu poderia arranjar um emprego e morar aqui. Percebi que aqui não vai me oferecer os cursos que desejo fazer, tenho que explorar o mundo lá fora (Edna, AA).

Por mais que, apesar das condições socioeconômicas enfrentadas pelo sujeito, ele seja capaz de realizar escolhas, Aguiar (2006) afirma que tais escolhas têm qualidades diferentes daqueles que são privilegiados socialmente. Segundo a autora, em algumas circunstâncias, apesar de fazer uso da vontade, não seria correto afirmar que se fez uso livre da vontade, pois

esta foi forçada pelas condições socioeconômicas limitadoras nas quais o sujeito encontra-se inserido. Por isso, a importância premente de conhecer as condições vividas pelo sujeito que se propõe a realizar uma orientação profissional.

Observamos no texto acima a tomada de consciência de que não será possível conciliar o estilo de vida ao qual se está acostumado e a realização do sonho profissional. Esta tomada de consciência leva os participantes a precisarem realizar uma escolha prévia à escolha da profissão: abandonar a família ou fazer um curso para o qual não têm afinidade.

A tomada de consciência, entretanto, não acontece de forma padronizada ou igualitária para todos os indivíduos, ao contrário, ela apresenta-se em graus variáveis considerando a subjetividade do sujeito. Isto possibilita que dois indivíduos que tenham vivenciado a mesma experiência desenvolvam graus de tomada de consciência distintos em relação a uma mesma temática (FURTADO; SVARTMAN, 2009).

Ainda em relação às limitações do local de moradia dos participantes, estes evidenciaram que o programa os auxiliou na tomada de decisão de sair do município em busca de novas oportunidades, a partir das reflexões desenvolvidas ao longo dos encontros:

Eu sei que tenho que ir embora porque aqui na nossa cidade não temos recursos, por isso tenho que fazer esse sacrifício, por mim e pelo meus pais (Cristina, AF); Tipo, aqui em Eirunepé ainda não tem universidade, por isso muitas pessoas optam por sair daqui porque não têm oportunidade, né? (Gilmara, TE9).

Essa falta de oportunidade torna ainda mais difícil a escolha do participante que precisará decidir não só o curso pretendido, mas uma nova cidade, um novo estilo de vida, uma quantidade de responsabilidades que muitas vezes entende ser maior do que acredita estar pronto para absorver, não só com os estudos, mas com a própria alimentação, vestuário, moradia, relações sociais, adaptação e afastamento da família. Isso nos casos em que a família tem condições de enviá-lo e mantê-lo em outra localidade.

3.2.3 Influência sobre a subjetividade dos participantes

A orientação profissional, apesar de ter seu foco no mundo do trabalho e no processo de escolha dentro desse contexto, não limita sua abrangência a este íterim, mas mune o orientando de ferramentas e instrumentos intelectuais e reflexivos que o capacitam a realizar mudanças em aspectos diversos de sua vida, tanto pessoal quanto social.

A atual condição da sociedade e a repetitiva culpabilização do indivíduo propiciou um pensamento em cadeia de que é necessário buscar continuamente uma aptidão para o

mercado. Busca que tende a mostrar-se sempre mais necessária e a todo tempo insuficiente, gerando no sujeito um constante estado de autoexame, autodepreciação e autorrecriação por nunca estar à altura do mercado (BAUMAN, 2009). Essa busca inatingível que o atual estado do sistema capitalista gera no trabalhador e, também, no jovem que se prepara para entrar no mundo do trabalho, atinge de forma direta sua subjetividade, seu estilo de vida e, conseqüentemente, seu bem-estar.

Portanto, a orientação profissional precisa atingir este nível de subjetividade do participante, fazendo-o perceber que suas escolhas podem ser baseadas naquilo que deseja para si, suplantando as expectativas sociais e mercantilistas. Ajudar o orientando a romper com esta ideologia opressora, é crucial para ajudá-lo a caminhar para a autonomia e emancipação.

A presente subcategoria manifestou-se no relato que os participantes apresentaram, de mudanças ocorridas a partir do Programa de Orientação Profissional, que foram além do relacionado à escolha da profissão, alcançando aspectos pessoais como autoconfiança e segurança para escolhas diversas, além do aspecto estritamente profissional. Esta mudança observada em aspectos subjetivos dos participantes foi relatada algumas vezes com o termo "transformação pessoal" e entendemos que evidencia um nível de importância de grande relevância no processo de desenvolvimento dos participantes de modo que permite avaliar o Programa de Orientação Profissional como uma experiência com potencial de transformação no nível da individualidade, para além de meramente disponibilizar informações sobre profissões e perfis psicológicos.

Entendemos por mudança no nível da subjetividade àquela que atinge aspectos da consciência individual do participante, de sua identidade (FURTADO; SVARTMAN, 2009). Este, a priori, não seria o objetivo do Programa de Orientação Profissional, considerando-se não estar diretamente relacionado à escolha profissional que era o que estava sendo diretamente trabalhado no decorrer dos encontros. Entretanto, foi possível perceber tais mudanças em várias falas ao decorrer dos encontros e nas avaliações das atividades realizadas periodicamente. Algumas frases foram curtas, mas carregadas de sentido, como a seguinte fala da participante Juliana:

Me trouxe mais confiança (TE2).

Nesta afirmação é possível entrever que a confiança não está relacionada apenas à questão da escolha, mas a uma característica pessoal sua, que foi estimulada a partir das experiências vivenciadas no encontro, favorecendo uma mudança pessoal para além da

escolha da profissão. Esta premissa da possibilidade de influenciar a transformação da subjetividade a partir da vivência coletiva com os pares é corroborada por Gonçalves e Bock (2009) quando afirmam que a subjetividade é construída na relação dialética do sujeito com a sociedade.

Apesar de a subjetividade ser individual, ela é construída socialmente através de processos objetivos e, portanto, as vivências do sujeito em sua história de vida irão moldar suas motivações subjetivas para qualquer escolha. Consequentemente, as relações construídas objetivamente no decorrer das atividades desenvolvidas no programa, são meios potenciais para influenciar no construto subjetivo dos valores dos participantes e iniciar mudanças em seu modo de ser e de perceber o mundo a seu redor e, consequentemente, em sua maneira de agir sobre ele.

Afirmção similar é encontrada, cinco encontros depois, em que outra participante expressa sua determinação e confiança em relação ao futuro:

Me sinto mais determinada e confiante [a respeito] do que eu quero (Jaqueline, AE7).

Quando a participante menciona a determinação e confiança, ela está definindo critérios que a fazem saber que deu passos no sentido do autoconhecimento e que teve transformações em nível de subjetividade e individualidade que a faz ter tal convicção. Nesse contexto, o autoconhecimento surge, não como objetivo final, mas como parte de um processo de mudança no qual a participante tem a possibilidade de uma reflexão em que toma consciência de seus medos e inseguranças e, a partir daí, tem uma mudança de atitude frente a esta condição, o que é, portanto, uma mudança subjetiva a partir da relação com os pares (DIAS, 2016).

Alguns termos similares que foram utilizados e que nos ajudaram a identificar esta subcategoria foram "mudança de pensamento", "mudança de olhar", "enxergar com outros olhos", "abriu meus olhos", que denotam maior capacidade de avaliação da realidade juntamente com a capacidade de autoavaliação, o que implica em um amadurecimento implícito desenvolvido no decorrer dos encontros.

Abriu uma nova visão sobre tudo que eu pensava. Depois da orientação eu continuei com as duas opções de profissão, mas com uma nova maneira de pensar (Gilmar, AF).

Com esta afirmação a participante evidencia o que estamos afirmando quanto ao que alguns autores chamam de autonomia intelectual (ARTIAGA; ALVES, 2017; RAMOS, 2014) com relação ao processo e efetivação da escolha, uma vez munida de conhecimento sobre o

processo de escolha, por meio de reflexões em relação ao mundo acadêmico e ao do trabalho, quanto a aspectos sociais e subjetivos influentes na tomada de decisão, a participante observa em si uma mudança de atitude, aqui traduzida como nova maneira de pensar e, apesar de ter mantido a mesma escolha que tinha antes da Orientação, destaca a ocorrência de uma mudança, não na escolha, mas em si com relação à escolha.

No sentido das transformações subjetivas ocorridas a partir das vivências no programa, ressaltamos a afirmação da participante Alessandra que evidencia como o aprendizado da orientação profissional favoreceu mudanças no contexto de sua vida pessoal:

Eu antes pensava mais na minha profissão, mas agora posso aplicar escolhas em minha vida também, fazer o que eu gosto realmente, e sem ter medo de tentar (AE7).

Esta capacidade de aplicação do aprendizado, em outras áreas da vida, denota a efetividade do processo de orientação, uma vez que teve projeção não apenas fora do espaço das atividades, mas também, em outro contexto de escolha, reforçando a autonomia não apenas para realizar uma escolha, mas para seguir adiante na decisão tomada. O fato de ter auxiliado a participante a lidar com aspectos diversos de suas relações pessoais, evidencia que o programa cumpriu com sua missão primária: a promoção do desenvolvimento humano (CARVALHO; MARINHO-ARAÚJO, 2010).

No relato a seguir, temos uma afirmativa similar à da participante acima:

Antes eu queria fazer coisas que eu me sentia não apto a fazer, mas hoje eu me sinto mais e muito mais apto a fazer as minhas escolhas profissionais (Adriel, AE7).

Entendemos que esse senso de aptidão a tomar decisões pode ser considerado uma mudança em sua subjetividade, uma vez que esta capacidade de ir além, trará possibilidades de desenvolvimento pessoal muito maiores do que apenas a capacidade da escolha de uma profissão, poderá influenciar, inclusive, na autoestima do participante que agora percebe-se como um sujeito autônomo, capaz (apto) de fazer suas escolhas e a partir delas, construir a própria história.

Quando o participante se dá conta de que conseguiu realizar sua escolha, isso faz com que perceba que este caminho não ocorreu sem transformações em áreas diversas de sua vida:

Nesse mês que tive um grande processo de transformação, porque alguns meses atrás não tinha em mente o que eu queria fazer [...] mas hoje mudou completamente o meu raciocínio, então hoje tenho em mente a profissão que pretendo seguir (Adriel, AF);
Pensava em várias profissões, mas ao decorrer, vi que apenas duas das profissões que queria, combinava com a minha pessoa [...]isso foi tão importante

para mim [...] (Camila, AF).

Os relatos acima foram coletados da avaliação final do programa que consistiu na confecção de uma carta para um amigo. Podemos perceber na forma pessoal que os participantes escrevem seu relato a função afetiva que a escolha representa para cada um deles e a importância que assume no contexto geral de suas vidas. Quando o participante Adriel diz que passou por “um grande processo de transformação” deixa evidente que o Programa de Orientação Profissional foi para ele mais do que a realização de uma escolha, ajudou-lhe a ter um propósito de vida.

Aguiar (2006) afirma que o ato de escolher é o principal revelador da subjetividade humana por ser a essência do ato da vontade. Entretanto, esta subjetividade não pode ser considerada separadamente dos aspectos históricos, sociais e ideológicos que envolvem o sujeito. Compreendemos esta afirmativa nas palavras da participante acima quando evidencia o efeito que isso gerou para si, ao dar-se conta de que agora poderia seguir em frente com mais segurança na realização de sua escolha profissional que seria, em suma, uma escolha também pessoal.

3.3 O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA AUTONOMIA

Esta categoria surgiu da análise comparativa das respostas apresentadas pelos participantes no decorrer dos encontros, demonstrando a evolução de sua capacidade reflexiva em cada um deles, principalmente no tocante à tomada de decisão. Os dados foram coletados em quase todos os encontros, nas discussões verbais e nas atividades escritas dos participantes, sendo possível observar a evolução dos argumentos e do modo de pensar deles no decorrer do programa.

Esta categoria está dividida em três subcategorias que evidenciam as mudanças de perspectiva ocorridas, tanto no tocante à escolha da profissão em si, quanto à percepção de novas possibilidades para a realização do sonho profissional. A primeira subcategoria apresenta as mudanças de perspectiva vivenciadas pelos participantes ao decorrer dos encontros. A mesma foi coletada tanto nos primeiros encontros, apresentando o posicionamento primário, quanto nos últimos, revelando a mudança vivida pelos participantes. A segunda subcategoria denota a construção de um projeto de vida sólido, demonstrando o desenvolvimento da capacidade reflexiva e o amadurecimento da percepção dos passos necessários para alcançar os objetivos propostos. Por fim, a terceira subcategoria,

evidenciou a preocupação dos participantes com a realidade social onde estão inseridos e nos permitiu observar que a profissão é por eles enxergada além da realização pessoal, mas representa uma possibilidade de atuar sobre a transformação da sociedade.

Compreendendo a autonomia como a capacidade de crítica do mundo do trabalho e da vivência do trabalho enquanto sujeito de direito, orientado para a emancipação (FERREIRA; AZEVEDO, 2020), percebemos que a construção da autonomia ocorreu de forma gradativa, a partir da tomada de consciência que os participantes foram tendo de seu lugar no mundo e o significado social de suas escolhas, sendo cada vez mais capazes de projetar os efeitos de suas ações no presente com vistas a resultados em longo prazo.

Nesse sentido, entendemos, ainda, juntamente com Carvalho e Marinho-Araújo (2010) que a finalidade última da orientação profissional é instrumentalizar o sujeito para realizar escolhas cada vez mais autônomas e independentes, pautadas na reflexão e criticidade. Desta forma, poder observar que o Programa de Orientação Profissional favoreceu o desenvolvimento desta autonomia e propiciou novos olhares, maior criticidade, mudanças no modo de pensar com geração de nova postura frente à realidade social, leva-nos a entender que esta finalidade foi atingida.

3.3.1 Mudanças de perspectiva

A perspectiva ou falta de perspectiva de futuro é um dos principais fatores que levam um indivíduo a buscar por orientação profissional. Entretanto, apesar de buscar a orientação com a finalidade de trabalhar as próprias perspectivas, muitas vezes, não realista, como já evidenciado em tópico anterior, o processo de abandonar determinada perspectiva é demorado e algumas vezes relutante por trazer consigo conteúdos emocionais e traços de experiências pessoais que exercem fortes influências sobre o sujeito.

Bauman (2001) faz um adendo a respeito da influência social sobre as perspectivas de futuro dos sujeitos e, apesar de mencionar a sociedade europeia, retrata uma condição que se repete em várias outras sociedades que é a escusa dos líderes políticos em assumir responsabilidades frente às (im)possibilidades de sucesso dos indivíduos, pressupondo a liberdade de escolha e o sucesso ou o fracasso como mera consequência destas escolhas supostamente realizadas com igualdade de oportunidades para todos os indivíduos. No caso do Brasil, apesar desta igualdade ser garantida pela constituição, na prática, não é efetivada.

As perspectivas de futuro, portanto, estão diretamente relacionadas ao conhecimento

da realidade e à crítica que se faz desta realidade a ponto de compreender com maior quantidade de detalhes aquilo que é possível e para quando é possível ser concretizado, bem como, o custo que trará para o indivíduo. No caso dos participantes, custos de afastamento do convívio familiar, submissão a subempregos, dentre outros. A subcategoria de mudança de perspectiva manifestou-se nas expressões dos participantes em que estes fazem um paralelo de suas aspirações e expectativas no início e ao final do programa, tanto no sentido da evolução de suas reflexões em relação à profissão pretendida, quanto no que tange a uma maior compreensão da realidade do mundo do trabalho.

Sobre a evolução das reflexões temos as falas da participante Evely que no decorrer dos encontros pôde expressar suas reflexões que a levaram à escolha definitiva:

Meu sonho é fazer medicina veterinária, mas só que tem vez que eu quero puxar pro lado do direito e depois fazer odonto, então é assim, dividido (TE2);
Eu estava dividida em médica veterinária, direito ou odonto. Meu pensamento [mudou], pois eu quero com toda certeza de medicina veterinária (AA);
Ter participado desse programa [...] fez com que eu me decidisse e que eu perdesse o meu medo (AF).

Esta evolução apresentada pela participante está diretamente relacionada com a categoria anterior, principalmente na subcategoria da subjetividade, uma vez que houve, também, mudanças subjetivas na vida da participante que a levaram a uma definição de escolha e a uma perspectiva de futuro mais sólida. Essa relação complexa, existente entre as categorias, evidencia a atuação do Programa de Orientação Profissional de forma eficaz sobre a tomada de decisão dos participantes e elucida sua atuação sobre sua Formação Humana Integral, uma vez que esta só é possível a partir de uma compreensão de homem como sujeito complexo e multifacetado (RAMOS, 2017).

Assim, observamos que a participante não só realizou uma escolha dentre as opções que tinha, mas superou seu medo de escolher, arriscar-se. Sua mudança de perspectiva vai além da definição da escolha, mas da decisão de fazer uma escolha autônoma.

Ainda a respeito do desenvolvimento da reflexão ao longo dos encontros temos duas falas da participante Simone, que tinha uma questão relativa à influência do desejo do pai sobre sua escolha:

No começo eu queria fazer direito, só que tinha a questão do pai e tinha medicina veterinária também aí ele disse que só vai pagar pra uma faculdade se for pra medicina, e eu não gosto de medicina, porém é a opção que eu tenho (TE2);
Decidi ser advogada ou seguir qualquer área do direito, pois vejo que ainda existe muita desigualdade no nosso país, principalmente em uma cidade como a nossa que não tem profissionais especializados e ficamos nas mãos de pessoas que fazem o que bem entendem (PP).

Estas afirmativas, ocorridas no segundo e quinto encontros, denotam a evolução do modo de pensar da participante que conseguiu se sobressair daquilo que representava a vontade do pai para buscar compreender qual seja a própria vontade. Além desse aspecto, a última fala denota, ainda, sua preocupação com a realidade social da cidade onde mora, encontrando na profissão, não apenas um sentido de realização pessoal, que é o que veio procurar, como fica evidente na primeira fala, mas além disto, encontra um sentido de transformação social através da profissão escolhida, obtendo com isso uma perspectiva ainda mais resoluta para a escolha da profissão.

Importante ressaltar que apesar de, como vimos afirmando no decorrer deste trabalho, a maioria dos participantes ser de classe socioeconômica desprivilegiada, esta não é uma preocupação que se apresenta para a participante acima, considerando-se que seu pai se disponibilizou em pagar sua faculdade caso seja a de escolha do próprio pai. Esta situação nos reporta a Bock (2018) que ao falar sobre o suposto determinismo das condições socioeconômicas sobre a possibilidade ou não de escolher livremente, levanta uma reflexão afirmando que não há liberdade plena de escolha, assim como não há determinação social absoluta, mas a escolha sempre será multideterminada. Mesmo para indivíduos de classe social privilegiada há um determinismo vindo principalmente do interesse familiar para suas escolhas, que, portanto, não pode ser considerada totalmente livre. E, no caso dos indivíduos de classe menos privilegiada, apesar das dificuldades financeiras serem fortemente influenciadoras, há possibilidades de intervenção, como é o caso do Programa de Orientação Profissional e, portanto, o condicionante social não será definitivo da escolha.

Num contexto oposto ao acima explicitado, encontramos um outro viés representativo da mudança de perspectiva que está relacionado à tomada de decisão quanto aos riscos que serão necessários correr para a busca da realização do sonho profissional.

[os encontros] estão me ajudando a tomar decisões. Ex: viagem para Manaus e tentar fazer uma faculdade (Eliana, AE7).

Percebemos que sua escolha não diz respeito a uma profissão específica, mas a questões mais primárias como a própria decisão de fazer ou não uma faculdade, que implica em outra decisão ainda mais básica que é a saída de casa. Todas estas escolhas, apesar de estarem diretamente relacionadas à escolha profissional a precedem e são específicas da história pessoal da participante, bem como, das condições socioeconômicas do local onde vive que não oferece oportunidades de estudo.

Entendemos que, a situação da participante, que a partir das vivências no Programa de Orientação Profissional percebe-se capacitada a tomar decisões das quais, até então, estava eximindo-se, dadas as circunstâncias parcialmente impeditivas de sua situação socioeconômica, nos remete à discussão levantada pela psicologia social (BOCK, 2008; FERREIRA; GONÇALVES, 2020; FURTADO, 2007) a respeito da influência dos determinantes sociais entendidos como fatores de influência sobre as possibilidades do jovem, mas, ao mesmo tempo, passíveis de serem interpretados e superados, sendo esta capacidade de interpretação, condicionante para a superação ou não desses determinantes sociais. A partir do momento que o jovem tem oportunidade de aprender e refletir sobre sua condição socioeconômica, mais próximo estará da superação das limitações impostas por estas condições.

Outra fala que realça esta mudança de perspectiva que precede à escolha é a que segue:

[eu pensava] que não seria fácil, ficar longe da minha família, e eu não iria. [mudou que] eu quero, eu vou, independente do que aconteça, e eu voltarei formada para ajudar minha família (Evely, AE10).

Este trecho recortado da avaliação do décimo encontro demonstra o momento em que a participante realiza sua tomada de decisão a partir da compreensão mais plena das dificuldades que precisará enfrentar em paralelo com as possibilidades de enfrentamento que agora é capacitada a enxergar, percebendo o retorno positivo que este esforço poderá gerar para si e para sua família, mudando sua perspectiva de uma postura passiva para uma postura ativa (RAMOS, *et al.*, 2016).

Aspecto importante a ser destacado quanto à subcategoria mudança de perspectiva é a transformação pela qual passou a motivação inicial para a escolha ao decorrer dos encontros, levando os participantes a uma escolha mais amadurecida, como no caso a seguir em que o participante Paulo afirma:

Eu pensava em escolher a profissão que fosse mais bem vista pela sociedade. Eu aprendi que devemos escolher a profissão que faz bem para nós (AA).

Esta afirmação demonstra um amadurecimento pessoal a ponto de mostrar-se capaz de romper com o paradigma da busca de formação com vistas à qualificação empregatícia e fazer uma escolha pautada no bem-estar pessoal. Isto é deveras o que contempla a Formação Humana Integral, a autonomia para a escolha a partir dos valores do indivíduo com vistas ao retorno para a sociedade e para a construção da vida (RAMOS, 2009).

3.3.2 Projeto de vida e de carreira

Um dos principais aspectos almejados por quem busca orientação profissional é a aquisição da capacidade de se planejar, de ter perspectivas de futuro que sejam flexíveis e adaptáveis a diferentes realidades. A capacidade de perceber que um objetivo pode ser adiado sem, necessariamente, ser cancelado é um indicativo forte de que se alcançou certa maturidade no processo de escolha (NEIVA, 1999). Quando o jovem se vê capacitado a fazer uma leitura de sua realidade e perceber que, por questões diversas (financeiras, emocionais, situacionais), não será possível seguir a profissão que almejava, mas, apesar disto, tem a capacidade de refazer seus planos de modo a trilhar outros caminhos, ainda que mais longos, para alcançar o objetivo, acreditamos que o propósito da orientação profissional voltada para a emancipação foi alcançado.

O alcance desse objetivo, entretanto, só é possível quando o foco da orientação não está sobre o mercado de trabalho, mas sobre o sujeito e, assim como afirma Ramos (2009), não um sujeito abstrato, mas um sujeito concreto, com uma história de vida pessoal sobre a qual e a partir da qual é construído seu projeto de vida pessoal e profissional. Desconsiderar, portanto, a história e as especificidades do sujeito sob orientação é inviabilizar a construção de um projeto de vida possível e, uma orientação profissional feita nesses moldes perderia seu propósito.

A capacidade de planejamento é um dos aspectos essenciais para uma boa escolha, já que ela evidencia a capacidade reflexiva e de análise da realidade que o participante dispõe para compreender os caminhos que tornarão possível seu sonho profissional. Desse modo, esta subcategoria manifestou-se a partir de expressões dos participantes que evidenciaram o desenvolvimento desta capacidade de análise da realidade a partir de suas intenções de futuro, tanto no que tange aos aspectos profissionais, quanto pessoais.

Nesse sentido, pudemos observar que o Programa de Orientação Profissional foi analisado como positivo no tocante à disponibilização de ferramentas que favorecessem a construção do projeto de vida, isto fica evidente em falas como as que seguem:

[o encontro] ajudou a me preparar e ter planos (João, AE2);
Ajudou-me a estar mais preparada e focar de uma vez no meu preparatório da faculdade que viria posteriormente (Gilmara, AE2).

Entendendo a escolha profissional como um processo complexo que tem relação com fatores sociais, culturais e individuais, esta capacidade de planejamento é indispensável para uma escolha que se pretenda assertiva, principalmente considerando-se que o planejamento

não se faz sem uma análise crítica da realidade, criticidade que, segundo Carvalho e Marinho-Araújo (2010), deve ser meta diretriz de uma orientação profissional que vise ao pleno desenvolvimento dos sujeitos.

Outro aspecto bem evidente que denota o que foi afirmado anteriormente é a preocupação demonstrada pelos participantes quanto a ter um plano alternativo caso a profissão almejada não seja possível inicialmente.

Mas tem o seguinte: tem como a pessoa ficar trabalhando enquanto a vaga não aparece (Paulo, TE3);

Ou mesmo se não for possível a realização de curso superior, conforme o caso a seguir:

Tem que ser realista, tá ligado? Aí como todo mundo pegou o conhecimento, dá pra pegar esse conhecimento e abrir seu próprio negócio, tem muita gente que financia, né, o próprio negócio, e vai levando aos poucos (Rondineli, TE3).

Esses condicionantes de escolha são próprios da situação socioeconômica dos participantes e, ao mesmo tempo que evidenciam as diferenças sociais presentes mesmo em grupos aparentemente homogêneos, demonstram, também, a capacidade criativa dos participantes em construir alternativas de autorrealização, ainda que seu desejo primário não possa ser concretizado ou precise ser adiado. Capacidade essencial neste mundo de fluidez e incertezas, no qual as grandes e constantes transformações sociais e no mundo do trabalho tornaram a insegurança companheira quase permanente do jovem ingressante no mercado de trabalho (BAUMAN, 2001).

No que tange ao planejamento, as unidades de significado coletadas evidenciaram muitas estratégias adotadas pelos participantes para não desistirem do sonho, caso não seja possível efetivá-lo de forma imediata. Desde postergação do sonho principal, plano alternativo caso não consigam seguir a profissão pretendida, análise da realidade e construção do planejamento a partir das limitações (em geral financeiras) apresentadas. Tivemos o exemplo da participante Evely que foi aprovada em concurso do IDAM e que, a princípio, estava em dúvida se assumiria o emprego de nível médio ou se abandonaria o concurso para ingressar na faculdade, no quinto encontro do programa, definiu o concurso como um plano alternativo:

Se eu não passar, vou ficar trabalhando pelo IDAM e quando eu estiver com um bom dinheiro guardado vou pagar uma [faculdade] particular, pois meus pais não têm condições (PP).

Os planejamentos dos participantes não se apresentaram restritos ao aspecto da escolha da profissão, mas alcançaram aspectos da vida pessoal e familiar conforme vemos a seguir:

Me vejo na minha cidade natal com minha família, formada em enfermagem ou medicina, com emprego fixo, casa própria, sem filhos e ajudando as pessoas com meu trabalho (Gilmara, PP).

Nesse trecho, percebemos que a escolha da profissão é apenas um aspecto dentre as questões consideradas importantes para a participante, tais como, retornar para sua cidade, construção de uma família, a segurança de um emprego (onde observamos um nível de maturidade de distinção entre profissão e emprego) e um sentido social para a profissão.

O critério de alternativas realistas foi um aspecto que demonstrou que, apesar de, a princípio, os participantes terem reagido de forma negativa aos dados da realidade socioprofissional, tanto de vagas nas universidades quanto de emprego após formados, a partir da continuidade no programa os participantes demonstraram bastante serenidade para lidar com hipóteses delicadas, como não conseguir ingressar no curso desejado ou não conseguir vaga de emprego após formados. E desenvolveram planos também, para tais circunstâncias como a seguir:

Mas se não conseguir vou continuar tentando e conseguir um trabalho por aqui mesmo para quando conseguir passar ir estudar fora (Juliana, PP);

Daqui a alguns anos eu me vejo trabalhando em um trabalho que não é o que eu quero para conseguir recurso financeiro para poder pagar o curso de piloto (Paulo, PP);

Quando criança tinha o sonho de ser fuzileira naval, esse meu sonho não mudou de certa forma quero ser fuzileira naval, esse é meu plano B (Pâmela, PP).

Esta capacidade de fazer planos no mais delicado dos cenários, a nosso ver, só é possível a partir de uma compreensão do processo de escolha e dos diversos fatores envolvidos nesse processo, tais como, história de vida, situação socioeconômica pessoal e local, capacidade de análise situacional, bem como, um mínimo de amadurecimento emocional. Esta capacidade de planejamento flexível, entretanto, não é no contexto apresentado por Abrunhosa (2006) que afirma que a educação tem trabalhado a favor do capital e inclui a necessidade de um projeto de vida adaptável para as intempéries próprias do capitalismo. Ao contrário, entendemos o projeto de vida no contexto da afirmativa de Ramos (2009) que entende que quanto mais considerar a história de vida e a realidade do sujeito, mais realista e factível será esse projeto.

Concordamos com a perspectiva sócio-histórica ao analisar a possibilidade de mudança de perspectiva do sujeito em processo de escolha, por rejeitar o posicionamento

liberal que deposita no indivíduo toda a responsabilidade por seu protagonismo, numa visão ideológica e opressora, ao mesmo tempo que não corrobora plenamente a visão crítica que ao culpabilizar o sistema social e econômico descompromete o sujeito de sua possibilidade de ascensão, seja social seja intelectual (BOCK, 2018). Outrossim, compreendemos que apesar das dificuldades vivenciadas pelo indivíduo de classes ditas subalternas, ainda é possível intervir sobre sua realidade, seja coletiva, seja individualmente de modo a efetivar suas escolhas.

Por fim, o detalhamento do projeto demonstrou que os participantes haviam compreendido a necessidade de considerar as especificidades de sua história de modo a agir diretamente nelas e não construir um plano genérico que poderia não se aplicar a sua realidade específica.

Vou precisar trabalhar para poder me manter, irei tentar morar com meu irmão e vou tentar guardar um dinheirinho para ajudar a manter meus pais aqui em Eirunepé (Evely, PP);

Adaptar-me na cidade que irei morar, suportar a saudade dos familiares e amigos e ter um local para morar. Estudar (pela manhã) e trabalhar a tarde (João, AA);

[...] ele nos ajudou muito de forma direta em relação a nossa vida e tudo que vamos fazer quando sairmos do ensino médio, como o que vamos fazer, que profissão a seguir, onde vamos morar, com quem vamos morar, o que vamos comer, duas coisas que eu achei mais, mais muito importante foi que devemos escolher a profissão que se identificamos e que gostamos de fazer (Samanta, AF).

Esta capacidade de análise situacional, crítica da realidade e tomada de decisão, evidencia a contribuição que as reflexões e aprendizados fomentados pelo Programa de Orientação Profissional propiciou aos participantes rumo à construção da autonomia para a realização de uma escolha consciente. Assim como proposto por Azevedo (2017), pudemos observar o potencial dos jovens para a construção de um projeto de vida pautado em sua realidade e em possibilidades passíveis de concretização. Acreditar nesse potencial, a priori, foi condição essencial para a execução de um programa eficaz para despertar a capacidade de transformação e de superação que os participantes já tinham em si.

3.3.3 Afloramento do senso de responsabilidade social

Pensar em autonomia no processo de escolha tem várias implicações, mas, particularmente, tem uma implicação social. Contudo, a implicação social não se limita ao que a sociedade oferece ou nega ao sujeito, mas, também, ao que o sujeito percebe como

possível de oferecer para a sociedade enquanto proposta de transformação da mesma. Entendemos que a leitura crítica da sociedade se faz justamente quando se compreende que se é um sujeito ativo sobre esta mesma sociedade e que se tem possibilidades reais, ainda que limitadas, de transformar a sociedade. Esta leitura foi percebida nas expressões verbais e escritas dos participantes.

Um dos principais aspectos em que um Programa de Orientação Profissional pode contribuir para a Formação Humana Integral é orientar os participantes ao desenvolvimento de um senso de responsabilidade social. Por isso, evidenciamos a importância desta subcategoria para esta pesquisa, uma vez que ela demonstra a preocupação dos participantes, não apenas com seu sucesso profissional, mas, a partir desse sucesso, contribuírem para a transformação da realidade social em que estão inseridos.

A partir do exposto foi evidenciado em muitas falas dos participantes, mas de modo particular, a seguinte fala evidencia a mudança gerada, a partir das reflexões realizadas no decorrer do programa:

Mudou meu olhar pois agora não quero ser um bom profissional só para ajudar a minha família, mas para as pessoas também (Pâmela, AA).

Foi possível perceber que a grande preocupação dos participantes era com o bem-estar familiar, e isto ficou evidente em muitos momentos do programa, o que é visto por nós como bastante positivo. Entretanto, a participante acima que tem como interesse principal o curso de medicina, consegue dar-se conta de que há algo que a profissão pode oferecer que vai além do bem-estar familiar e percebe que pode fazer diferença para a sociedade de forma mais abrangente, através de sua atuação profissional.

A esse respeito, Bock (2018) ressalta uma característica do sistema regido pelo capital que é a busca primária pelo lucro em detrimento do interesse pela produção da sobrevivência. As profissões em ascensão mercadológica são em áreas que geram, principalmente, entretenimento e tecnologia com vistas à geração de capital. Esse primado pelo acúmulo de capital tende a produzir no orientando uma visão de sociedade na qual se escusa do trabalhador a responsabilidade pela transformação da realidade através do trabalho, gerando sujeitos alienados e descomprometidos com a realidade social; negando ao indivíduo a oportunidade de refletir a respeito da consequência de sua escolha sobre a sociedade em que está inserido. Nesse sentido, o acima exposto evidencia a eficácia da orientação profissional voltada para a Formação Humana Integral em romper com esse paradigma ao preparar os participantes não apenas para a execução de seu papel profissional, social e cidadão.

A compreensão da função social do trabalho é, também, fator importante para a orientação profissional, uma vez que ela é um dos critérios que dá sentido ao trabalho para além do *status* ou do retorno financeiro. Por isso, consideramos importante a observação dos participantes quando demonstram a compreensão de seu trabalho como instrumento de transformação social em si mesmo:

Meu futuro profissional me vejo como uma policial e engenheira civil, ajudando as pessoas que precisam do meu trabalho (Camila, PP).

Esta afirmação indica a compreensão da participante de que o trabalho em si já é uma forma de retorno à sociedade e demonstra sua busca por satisfação pessoal e social através do trabalho. Sobre esta satisfação com o trabalho, Morin (2001) aponta que a busca de sentido no trabalho está diretamente relacionada à motivação e à satisfação com o trabalho, bem como, o senso de responsabilidade atribuído a esse trabalho. Assim, a responsabilidade pelo bem-estar social que a participante atribui à sua escolha profissional está diretamente associada à sua satisfação pessoal com o trabalho escolhido.

Quando os jovens em processo de escolha percebem suas possibilidades de melhoria de vida, seja financeira, seja de bem-estar familiar, além de encontrarem uma atividade que agregue sentido a suas vidas, eles passam a entender a importância de ajudar outras pessoas a trilhar caminhos semelhantes, também. Isto, na orientação, manifestou-se como o desejo de tornar-se inspiração para os pares, no sentido de levar outras pessoas a acreditar no próprio potencial, conforme fica evidente em afirmações similares que foram repetidas por diversos participantes:

Quando conseguimos, nos tornamos inspirações para os sonhos de outras pessoas se tornarem reais (Jaqueline, AE9);
A realização do meu sonho, irá me ajudar e irá incentivar pessoas ao meu redor que sonham igual (Evely, AE9);
Podemos ajudar de várias formas algumas delas são: [...] ser fonte de inspiração [...], pois quando realizarmos nossos sonhos, outras pessoas se inspiram para realizar os delas (Marcelo, AE9).

Esta inspiração, longe de ser apenas uma presunção individual, denota uma carência já evidenciada pelos participantes de ter pessoas em seu meio familiar e de convivência que tenham concluído um curso superior. Esta carência é evidenciada por Ribeiro et al. (2016) ao relatar que a perda das referências sócio-laborais, ou pelo menos seu enfraquecimento, tem levado a juventude a se sentir sozinha no contexto das tomadas de decisão que precisam exercer na entrada da vida adulta. Essa perda por padrões seguros de referência é influência direta nas escolhas dos participantes, evidenciando a importância de que esse aspecto seja

trabalhado nas orientações e justificando esta postura apresentada acima, do desejo por tornar-se referência para outras pessoas de seu meio.

Além da inspiração, contudo, é possível notar o aspecto prático de auxiliar a população e a tomada de consciência de que a população local precisa de ajuda em diversas áreas, de modo particular na educação. Nesse sentido, evidenciamos a afirmação do participante João que pretende ser professor e relata o descaso com a educação no município e o desejo de, com sua profissão, ajudar a sociedade local:

Espero que eu consiga e que melhore as condições dessas pessoas tão relevantes para a sociedade (PP).

Nesse trecho, o participante está relatando o caminho que sabe que precisará trilhar para chegar a se formar em letras e o fato de que foi a carência por educação da parcela mais pobre do município que o fez querer tornar-se professor, nesse ínterim, coloca no mesmo nível de importância sua formação pessoal e o auxílio que poderá prestar à população.

Por fim, pudemos observar a tomada de consciência dos jovens, no sentido de passar a perceberem-se inseridos em uma sociedade e responsáveis pela transformação desta, não sendo apenas influenciados por ela, mas percebendo as possibilidades reais de atuar em sua transformação. O que fica elucidado na seguinte afirmação feita pelo participante Paulo que vem de uma família de agricultores e que foi criado no “seringal”:

Pretendo ajudar a desenvolver os produtores da minha cidade [...] gostaria de ajudar as pessoas dando assistências técnicas aos pequenos produtores que não têm condições de contratar um agrônomo (AE9).

Esta afirmação denota a manifestação daquilo que os diversos autores retratam quanto à função do trabalho na construção da sociedade. Ao demonstrar o interesse em auxiliar no desenvolvimento da agricultura local, o participante, a seu modo, demonstra a compreensão de que o trabalho deve gerar, não somente renda, mas favorecer o desenvolvimento social, o que denota autonomia para escolher com base em suas próprias aspirações, mas também, com a finalidade de favorecer a outros o desenvolvimento de sua emancipação. De certo modo, percebemos o desejo da construção de uma sociedade que ele gostaria de ter conhecido.

Além dos aspectos evidenciados nas categorias apresentadas, a pesquisa também possibilitou a elaboração de um Programa de Orientação Profissional que poderá contribuir com o trabalho de psicólogos atuantes na EPTNM e favorecer à Formação Humana Integral de alunos dos Institutos Federais e de outras realidades que desenvolvam a EPTNM, auxiliando na tomada de decisão crítica, consciente e reflexiva. A descrição do programa é tratada no capítulo seguinte.

4 PRODUTO EDUCACIONAL

Quando a circunstância é boa, devemos desfrutá-la; quando não é favorável, devemos transformá-la; e quando não pode ser transformada, devemos transformar a nós mesmos.

(Viktor Frankl)

No presente capítulo, passamos a descrever o produto educacional, que é um Programa de Orientação Profissional voltado à Formação Humana Integral na EPTNM. Tal programa tem como finalidade contribuir com o trabalho de psicólogos atuantes na EPTNM e favorecer à Formação Humana Integral de alunos dos Institutos Federais e de outras realidades que desenvolvam a EPTNM, auxiliando na tomada de decisão crítica, consciente e reflexiva. Está organizado em onze encontros que perpassam por três momentos que abordam enfoques que compõem a formação profissional do participante:

I momento: autoconhecimento;

II momento: conhecimento da realidade socioprofissional;

III momento: crítica da realidade social.

O programa centra-se em dois aspectos principais, em vista da Formação Humana Integral (FHI) do participante: 1) desenvolvimento da criticidade com vistas à emancipação; 2) responsabilidade social, a partir da escolha profissional.

Tendo em vista que a orientação profissional é uma prática inerente à função do psicólogo escolar, entendemos que esta prática deve ser pautada em princípios norteadores que estejam de acordo com a proposta da EPT. É nesse viés que o programa por nós desenvolvido, busca consolidar uma orientação profissional que favoreça à Formação Humana Integral do orientando a partir de embasamento teórico crítico, fundamentado em autores que defendem os princípios da formação omnilateral e da abordagem sócio-histórica que principia a compreensão de sujeito a partir de um contexto histórico, social e político; e entende esse sujeito como alguém que é influenciado por seu contexto, mas que também pode ser agente de transformação social, a partir de suas escolhas e de suas atitudes.

Conforme descrito no capítulo 2, o programa foi desenvolvido com uma turma de 30 alunos do 3º ano do curso integrado em agropecuária do IFAM – *Campus Eirunepé*. Tendo sido realizado em 11 encontros, divididos em três etapas que compõem a pesquisa-ação: planejamento, implementação e avaliação. Apesar de o programa ter sido avaliado pelos participantes, considerando que no encontro 11 é realizada a avaliação final do programa,

entendemos que seria importante obter uma avaliação, também do ponto de vista daqueles que irão utilizar o programa, enquanto orientadores profissionais, desse modo, apresentamos o convite para que outros psicólogos atuantes nos diversos *campi* do IFAM, realizassem uma avaliação do Programa de Orientação Profissional por nós desenvolvido.

Este processo de avaliação do produto foi a única etapa de nossa pesquisa que ocorreu em meio ao período de pandemia por coronavírus (Covid-19), declarado pela OMS a partir de 11 de março de 2020. No Estado do Amazonas, as instituições de ensino encerraram suas atividades presenciais também no mês de março, acarretando discussões diversas sobre o modelo mais adequado para o ensino remoto e iniciando as atividades em *home office*.

Como o período de avaliação aconteceu no mês de maio, acreditamos que a realidade da pandemia, atendimento a distância, bem como a inserção de alguns psicólogos no programa de atendimento emergencial do governo federal¹², tenha influenciado na quantidade de avaliadores que tiveram disponibilidade de responder ao questionário dentro do período disponibilizado, além da realidade de qualidade limitada de internet no interior do Estado.

Nesse sentido, foram convidados para responder ao questionário, 13 psicólogos participantes do grupo do *WhatsApp* de psicólogos do IFAM. O convite foi realizado no grupo e também, enviado por e-mail, de forma individual. Dos 13 convidados, 04 responderam ao questionário de avaliação, conforme descrito no quadro 6.

Quadro 6 – Caracterização dos avaliadores

Código de identificação	Formação	Tempo de atuação no IFAM	Principais atividades que desenvolve no campus de atuação
AV1	Formação em Psicologia com mestrado em Educação Agrícola.	14 anos	Orientação e aconselhamento da comunidade acadêmica. Desenvolvimento e participação em atividades de promoção de saúde mental no <i>campus</i> .
AV2	Formação em Psicologia com Mestrado em Ciências Humanas.	10 anos	Atendimento a discentes, assessoria técnica aos gestores e docentes em psicologia escolar/educacional.
AV3	Formação em Psicologia.	16 anos	Atendimento a alunos e servidores.

¹² Em 31 de março o Governo Federal publicou a portaria 639 que convocava profissionais da saúde para realizar atendimento online a pessoas vítimas da Covid-19.

AV4	Formação em Psicologia com Mestrado em Processos Psicossociais.	6 anos	Atividades sistêmica junto ao Departamento de Assistência Estudantil.
-----	---	--------	---

Fonte: Elaborado a partir das respostas ao Questionário de Avaliação do Produto.

O questionário disponibilizado aos psicólogos foi dividido em três partes:

- **Primeira Parte:** avaliação específica, que analisa cada item do programa, na qual solicitamos ao avaliador que, a cada item, atribua um conceito: ótimo, bom, regular ou insuficiente e justifique sua atribuição de modo que possa apontar pontos positivos, negativos e sugerir melhorias, conforme quadro 7 a seguir.

Quadro 7 – Itens avaliados na primeira parte

ORIENTAÇÃO PARA AVALIAÇÃO DA 1ª PARTE	ITENS AVALIADOS
Atribuir conceito ótimo, bom, regular ou insuficiente, seguido de justificativa ao conceito atribuído.	Apresentação do Programa
	Objetivo do Programa
	Parte 01: Embasamento teórico
	Parte 02: Estrutura do programa
	Encontro 01 - Apresentação da proposta do Programa de Orientação Profissional
	Encontro 02 - Realidade socioprofissional
	Ficha de avaliação do encontro 02 (Apêndice A).
	Encontro 03 - Mundo do trabalho
	Encontro 04 - Autoconhecimento
	Ficha do curtafilme (Anexo 1),
	Encontro 05 - Determinação e independência
	Ficha do projeto de vida (Apêndice B),
	Ficha de avaliação do encontro 05 (Apêndice C).
	Encontro 06 - Avaliação dos Interesses Profissionais
	Encontro 07 - Marketing pessoal
	Ficha de avaliação do encontro 07 (Apêndice D).
Encontro 08 - Perfil profissional	
Encontro 09 - Responsabilidade profissional e crítica social	

	Produção textual sobre o encontro 09 (Apêndice E).
	Encontro 10 - Autoavaliação
	Ficha de autoavaliação (apêndice F).
	Encontro 11 - Avaliação final

Fonte: Elaborado a partir do Questionário de Avaliação do Produto.

- **Segunda parte:** a avaliação geral do produto, na qual solicitamos que o avaliador faça uma avaliação da estrutura do programa, sua aplicabilidade e potencial de execução. Nesta parte são atribuídas respostas diretas: sim, não, ou parcialmente, conforme quadro 8 a seguir.

Quadro 8 – Avaliação geral do produto

ORIENTAÇÃO PARA AVALIAÇÃO DA 1ª PARTE	ITENS AVALIADOS
Atribuir resposta objetiva: sim, não, parcialmente.	A apresentação do produto está clara e objetiva?
	O objetivo do Programa atende às necessidades?
	O referencial teórico é adequado para o embasamento do programa?
	A estrutura do programa é exequível?
	Os encontros da forma que estão propostos alcançam o objetivo anunciado?
	A carga horária dos encontros é compatível com a proposta?
	A duração do programa é adequada?
	Você aplicaria este programa na sua instituição?

Fonte: Elaborado a partir do Questionário de Avaliação do Produto.

- **Terceira Parte:** parecer final do avaliador, no qual solicitamos que o avaliador apresente seu parecer, dizendo se aprova ou não o programa e faça sugestões que ache pertinentes, apresentando sua opinião sobre o programa.

Com esta avaliação, esperamos obter contribuições para melhoria de nosso Programa de Orientação Profissional, assim como, avaliar se profissionais que trabalham com o público para o qual destina-se a realização do programa, o consideram exequível e aplicável em suas

unidades. Desse modo, explanamos a seguir, de forma pormenorizada, as respostas atribuídas em cada item dividido nas três partes em que a avaliação foi estruturada.

4.1 Primeira parte: Avaliação Específica

Na primeira parte da avaliação, solicitamos aos avaliadores que atribuísem conceitos para cada um dos 22 itens específicos do programa, esses itens, conforme quadro 7, estão relacionados às atividades desenvolvidas no decorrer do programa. Nesse sentido, analisamos as respostas objetivas e as sugestões realizadas e, a partir delas, averiguamos a viabilidade de alteração ou manutenção do item questionado. O quadro 9 apresenta os conceitos atribuídos a cada item pelos avaliadores.

Quadro 9 – Avaliação específica

	ITEM DO PROGRAMA	AVALIAÇÃO			
		AV1	AV2	AV3	AV4
1	Apresentação do Programa	Ótimo	Ótimo	Bom	Ótimo
2	Objetivo do Programa	Ótimo	Ótimo	Ótimo	Ótimo
3	Parte 01: Embasamento teórico	Ótimo	Bom	Bom	Ótimo
4	Parte 02: Estrutura do programa	Bom	Bom	Ótimo	Ótimo
5	Encontro 01 - Apresentação da proposta do Programa de Orientação Profissional	Ótimo	Ótimo	Ótimo	Ótimo
6	Encontro 02 - Realidade socioprofissional	Ótimo	Ótimo	Ótimo	Ótimo
7	Ficha de avaliação do encontro 02 (Apêndice A).	Ótimo	Ótimo	Ótimo	Ótimo
8	Encontro 03 - Mundo do trabalho	Ótimo	Ótimo	Bom	Ótimo
9	Encontro 04 – Autoconhecimento	Ótimo	Ótimo	Insuficiente	Ótimo
10	Ficha do curtegrama (Anexo 1),	Ótimo	Ótimo	Bom	Ótimo
11	Encontro 05 - Determinação e independência	Ótimo	Bom	Bom	Ótimo
12	Ficha do projeto de vida (Apêndice B),	Ótimo	Bom	Bom	Ótimo
13	Ficha de avaliação do encontro 05 (Apêndice C).	Ótimo	Bom	Bom	Ótimo
14	Encontro 06 - Avaliação dos Interesses Profissionais	Ótimo	Ótimo	Ótimo	Ótimo

15	Encontro 07 - Marketing pessoal	Ótimo	Regular	Bom	Ótimo
16	Ficha de avaliação do encontro 07 (Apêndice D).	Ótimo	Ótimo	Bom	Ótimo
17	Encontro 08 - Perfil profissional	Ótimo	Ótimo	Bom	Ótimo
18	Encontro 09 - Responsabilidade profissional e crítica social	Ótimo	Ótimo	Ótimo	Ótimo
19	Produção textual sobre o encontro 09 (Apêndice E).	Ótimo	Bom	Bom	Ótimo
20	Encontro 10 – Autoavaliação	Ótimo	Ótimo	Bom	Ótimo
21	Ficha de autoavaliação (apêndice F).	Ótimo	Bom	Bom	Ótimo
22	Encontro 11 - Avaliação final	Ótimo	Regular	Bom	Ótimo

Fonte: Elaborado a partir das respostas ao Questionário de Avaliação do Produto.

Apesar de haver poucos itens com conceito Regular e insuficiente, apenas nos quesitos, 9, 15 e 22, sendo que apenas o 9 foi considerado insuficiente, houve diversos comentários tecidos pelos avaliadores que achamos pertinente relatar no texto, tanto de sugestões, quanto de análise positiva da proposta apresentada.

Desse modo, a primeira contribuição que destacamos como relevante para nossa proposta, diz respeito ao item 4: Estrutura do programa, no qual, apesar de ter atribuído conceito “bom”, o avaliador 1 (AV1) faz ressalvas quanto à extensão do programa e considera que precisaria ser algo mais dinâmico e objetivo. Consoante a AV1, também AV2 destaca que um programa com 11 encontros seria inviável para a realidade de seu *campus* e acredita que também seria inviável para outros *campi* com grande quantidade de alunos. Em paralelo, entretanto, no mesmo item, AV3 e AV4 entendem que o número dos encontros é adequado com objetivos bem definidos.

Esta divisão da opinião dos avaliadores quanto à quantidade de encontros reitera nossa posição de flexibilização do programa, principalmente com relação ao encontro inicial e aos dois encontros de avaliação, uma vez que cada orientador, conhecendo melhor a própria realidade, poderá fazer melhor adequação do tempo de que dispõe. Desse modo, apesar dos apontamentos serem válidos e baseados na realidade dos participantes, optamos pela manutenção da estrutura do programa e, também, pela manutenção da flexibilização quanto à duração de cada encontro e do programa.

A seguinte contribuição relevante está relacionada ao item 8, que se refere ao encontro

3, “mundo do trabalho”, a respeito do qual AV3 sugere “falar com pessoas de diversas profissões. Levar até eles esses profissionais. Uma história pessoal faz muita diferença”. Achamos a proposta de grande relevância, e concordamos que uma história pessoal tem enorme potencial motivador, contudo, não encontramos espaço para a mesma no referido encontro 3, uma vez que este foi realizado em espaço de laboratório e, em nossa experiência, ocupou todo o tempo disponibilizado para a atividade. Assim, dada a relevância da sugestão, optamos por inseri-la no tópico final do produto que trata dos desafios e sugestões para a implementação, conforme quadro 10.

Quadro 10 – Texto inserido a partir de sugestão de AV3

Texto acrescentado após sugestão dos avaliadores
<p>Outra sugestão para aprimoramento do programa que pode ser incluída na programação geral, é o contato com profissionais de diversas áreas, oportunizando aos orientandos, a realização de perguntas, bem como, conhecer a história de vida destes profissionais, o que poderia ter caráter motivador para os orientandos no que tange a seus projetos de vida e à determinação para enfrentar os desafios vindouros.</p>

Fonte: Elaborado a partir das respostas ao Questionário de Avaliação do Produto.

Outra contribuição realizada pelos avaliadores diz respeito ao item 9 que trata do encontro 4 que é direcionado ao autoconhecimento. Com relação à sugestão do uso do curtegrama para a realização da atividade, AV3 pondera que “por ser uma ferramenta usada no processo de coaching e em um nível mais avançado do processo, sugiro usar outra mais assertiva, que aproxima o adolescente. Usaria o curtegrama mais adiante”. No entendimento da avaliadora, portanto, ainda não seria o momento no processo de orientação para o uso da ferramenta. Nossa proposta, contudo, ao usarmos esta ferramenta, foi de despertar nos participantes as primeiras reflexões sobre o autoconhecimento, e entendemos que, por apresentar assertivas prontas que os participantes precisariam organizar em seu nível de interesse e preferências, seria um instrumento adequado para o quarto encontro do programa.

Reiteramos que os outros três avaliadores, entendem a ferramenta como adequada para o propósito do encontro e para o momento do programa. Destacamos a afirmativa de AV2 que ressalta que “o curtegrama é uma excelente ferramenta” e sugere como implementação a possibilidade de “pensar numa versão online, com a ajuda do pessoal da informática, para gerar um quadro onde o próprio discente se veria representado em suas escolhas”.

Desse modo, optamos por manter a utilização do curtegrama no quarto encontro e

propusemos a sugestão de AV2 no tópico que trata das sugestões para a realização da atividade, conforme quadro 11.

Quadro 11 – Acréscimo realizado ao item 9 a partir da sugestão de AV2

Texto acrescentado após sugestão dos avaliadores
<p>Uma sugestão, de acordo com as possibilidades locais, em relação ao curtegrama, é seu desenvolvimento em plataforma online, na qual o orientando assinala suas preferências a partir das assertivas sugeridas e ao final da atividade, o programa gera um quadro indicativo que permitirá melhor visibilidade em níveis de porcentagem, com relação às escolhas feitas nas atividades.</p> <p>Esta possibilidade de ver-se representado a partir de suas escolhas, pode facilitar a discussão sobre o autoconhecimento, analisando a proporção de tempo gasto em atividades que não gosta em detrimento das que gosta e os motivos que o levam a gastar tanto tempo em atividades das quais não gosta, ou de abrir mão de coisas que gostaria de fazer.</p>

Fonte: Elaborado a partir das respostas ao Questionário de Avaliação do Produto.

A outra sugestão realizada pelos avaliadores foi feita por AV2 relacionada ao item 11: Encontro 05 - Determinação e independência, no qual o avaliador sugere que a atividade, por seu caráter pessoal, seja realizada de forma individual e não em duplas como está sugerida. Entretanto, pelo encontro tratar-se justamente da determinação para a escolha, na qual busca-se desenvolver no participante a capacidade de expressar seus motivos para a escolha que está realizando, e considerando ainda o potencial integrador da atividade, optamos por manter a sugestão de que a atividade seja realizada em duplas.

AV2 propõe, ainda, que no tópico da referida atividade seja “incluída a discussão sobre fatores que influenciam na escolha tipo: família, *status* social, salário/ganhos, estabilidade, realização pessoal etc”. Entretanto, considerando que a proposta do referido encontro foi trabalhar a subjetividade dos participantes, optamos por manter os tópicos em aberto para que as temáticas surjam de acordo com as discussões realizadas dentro das duplas e, como pode ser observado no capítulo 2, apesar de não terem sido incluídos enquanto pauta, as temáticas que os participantes trouxeram para discussão incluem os tópicos sugeridos por AV2.

Ressaltamos ainda que os demais avaliadores avaliaram como positivo esse item. Destacamos a justificativa de AV1 na qual afirma que o encontro aborda “temas relevantes para o processo de orientação vocacional e profissional” tendo atribuído conceito ótimo ao item, o que reforçou nossa opção por manter o item da forma inicialmente apresentada.

Também, na ficha do projeto de vida, item 12, que propõe a construção de um texto orientado por questões diretas que abordam aspectos de memórias, ações concretas para transformação da realidade e perspectivas de futuro, AV2 sugere a confecção da ficha com perguntas diretas. No entanto, entendemos que a resposta direta das perguntas poderia comprometer o caráter subjetivo a que a atividade se propõe, por isso, optamos por manter o item no formato original, respaldados pela avaliação dos demais avaliadores, como AV4 que entende como nós que, da forma que está posta, a atividade “permite a expressão pessoal”.

No item 15, que trata do Encontro 07 - Marketing pessoal, AV2 questiona a devolutiva do teste AIP que foi realizado pelos participantes no encontro anterior, afirmando que “ao menos na minha prática, [a devolutiva] é individual, e não entendi bem como seria nessa proposta de atividade do encontro 07”. Esta afirmativa evidenciou para nós que a forma de realização da devolutiva precisava de maior esclarecimento e, por isso, acrescentamos um tópico ao encontro denominado “sugestões para a devolutiva do teste AIP” conforme descrito no quadro 12.

Quadro 12 – Acréscimo realizado ao item 15 a partir da sugestão de AV2

Texto acrescentado após sugestão dos avaliadores
<p>Sugestões para a devolutiva do teste AIP</p> <p>O teste AIP é comumente utilizado para subsidiar orientações que são realizadas de forma individual, mas sua utilização é também possível e sugerida de forma coletiva conforme aqui proposto. Entretanto, gostaríamos de destacar o devido cuidado para que o psicólogo realize uma explanação dos pontos que foram analisados na correção dos testes de modo que os orientandos tenham maior facilidade para compreender seus resultados, explicando sobre análise por campo e esclarecendo os possíveis motivos de terem sugestões de profissões que o participante talvez não tenha mencionado, ou para a qual acredite não ter interesse.</p> <p>Nossa principal sugestão quanto à devolutiva, contudo, é a disponibilidade para esclarecimento de dúvidas de forma individual. É de suma importância que o orientando tenha a segurança de ser ouvido individualmente pelo psicólogo a respeito dos resultados de seu teste, ainda que de forma coletiva, para que não haja dúvidas quanto às indicações, mas principalmente, para que compreenda que o teste não define seu perfil nem sua escolha, mas é apenas um instrumento entre os demais que vão apontar possibilidades, de acordo com os interesses que ele mesmo vai demonstrando ao longo das atividades e reflexões em seu processo de autoconhecimento e autorrevelação.</p>

Fonte: Elaborado a partir das respostas ao Questionário de Avaliação do Produto.

Ainda no item 15, AV2 propõe que fosse disponibilizado no encontro, espaço para que o próprio participante pesquisasse as matrizes curriculares e ementas de disciplinas de cursos que tem interesse, ou na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO). Sugere, ainda, o Guia do Estudante como dica de consulta ao catálogo de profissões.

Com relação à pesquisa das matrizes curriculares, estas são disponibilizadas no encontro seguinte e, portanto, dentro de nossa proposta, já estava implementada no programa. Contudo, a sugestão de consulta ao catálogo de profissões, apontou para nós uma limitação de nosso programa, que não tem um encontro voltado para o conhecimento das profissões de modo geral, limitando-se às profissões que em algum momento dos encontros o participante venha a manifestar interesse. Desse modo, acrescentamos um parágrafo em nosso tópico quanto às limitações do programa, evidenciando a importância de agregar um encontro ou um espaço para que os participantes tenham acesso às diversas profissões existentes de modo a ampliar seu leque de possibilidades de escolha, conforme quadro 13.

Quadro 13 – Acréscimo realizado ao item 15 a partir da sugestão de AV2

Texto acrescentado após sugestão dos avaliadores
<p>Um dos aspectos que percebemos como limitação de nosso programa e que apresentamos como sugestão para aqueles que pretendam trabalhar subsidiados por este material, é a disponibilização de acesso à informação sobre as profissões. Pelo aspecto prático do programa, e por estar focado no desenvolvimento da autonomia para a escolha a partir dos interesses pessoais dos orientandos, acabamos não disponibilizando oportunidade para o conhecimento de novas profissões, o que, certamente, ampliaria seu potencial de escolha.</p> <p>Desse modo, sugerimos a disponibilização de um encontro, preferencialmente, precedente ou associado ao encontro 3, que trata do mundo do trabalho, em que o orientando tenha a oportunidade de pesquisar sobre as diversas profissões disponíveis e ter um conhecimento mais abrangente das possibilidades de inserção no mundo do trabalho.</p>

Fonte: Elaborado a partir das respostas ao Questionário de Avaliação do Produto.

Sugestão muito relevante foi feita também por AV2, com relação ao item 17 “Encontro 08 - Perfil profissional”, na qual propõe o uso de cartões que evidenciem o grau de compreensão do participante com relação à atividade. Por ser um dos encontros de maior nível de complexidade, uma vez que exigirá que os participantes realizem análise do perfil baseados em três fontes de informação, achamos muito relevante a sugestão e realizamos um acréscimo no texto, conforme quadro 14.

Quadro 14 – Acréscimo realizado ao item 17 a partir da sugestão de AV2

Texto acrescentado após sugestão dos avaliadores
<p>– Ao encerrar a construção do perfil, o psicólogo irá distribuir para cada participante um cartão amarelo, um vermelho e um verde e solicitar que cada um levante o cartão referente à atividade realizada, cartão vermelho indicando que ainda não definiu seu perfil e, possivelmente, não tenha compreendido a proposta da atividade, cartão amarelo indicando que compreendeu a proposta, mas ainda está indeciso entre as profissões, e cartão verde indicando que compreendeu e acredita ter chegado a uma decisão.</p> <p>Esta evidenciação da condição geral dos participantes (a cor predominante na sala), dará ao psicólogo um feedback sobre a compreensão dos participantes a respeito da proposta, além de direcionar as discussões nos grupos que serão formados para a avaliação do encontro.</p>

Fonte: Elaborado a partir das respostas ao Questionário de Avaliação do Produto.

Em relação aos itens 20 e 22 que dizem respeito à autoavaliação e à avaliação final, AV2 sugeriu que fossem transformados em apenas um item de modo a diminuir um encontro e tornar o programa mais enxuto. Como em nosso texto do produto, deixamos a questão da quantidade de encontros flexibilizada, não faremos alterações nesses quesitos. Também nesses itens, AV2 sugere que a carta seja “para meu eu de 2030”, no sentido de pensar daqui há dez anos, que é um dos questionamentos norteadores da carta: como se vê daqui há dez anos.

Considerando, entretanto, o que é explicado no produto, que se trata de uma carta que visa ter um cunho emocional e, considerando que, além do quesito que trata do planejamento a médio prazo (como se vê daqui há dez anos), há vários outros explorados na mesma, optamos por manter a carta ao amigo, respaldados na avaliação dos demais avaliadores que consideram o instrumento “adequado e suficiente” (AV1) e consideram “muito interessante a ideia de escrever uma carta a um amigo. Permite uma expressão maior e mais íntima, trazendo reflexões de todo o processo de orientação profissional” (AV4), portanto, os itens citados permaneceram como estavam.

4.2 Segunda parte: Avaliação Geral

A segunda parte da avaliação que diz respeito à avaliação geral do produto, constou de 9 itens que buscam uma caracterização geral do produto e as respostas para esta parte da avaliação foram objetivas, nas quais os avaliadores deveriam responder se o produto atendia ao quesito, se não atendia ou se atendia parcialmente. Houve divergência entre os avaliadores nos diversos quesitos, sendo que apenas nos itens 2 e 3 todos os avaliadores foram concordes

de que os quesitos foram atendidos e os itens que mais foram avaliados como atendendo apenas parcialmente foram o 6 e o 7, que tratam da carga horária do programa e dos encontros, conforme pode ser observado no quadro 15.

Quadro 15 – Avaliação geral do produto.

	QUESTÕES PARA AVALIAÇÃO	AV1	AV2	AV3	AV4
1	A apresentação do produto está clara e objetiva?	Sim	Sim	Parcialmente	Sim
2	O objetivo do Programa atende às necessidades?	Sim	Sim	Sim	Sim
3	O referencial teórico é adequado para o embasamento do programa?	Sim	Sim	Sim	Sim
4	A estrutura do programa é exequível?	Parcialmente	Sim	Sim	Sim
5	Os encontros da forma que estão propostos alcançam o objetivo anunciado?	Sim	Sim	Parcialmente	Sim
6	A carga horária dos encontros é compatível com a proposta?	Sim	Parcialmente	Parcialmente	Parcialmente
7	A duração do programa é adequada?	Parcialmente	Parcialmente	Sim	Sim
8	Você aplicaria este programa na sua instituição?	Sim	Sim	Parcialmente	Sim

Fonte: Elaborado a partir das respostas ao Questionário de Avaliação do Produto.

Considerando que nesta parte da avaliação não tivemos análise discursiva dos itens, podendo incorrer na inferência subjetiva, recorreremos às afirmativas realizadas pelos avaliadores na primeira parte da avaliação para respaldar os itens relacionados nesta segunda parte sempre que possível. Desse modo, o primeiro item avaliado, a apresentação do produto, foi considerada clara e objetiva por 3 dos 4 avaliadores e parcialmente clara e objetiva por AV3. Contudo, na primeira parte da avaliação, AV3 atribuiu conceito “bom” à apresentação do programa e justificou que “percebo que apresenta uma amplitude favorável para atingir aos alunos e ajudá-los no processo de escolha profissional”. Desse modo, não ficou claro para nós os aspectos da apresentação que necessitariam de melhorias.

O item 2, “O objetivo do Programa” e 3, “referencial teórico” foram considerados adequados por unanimidade dos participantes. O item 4, que trata da estrutura do programa,

foi considerado exequível por 3 dos 4 avaliadores, sendo que AV1 o considera parcialmente exequível. Na primeira parte da avaliação, AV1 havia mencionado que acha uma estrutura de 11 encontros muito extensa para ser trabalhada com jovens e acredita que para esse público, o programa deve ser mais dinâmico e objetivo. Com relação a esse ponto, é facultada no texto do produto a utilização total ou parcial do material de acordo com cada realidade do orientador.

Com relação ao item 5, que trata da proposta dos encontros, 3 dos 4 avaliadores, acreditam que, da forma como estão propostos, os encontros alcançam o objetivo anunciado. AV3 acredita que alcançam parcialmente o objetivo. Com relação aos encontros, as contribuições feitas por AV3 na primeira parte da avaliação, dizem respeito ao encontro 3 e ao encontro 4. No primeiro, que trata do mundo do trabalho, sugere que seja oportunizado que os participantes tenham contato com profissionais de diversas áreas, o que gerou uma alteração do texto das considerações que pode ser observada no quadro 10. No segundo, a avaliadora fala a respeito da aplicação do curtegrama entendendo que é muito cedo para a aplicação do mesmo. Entretanto, considerando os objetivos da utilização deste no programa, que é o autoconhecimento, optamos por manter a estrutura como estava.

O item 6, que trata da carga horária dos encontros, é o que mais encontra objeção por parte dos avaliadores, dos 4 apenas 1 entende que a carga horária é compatível com a proposta. Esta questão é compreensível, a nosso ver, pela dificuldade de conseguir horário disponível para a realização de um projeto que não esteja diretamente relacionado ao currículo escolar, como seria o caso de um programa de orientação profissional. Por entendermos essa realidade, propusemos os encontros em 2h/aula, mas deixamos, também, flexibilizado para a adaptação de acordo com as possibilidades de cada realidade.

No caso do item 7, entendemos que incorre em situação similar ao item 6, a disponibilidade de horário durante período muito extenso para a aplicação de um programa com alunos, considerando até mesmo, a densidade da carga horária dos alunos. Nesse sentido, metade dos avaliadores entendeu a duração do programa como parcialmente adequada.

Por fim, no item 8 que pergunta se o avaliador aplicaria o programa em sua instituição, 3 dos 4 avaliadores afirmam que sim, aplicariam o programa em seus *campi* e apenas AV3 afirma que aplicaria parcialmente. Desse modo, percebemos uma aceitação quase integral da proposta de nosso produto educacional.

4.3 Terceira parte: Parecer final

A terceira parte da avaliação é o parecer final, no qual, solicitamos aos avaliadores que dessem sua impressão geral sobre o produto e apresentassem sugestões de melhoria para o mesmo, além de dizer se recomendam ou não sua aprovação. Todos os avaliadores disseram recomendar a aprovação do programa e as sugestões seguiram na linha do que já fora apresentado em 4.1 e 4.2 conforme quadro 16.

Quadro 16 – Parecer final do produto.

Avaliador	Parecer e sugestões
AV1	O programa está muito bem construído, seja do ponto de vista estrutural, quanto do ponto de vista teórico. A proposta é bastante pertinente ao público a que se destina. Minha única objeção é quanto ao número de encontros. Penso que um programa desenvolvido em 11 encontros vai requerer muito dos participantes, o que pode levar ao abandono por parte de alguns. Entretanto, a forma dinâmica como foi pensado, pode promover uma efetiva participação daqueles que se comprometerem com todo o programa.
AV2	Recomendo, sim, e pretendo utilizar o produto final na minha prática profissional. Penso que a proposta é muito relevante no contexto do IFAM, como fundamento para a nossa prática profissional. Acredito que cada um poderá fazer as adaptações necessárias à sua realidade, e no geral entendo que o tema é relevante e o produto da pesquisa terá grande aplicabilidade e eficiência na prática profissional de nós, psicólogos do IFAM
AV3	Recomendo a aprovação do programa. E sugiro ajustes necessários para atender aos alunos, incluindo devolutiva do processo a cada um deles.
AV4	Parabéns pela proposta, penso ser aplicável em nossos <i>campi</i> . Encontros simples e com objetivos claros.

Fonte: Elaborado a partir das respostas ao Questionário de Avaliação do Produto.

Ao analisar o quadro, podemos perceber que, apesar das várias sugestões de melhorias realizadas pelos avaliadores, os mesmos percebem o produto que apresentamos como instrumento importante para o desenvolvimento do trabalho do psicólogo no âmbito do IFAM. Felicitamo-nos com esta percepção, por ser essa nossa intenção, apresentar uma proposta que favoreça o desenvolvimento de um trabalho de bases sólidas e que promova a Formação Humana Integral a partir da formação de consciências críticas. Ao mesmo tempo, acatamos as sugestões e entendemos que as possibilidades de desenvolvimento de uma orientação profissional não poderiam ser encerradas em um único trabalho e veremos como ganho extra se a presente obra favorecer o desenvolvimento de novas pesquisas e novas propostas que ajudem a consolidar o trabalho do psicólogo no âmbito da EPT.

Apesar de a avaliação dos colegas ter sido restrita ao trabalho desenvolvido no ano de 2019, portanto, antes do estado de calamidade trazido pela pandemia de Covid-19, entendemos que a realidade trazida por esse período aponta uma necessidade importante a ser abrangida em novos trabalhos, a saber: o desenvolvimento de um programa de orientação profissional voltado à Formação Humana Integral, que possa ser desenvolvido de forma não presencial, de modo a alcançar maior número de pessoas e horizontes que são limitados ao trabalho presencial. Como dissemos, não esperamos que nossa proposta seja conclusiva nessa temática, mas inspiradora de novos trabalhos, que possam abranger também essa limitação que o nosso apresentou por ter sido desenvolvido em outro contexto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Caminhante, não há caminho,
Faz-se caminho ao andar.
(Antonio Machado)*

Ao iniciarmos a parte final deste trabalho, pensamos ser importante retomar o motivo que nos direcionou a esse construto, que foi a angústia vivenciada, enquanto psicólogo iniciante no IFAM, ao ser inserido num contexto de trabalho sem bases orientadoras concretas para a atividade profissional. Esta angústia experimentada, contudo, foi também acompanhada de expectativas pelas inúmeras possibilidades criativas que esta condição nos possibilitava. Assim, o presente trabalho apresenta-se como resposta a esta necessidade e busca ser uma proposta que possa colaborar na construção de diretrizes para a atuação do psicólogo no contexto da EPTNM.

O primeiro desafio para nossa proposta foi escolher um tipo de pesquisa que estivesse de acordo com o interesse de nosso projeto: construir conhecimento a partir de nossa prática, ao passo que pudéssemos transformar nossa prática a partir da pesquisa. Desse modo, a pesquisa-ação mostrou-se ideal para nossa proposta por permitir esta correlação entre a pesquisa e a ação sem que uma comprometesse a outra. E a partir desse viés, começamos a delinear nosso trabalho e a formatar a estrutura de nosso produto, cuja aplicação nos permitiria o desenvolvimento de nossa pesquisa.

Esse processo de construção nos levou, primariamente, à reflexão sobre o objetivo da orientação profissional que pretendíamos realizar, considerando a quantidade de modelos existentes, dentre os quais destacamos aqueles que inicialmente inspiraram nosso trabalho: Rosa e Luz (2017), que desenvolvem uma orientação profissional voltada para o desenvolvimento do senso crítico, como era, também, nossa proposta, mas que, diferentemente de nossa prática, não é desenvolvida no contexto da EPTNM e não é relacionada à Formação Humana Integral; Bock (2008), que realizou sua tese de doutorado a partir de orientação profissional desenvolvida com jovens de classe pobre que em muitos aspectos viviam condições similares às dos participantes de nossa pesquisa; Moura (2004), que apesar de desenvolver um programa de orientação profissional com base na análise do comportamento, nos inspirou quanto à estruturação do programa, com encontros previamente elaborados e com atividades dirigidas para uma finalidade específica, apesar de seguir uma

linha distinta da que optamos.

Após a realização de nosso Programa de Orientação Profissional, tivemos acesso à dissertação de mestrado de Maran (2019), que à primeira vista pareceu ter muitas similaridades com nossa pesquisa, por estar relacionada à orientação profissional na EPTNM, apontando, no resumo, o uso da abordagem sócio-histórica relacionada à Formação Humana Integral, aspectos que seriam convergentes com nossa pesquisa. Contudo, no corpo do texto, não encontramos nenhuma menção à Formação Humana Integral, nem tampouco, aspectos que apontassem para uma orientação crítica, frente à influência do contexto social sobre a escolha. Ao contrário, sua proposta de orientação profissional é dirigida para a construção de um plano de carreira baseado na escolha do curso técnico do aluno e de cunho visivelmente mercadológico, o que é evidentemente contrário à nossa proposta. E, portanto, apesar de inicialmente tocar em aspectos teóricos convergentes, nossas propostas de orientação profissional não apresentam nenhuma similaridade prática ou ideológica.

Objetivando analisar os aspectos em que um Programa de Orientação Profissional pode atuar na Formação Humana Integral de alunos da Educação Profissional Técnica de Nível Médio, propusemo-nos a um trabalho de averiguação da produção textual realizada até o presente sobre o assunto e percebemos que, ainda que exista grande número de produções na área da orientação profissional, a maioria delas é conceitual e poucas estão diretamente relacionadas à EPTNM. Dentre estas, não encontramos nenhuma que estivesse diretamente voltada à Formação Humana Integral. Desse modo, considerando tal especificidade/finalidade, este trabalho mostra-se pioneiro ao tentar unir a orientação profissional realizada na EPTNM à Formação Humana Integral.

Assim, a partir das diversas leituras, entremeadas por reflexões e discussões com a orientadora, propusemos a Formação Humana Integral como objetivo último de nosso programa de orientação profissional. E a partir daí, fomos buscando um alinhamento teórico entre as propostas de orientação profissional e a Formação Humana Integral, chegando finalmente à abordagem sócio-histórica. Em paralelo, buscamos compreender quais mudanças geradas pela orientação profissional poderiam servir de indicativos da concretização da Formação Humana Integral e encontramos a busca pela emancipação e autonomia como princípio para a Formação Humana Integral.

O entendimento da busca pela emancipação e autonomia como indicativos da Formação Humana Integral, reforçou nossa escolha pela adoção da abordagem sócio-histórica como base teórica de nossa proposta de orientação profissional, uma vez que esta tem como

pressupostos, aspectos concernentes com os princípios daquela, tais como: a superação de dicotomias, seja entre o trabalho manual e intelectual, seja na distinção da subjetividade e objetividade e a compreensão do sujeito enquanto complexo e multifacetado, cuja identidade é historicamente construída e que, para ser plenamente compreendido, precisa ter sua realidade social, política, econômica e cultural levada em consideração.

Uma vez definidas as bases, foi possível partir para os aspectos mais específicos da pesquisa, distribuídos nos quatro objetivos: Articular os conceitos de orientação profissional na EPTNM e Formação Humana Integral; Construir um percurso metodológico para elaboração, implementação e avaliação de um Programa de Orientação Profissional com alunos da EPTNM; Explicitar em que aspectos o Programa de Orientação Profissional desenvolvido, atuou na Formação Humana Integral dos alunos participantes da pesquisa e; Elaborar um produto educacional para a orientação profissional de alunos da EPTNM, sustentado nos princípios da Formação Humana Integral.

O primeiro objetivo, portanto, foi alcançado a partir da definição da orientação profissional com base nos princípios da psicologia sócio-histórica que compreende o ser humano como “ativo, social e histórico” (BOCK, 2018, p. 74) que, apesar de ser influenciado pela sociedade e pela história pessoal e social, é capaz de influenciar também esta sociedade e de forma individual e coletiva gerar transformações no rumo de sua história, a partir de sua atuação e de suas escolhas.

Assim, os conceitos foram articulados a partir do levantamento dos referenciais que embasavam tanto a orientação profissional no Brasil, particularmente no âmbito da EPTNM, quanto a Formação Humana Integral, seus princípios e finalidades, tentando compreender os pontos de convergência e divergência entre ambos, o que nos possibilitou a publicação de artigo com esta temática e nos levou a compreender que a convergência ou divergência da orientação profissional com a Formação Humana Integral “[...] está condicionada aos princípios em que se pauta a Orientação Profissional” (FERREIRA; AZEVEDO, 2020, p. 20) e confirmou nossa opção pela psicologia sócio-histórica como base teórica de nossa proposta.

A construção do percurso metodológico foi realizada por meio da pesquisa-ação que nos permitiu desenvolver, implementar e avaliar um Programa de Orientação Profissional de base sócio-histórica com vistas à Formação Humana Integral, ao passo que realizávamos a coleta de dados que possibilitou a confecção deste trabalho. Tendo sido realizada com base em Tripp (2005), a pesquisa foi dividida em três partes: planejamento, implementação e avaliação, que nos permitiram realizar os onze encontros que havíamos proposto e avaliar

periodicamente a eficácia destes na contribuição da construção da autonomia dos participantes.

Apesar de já termos experiências anteriores de orientação profissional e mesmo de atividades reflexivas com os alunos em vários momentos e em etapas diferentes, como no primeiro e no segundo ano, a experiência desta pesquisa proporcionou o conhecimento aprofundado das particularidades de cada participante, seus sonhos, suas expectativas e suas possibilidades. A oportunidade de trilhar esse caminho de descoberta de possibilidades reais, de concretização de sonhos, ou mesmo, o dar-se conta de sonhos latentes que já tinham sido até abandonados e que puderam ser retomados, foi para nós extremamente gratificante e transformador enquanto profissional e enquanto pessoa. Assim, concordamos com o que alguns participantes afirmaram: esse foi, também para nós, um período de grandes transformações.

O produto educacional foi desenvolvido, como dito, com o propósito de contribuir com o trabalho de psicólogos atuantes na EPTNM e favorecer à Formação Humana Integral de alunos dos Institutos Federais e de outras realidades que desenvolvam a EPTNM, auxiliando na tomada de decisão crítica, consciente e reflexiva. Tal produto foi avaliado pelos próprios participantes da pesquisa em cada um dos encontros, conforme proposta da pesquisa-ação, mas, de modo particular, no último encontro que tratava da avaliação final. Os participantes avaliaram como positiva sua experiência no programa, evidenciando a importância desta ação, que lhes proporcionou oportunidade de reflexão sobre suas possibilidades reais de escolha, além de trazer informações importantes para o caminho que têm a percorrer até a realização profissional.

Além dos participantes da pesquisa, o programa foi submetido à avaliação externa para os psicólogos que atuam em outros *campi* do IFAM os quais reafirmaram a importância da construção de um programa de orientação profissional que sirva de base para a atuação do psicólogo na EPTNM. Foi gratificante para nós, alguns avaliadores terem afirmado que pretendem usar nosso programa em seus *campi* de atuação. Esta avaliação ajudou também a demonstrar algumas limitações presentes em nosso produto, tanto no tocante à execução, quanto à abrangência. No primeiro caso, alguns apontaram a quantidade e o tempo de duração dos encontros como inviáveis para suas realidades. No segundo, a falta de um encontro que apresente informações sobre as profissões disponíveis foi a principal limitação apontada, dada sua importância no desenvolvimento da orientação profissional.

Esse retorno recebido, ainda na construção do trabalho, tanto por parte dos participantes da pesquisa quanto dos colegas psicólogos, ajudou a aplacar a angústia, que

mencionamos, e perceber que estamos construindo caminhos, ainda que no início, ainda que nos primeiros passos, mas estamos construindo, enquanto caminhamos, caminhos que poderão ser trilhados e ampliados por alunos, professores, profissionais de diversas áreas e por todos aqueles que prezam pela construção da autonomia e que acreditam na transformação da sociedade por meio da construção de valores críticos, reflexivos e em última instância, emancipatórios.

Nesse contexto, os aspectos em que o Programa de Orientação Profissional desenvolvido atuou na Formação Humana Integral dos participantes da pesquisa puderam ser explicitados pelas três categorias que se manifestaram. Assim, a primeira categoria evidenciou que a escolha profissional tem diferentes significados para as diferentes histórias de vida dos participantes, sendo a partir destas significações que eles encontram sentido para a realização de suas escolhas. Sentido este, que será fator motivacional ou não, quando das intempéries próprias do processo de concretização do sonho. Dessa forma, a orientação profissional atuou como instrumento favorecedor de reflexão a respeito dos significados que a escolha profissional apresentava aos participantes, propondo meios de ressignificação e superação das limitações.

A segunda categoria evidenciou a atuação do Programa de Orientação Profissional no desenvolvimento do senso crítico dos participantes, a partir das contribuições reflexivas que favoreceram o autoconhecimento e o questionamento de valores pessoais e sociais, o que auxiliou na tomada de consciência sobre a relação da conjuntura social com a escolha, de modo a levar o participante à compreensão de que a autonomia da escolha é parcial, considerando a correlação de forças influentes no processo, sem desconsiderar a afetação do aspecto subjetivo, favorecendo que mudanças iniciadas a partir das reflexões desenvolvidas no decorrer do programa sejam permanentes por ocorrerem especificamente no aspecto subjetivo de sua personalidade.

E a terceira categoria, demonstrou contribuições do Programa no processo de construção da autonomia para a escolha, não somente da profissão, mas em várias dimensões da vida pessoal dos participantes. Essa autonomia foi manifesta na mudança de perspectiva dos participantes frente ao mundo do trabalho ao demonstrarem maior liberdade em lidar com determinadas questões à medida em que foram familiarizando-se com a realidade socioprofissional e acadêmica. A capacitação para a construção do projeto de vida que favoreceu o desenvolvimento de um planejamento com questões primárias e secundárias, permitindo uma tomada de consciência cada vez mais aprofundada do que era prioritário e do

que poderia ser dispensado, culminando na compreensão de seu lugar social e das possibilidades de interferência no curso da sociedade a partir de suas escolhas e, de modo particular, através da escolha profissional que fizessem.

Em síntese, os achados da pesquisa indicam que o Programa de Orientação Profissional, apoiado em bases teóricas sólidas e não alienantes, voltado para a emancipação do orientando e favorecendo a reflexão crítica, pode atuar na Formação Humana Integral de alunos da EPTNM nos aspectos da atribuição de sentido para a escolha, na construção do senso crítico e no desenvolvimento da autonomia.

Dentre os desafios enfrentados para a consolidação da presente pesquisa, cabe incluir o contexto de pandemia vivenciado no período de sua conclusão. É sabido que o ano de 2020 tem sido assolado pela fatalidade da pandemia de Covid-19. No Estado do Amazonas o primeiro caso foi registrado no mês de março, crescendo nos quatro meses seguintes exponencialmente o número de casos, gerando, inclusive, milhares de mortes e trazendo sofrimento a muitas famílias. A ocorrência crescente do número de casos acarretou várias medidas de contingências como a limitação no funcionamento do comércio e a suspensão das aulas presenciais.

Apesar de, nesse período, nossa pesquisa em campo já ter encerrado, a situação de calamidade afetou de várias formas a conclusão de nosso trabalho, tanto pela afetação emocional trazida pelo isolamento, o senso de insegurança, as notícias de casos em famílias conhecidas e as mudanças no modo de relacionamento quanto por questões práticas como a suspensão das viagens, impossibilitando a realização de orientações e defesa da dissertação de forma presencial. Nessa questão estrutural, ressaltamos a baixa qualidade da internet no município de Eirunepé, no qual residimos, que afetou diretamente as condições de orientação, gerando também preocupação quanto à realização da defesa que estava por vir, que precisaria ser via internet.

Todas essas dificuldades, porém, puderam ser superadas aos poucos, reforçando aquilo que ficou evidente na própria pesquisa: a influência de fatores externos sobre as escolhas pessoais e a necessidade de busca de alternativas realistas para superação das condições adversas que eventualmente se sobrepõem.

Assim, o presente trabalho é resultado não apenas de uma pesquisa realizada de forma meramente técnica, mas de toda uma vivência de desafios passados também pelo pesquisador e, por isso, nos felicitamos em apresentar um resultado que possa ser utilizado no desenvolvimento do trabalho de outros, ao mesmo tempo que poderá colaborar com a

transformação de diversas realidades. Entendemos não se tratar de algo pronto e acabado, mas um trabalho em construção que pode/deve passar por adequações/adaptações. Isto foi melhor compreendido em sua avaliação, realizada por colegas psicólogos, de outros *campi*, que apontaram aspectos a serem melhorados. Alguns, como mencionamos, foram alterados de imediato, outros precisariam ser incluídos como proposta para futuras pesquisas e futuros trabalhos, ou mesmo para adequações/adaptações em virtude do contexto de seu desenvolvimento.

Desse modo, ressaltamos o fato evidente de que nossa proposta não pretende esgotar a discussão sobre a orientação profissional, nem tampouco, sobre sua efetividade no contexto da EPTNM, ao contrário, nossa intenção é que nosso trabalho possa abrir uma discussão que seja produtiva de novos trabalhos, que possam ampliar os limites que este trabalho não alcançou e, assim, enriquecer o arcabouço teórico e prático sobre o tema, viabilizando novos instrumentos e novas possibilidades de construir autonomia.

REFERÊNCIAS

- ABADE, F. L. Orientação profissional no Brasil: uma revisão histórica da produção científica. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 15-24, jun. 2005.
- ABRUNHOSA, M. L. O. Desenvolvimento de habilidades de gestão pessoal e interpessoal. Reflexos da transformação do capitalismo. *In*: FRIGOTO, G. **Educação profissional e tecnológica: memórias, contradições e desafios**. Campos dos Goytacazes: Essentia, 2006.
- AGUIAR, W. M. J.; BOCK, A. M. B.; OZELLA, S. A orientação profissional com adolescentes: um exemplo de prática na abordagem sócio-histórica. *In*: BOCK, A. M. B.; GONÇALVES, M. G. M.; FURTADO, O. **Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia**. São Paulo: Cortez, 2001.
- ALBUQUERQUE, F. M.; GALIAZZI, M. C. A formação do professor em rodas de formação. **Revista brasileira de estudos pedagógicos**, Brasília, v. 92, n. 231, p. 386-398, maio/ago. 2011.
- ALVES, M. Z.; DAYRELL, J. Ser alguém na vida: um estudo sobre jovens do meio rural e seus projetos de vida. **Educ. Pesquisa**. São Paulo, v. 41, n. 2, p. 375-390, abr./jun. 2015.
- ANDALOUSSI, K. E. **Pesquisas-ações: ciências, desenvolvimento, democracia**. São Carlos: Edufscar, 2004.
- ANTUNES R. **Os Sentidos do Trabalho**: Ensaio sobre a afirmação e negação do trabalho. Coimbra: CES/Almedina, 2013.
- ARTIAGA, D. M., ALVES, D. A. Perspectivas dos alunos sobre o ensino médio integrado: por que o fazem? *In*: ARAUJO, C. A., SILVA, C. N. N., **Ensino médio integrado no Brasil: fundamentos, práticas e desafios**. Brasília: IFB, 2017.
- AZEVEDO, J. C. Política educacional e politécnica: a experiência do Rio Grande do Sul. *In*: ARAUJO, C. A., SILVA, C. N. N., **Ensino médio integrado no Brasil: fundamentos, práticas e desafios**. Brasília: IFB, 2017.
- BARBIER, R. **A pesquisa-ação**. Brasília: Liber Livro, 2002.
- BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BEZERRA, F. A. M. Institutos Federais: inovações, contradições e ameaças em sua curta trajetória. *In*: ARAUJO, C. A., SILVA, C. N. N., **Ensino médio integrado no Brasil: fundamentos, práticas e desafios**. Brasília: IFB, 2017.
- BOCK, S. D. **A escolha profissional de sujeitos de baixa renda recém egressos do ensino médio**. 2008. Tese (Doutorado em Educação) Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.
- BOCK, S. D. **Orientação Profissional: a abordagem sócio-histórica**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2018.
- BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação**. Porto: Porto Editora, 1994.
- BRASIL, Ministério da Educação, **Ofício circular nº 2/2017/COLEP/CGGP/SAA-MEC**.

Brasília, DF: Ministério da Educação, 29 de março de 2017.

BRASIL. **Documento Base da Educação Profissional Técnica de Nível Médio Integrada ao Ensino Médio**. Brasília, DF: Ministério da Educação, dezembro de 2007 Disponível em: http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf/documento_base.pdf. Acesso em: 07 Jan. 2019.

CARVALHO, T. O.; MARINHO-ARAÚJO, C. M. Psicologia escolar e orientação profissional: fortalecendo as convergências. **Revista brasileira de orientação profissional**, São Luís, v. 11, n. 2, p. 219-228, jul-dez. 2010.

COSTA, L. S. A orientação profissional na rede federal: relatos de uma experiência no Distrito Federal. *In*: NEGREIROS, F.; SOUZA M. P. R. **Práticas em psicologia escolar: do ensino técnico ao superior**. Teresina: Edufip, 2017. v. 3.

CRESSWELL, J. W. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa: escolhendo entre cinco abordagens**. ed. 3. Porto Alegre: Penso, 2014.

DIAS, M. L. Família, identidade, subjetividade e escolha profissional, *In*: LEVENFUS, R. S.; **Orientação vocacional e de carreira em contextos clínicos e educativos**. Porto Alegre: Artmed, 2016.

e superação da desigualdade social. **Psicologia & Sociedade**, v. 26, n. 2, p. 1-3, Jan 2014.

FEITOSA, L. R. C.; MARINHO-ARAÚJO, C. M. Psicologia Escolar e Educação Superior nos Institutos Federais: Perspectivas para a Atuação Profissional, *In*: NEGREIROS, F.; SOUZA M. P. R. **Práticas em psicologia escolar: do ensino técnico ao superior**. Teresina: Edufip, 2017. v. 1.

FERREIRA, S. A.; AZEVEDO, R. O. M. Orientação Profissional e Formação Humana Integral na Educação Profissional Técnica de Nível Médio. **Educação Profissional e Tecnológica em Revista**, v. 4, n. 1, p. 107-129, 2020.

FILHO, A. M. A necessidade da educação do poder e do domínio para as relações sociais e políticas. **Rev. psicol. polít.**, v.10, n.20, p. 259-274, 2010.

FURTADO, O.; SVARTMAN, B. P., Trabalho e alienação. *In*: BOCK, A. M. B.; GONÇALVES, M. G. M., **A dimensão subjetiva da realidade: uma leitura sócio-histórica**. São Paulo: Cortez, 2009.

JORGE, J. P. Psicologia escolar e educação profissional e tecnológica: uma prática em construção. *In*: NEGREIROS, F.; SOUZA M. P. R. **Práticas em psicologia escolar: do ensino técnico ao superior**. v. 1. Teresina: Edufip, 2017.

KUENZER, A. Z., Reforma da educação profissional ou ajuste ao regime de acumulação flexível. **Trabalho educação e saúde.**, v. 5, n. 3, p. 491-508, 2007.

LEMO, L. H. G., SILVA, M. N., COSTA, M. C. F. S., LOPES, M. V. M., ALBUQUERQUE, S. L., A reforma do ensino médio integrado a partir da lei Nº 13.415/2017: nova lei – velhos interesses – um recorte histórico a partir do decreto Nº 2208/97 aos dias atuais. *In*: ARAUJO, C. A., SILVA, C. N. N., **Ensino médio integrado no Brasil: fundamentos, práticas e desafios**. Brasília: IFB, 2017.

LEVENFUS, R. S.; BANDEIRA, D. R. **Avaliação dos Interesses Profissionais (AIP)**. São Paulo, SP: Vetor, 2009.

LEVENFUS, R. S.; **Orientação vocacional e de carreira em contextos clínicos e educativos**. Porto Alegre: Artmed, 2016.

- LIMA, T. B. C.; ALENCAR, E. R. D.; SOUSA, S. T. A. Orientação Profissional: escolhas possíveis, *In: NEGREIROS, F.; SOUZA M. P. R. Práticas em psicologia escolar: do ensino técnico ao superior*. Teresina: Edufip, 2017.
- MARAN, Z. M. B. **Um método de orientação profissional aplicado no ensino integrado na EPT**. 2019. Dissertação (Mestrado) Instituto Federal do Paraná, Curitiba, 2019.
- MARTINELLI, D. C. Y. **A formação humanista na educação profissional: estudo de caso em uma escola de ensino técnico na região de Limeira – SP**. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) Centro Universitário Salesiano de São Paulo, Americana, 2016.
- MELO-SILVA, L. L.; OLIVEIRA, J. C.; COELHO, R. S. Avaliação da orientação profissional no desenvolvimento da maturidade na escolha da profissão. **Psic: revista da Vetor Editora**, São Paulo, v. 3, n. 2, p. 44-53, 2002.
- MORAES, R; GALIAZZI, M. C. Análise textual discursiva: processo reconstrutivo de múltiplas faces. **Ciência & Educação**, v.12, n.1, p.117-128, 2006.
- MORAIS, J. K. C., HENRIQUE, A. L. S., Ensino médio integrado: fundamentos e intencionalidade formativa. *In: ARAUJO, C. A., SILVA, C. N. N., Ensino médio integrado no Brasil: fundamentos, práticas e desafios*. Brasília: IFB, 2017.
- MORIN, E. M. Os sentidos do trabalho. **Revista de Administração de Empresas**, v. 41, n. 03, p. 8-19, jul-set. 2001.
- MOURA, C. B. **Orientação vocacional sob o enfoque da análise do comportamento**. Campinas: Alínea, 2004.
- MOURA, D. H., LIMA FILHO, D. L., SILVA, M. R. Politecnia e formação integrada: confrontos conceituais, projetos políticos e contradições históricas da educação brasileira. **Revista brasileira de educação**, v. 20, n. 63, p. 1057-1080, out-dez. 2015.
- NASCIMENTO, A. C. V., MOURA, D. H., DAMASCENA, E. A. Ideologia empresarial nas escolas estaduais de educação profissional cearenses. *In: ARAUJO, C. A., SILVA, C. N. N., Ensino médio integrado no Brasil: fundamentos, práticas e desafios*. Brasília: IFB, 2017.
- NEGREIROS, F.; SOUZA M. P. R. **Práticas em psicologia escolar: do ensino técnico ao superior**. Teresina: Edufip, 2017.
- NEIVA, K. M. C. **Processos de escolha e orientação profissional**. 2. ed. São Paulo: Vetor, 2013.
- NEIVA, K. M. C. **Escala de maturidade para a escolha profissional (EMEP): Manual**. São Paulo: Vetor, 1999.
- NOSELLA, P. Ensino médio. Em busca do princípio pedagógico. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 32, n. 117, p. 1051-1066, out.-dez, 2011.
- NOSELLA, P. Trabalho e perspectivas de formação dos trabalhadores: para além da formação politécnica. **Revista Brasileira de Educação**, v. 12, n. 34, p. 137-181, 2007.
- PAIVA, F. R. S.; AZEVEDO, D. S.; COELHO, L. M. C. C. Concepções de educação integral em propostas de ampliação do tempo escolar. **Instrumento: revista de estudo e pesquisa em educação**, Juiz de Fora, v. 16, n. 1, p. 47-58, jan./jun. 2014.
- PEREIRA, L. C. S., SANTOS, J. R. A., OLIVEIRA NETO, M. G., Metodologias integradas na educação profissional: construindo a ponte entre a base comum e as disciplinas técnicas no ensino técnico integrado. *In: ARAUJO, C. A., SILVA, C. N. N., Ensino médio integrado no*

Brasil: fundamentos, práticas e desafios. Brasília: IFB, 2017.

RAMOS, M. N. Concepções de Ensino Médio Integrado. *In*. ARAÚJO, R. M. L, PORTO, A. M. N de S & TEODORO, E. G. (ORG). O Ensino Médio Integrado no Pará como Política Pública. Belém: SEDUC, 2009.

RAMOS, M. N. Ensino médio integrado. Lutas históricas e resistências em tempos de regressão. *In*: ARAÚJO, A. C.; SILVA C. N. N. **Ensino médio integrado no Brasil: fundamentos, práticas e desafios**. Brasília: IFB, 2017.

RAMOS, M. N. História e política da educação profissional. **Coleção formação pedagógica** v. 5. Curitiba: Instituto Federal do Paraná, 2014.

RAMOS, M. N. O pacto pelo ensino médio: reflexões (pregressas) sobre a educação científica. **Margens - revista interdisciplinar**, v.11, n. 16. p. 68-83, Jun 2017.

REIS JR., R. L. Ensino médio integrado: correlação de força de uma escola em disputa. *In*: ARAUJO, C. A., SILVA, C. N. N., **Ensino médio integrado no Brasil: fundamentos, práticas e desafios**. Brasília: IFB, 2017.

RIBEIRO, E. C. S. R.; SOBRAL, K. M.; JATAÍ, R. P. Omnilateralidade, politecnicidade, escola unitária e educação tecnológica: uma análise marxista. *In*: JORNADA INTERNACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EM ANTONIO GRAMSCI, 1., 2016, Ceará. **Anais**. Ceará: UFC, 2016. p. 1-11.

RIBEIRO, M. A. et. al., Ser adolescente no século XXI, *In*, LEVENFUS, R. S.; **Orientação vocacional e de carreira em contextos clínicos e educativos**. Porto Alegre: Artmed, 2016.

ROSA, C. L.; LUZ, C. L. M. Orientação Profissional para adolescentes: uma experiência do IFC *Campus* Santa Rosa do Sul. *In*. NEGREIROS, F.; SOUZA M. P. R. **Práticas em psicologia escolar: do ensino técnico ao superior**. Teresina: Edufip, 2017. v. 3.

SANTOS, M. G. C. A categoria de formação omnilateral em Marx e o trabalho enquanto princípio educativo. *In*: I SEMINÁRIO INTERNACIONAL E I FÓRUM DE EDUCAÇÃO DO CAMPO DA REGIÃO SUL DO RS: CAMPO E CIDADE EM BUSCA DE CAMINHOS COMUNS. 2012, Pelotas. **Anais**. Pelotas: UFPel, 2012. p. 1-13.

SAVIANI, Dermeval. O choque teórico da Politecnicidade. **Trabalho, educação e saúde**, v. 1, n. 1, p. 131-152, 2003.

SAWAIA, B. B.; MAHEIRIE, K. A psicologia sócio-histórica: um referencial de análise

SILVA JÚNIOR, J. R. S. **A escolha profissional das camadas pobres do município de Manaus: um estudo sobre sentidos e significados**. 2014. Dissertação (Mestrado em educação) Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2014.

SIMÕES, C. S. Educação técnica e escolarização de jovens trabalhadores. *In*. MOLL, J., **Educação profissional e tecnológica no Brasil contemporâneo: desafios, tensões e possibilidades**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

SPARTA, M. O Desenvolvimento da Orientação Profissional no Brasil. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, v. 4, p. 1-11, 2003.

TITON, A. P.; ZANELLA, A.V. Revisão de literatura sobre psicologia escolar na educação profissional, científica e tecnológica. **Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 359-368, maio/ago. 2018.

TRIPP, D. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. **Educação e pesquisa**: São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set/dez. 2005.

ZEN, E. T., Oliveira, E. C. A práxis filosófica no PROEJA: reflexões sobre as relações sociais capitalistas e a formação humana integral, **Educ. Rev.** v. 34, n. 69, p. 231-244, 2018.

APÊNDICES

APÊNDICE A – FICHA DE AVALIAÇÃO DO 2º ENCONTRO.

APÊNDICE B – FICHA PARA CONSTRUÇÃO DO PROJETO DE VIDA.

APÊNDICE C – FICHA DE AVALIAÇÃO DO 5º ENCONTRO.

APÊNDICE D – FICHA DE AVALIAÇÃO DO 7º ENCONTRO.

APÊNDICE E – FICHA DE AVALIAÇÃO DO 9º ENCONTRO.

APÊNDICE F – FICHA DE AUTOAVALIAÇÃO DO 10º ENCONTRO.

APÊNDICE G – CARTA A UM AMIGO – AVALIAÇÃO FINAL DO 11º ENCONTRO.

ANEXO

ANEXO A – FICHA PARA CONSTRUÇÃO DO CURTEGRAMA

APÊNDICE A – FICHA DE AVALIAÇÃO DO 2º ENCONTRO

TEMA: REALIDADE SOCIOPROFISSIONAL

Orientação: Trata-se de formulário com questões objetivas e dissertativas. Nas questões objetivas procure marcar apenas uma das opções, nas dissertativas procure responder de forma reflexiva, não se preocupe em abreviações. Caso o espaço seja insuficiente utilize o verso da folha.

1. O encontro de hoje me trouxe informações novas sobre a realidade socioprofissional e o processo de ingresso e permanência na faculdade?

Sim, muita informação nova;

Pouca novidade;

Nenhuma novidade.

2. O encontro de hoje me ajudou a compreender melhor a realidade das profissões e as formas de ingresso em uma faculdade? Se sim, em que ajudou. Se não, o que faltou.

Sim _____

Não _____

3. Eu já havia pensado nas dificuldades que terei que enfrentar além das provas de admissão (vestibular)?

4. Faça uma breve análise do encontro de hoje: Te ajudou em algum aspecto do seu processo de escolha? Deixou a desejar em algum aspecto? Em que poderia ter sido melhor?

APÊNDICE C - FICHA DE AVALIAÇÃO DO 5º ENCONTRO

TEMA: DETERMINAÇÃO E INDEPENDÊNCIA

Orientação: Trata-se de formulário com questões objetivas e dissertativas. Nas questões objetivas procure marcar apenas uma das opções, nas dissertativas procure responder de forma reflexiva, não se preocupe em abreviações. Caso o espaço seja insuficiente utilize o verso da folha.

1. A partir da temática apresentada no início do encontro, as atividades realizadas corresponderam ao que você esperava?

- Sim – Correspondeu às expectativas
- Sim – Acima das expectativas;
- Não – Abaixo das expectativas.

2. Você já tinha um projeto de vida, ainda que apenas parcialmente elaborado? Se sim, mudou alguma coisa em seu projeto? Se não, pretende construir um a partir de agora?

3. A partir do encontro de hoje, eu consigo perceber quais eram as influências positivas e negativas que eu tinha na minha vida para realizar meu sonho de formação profissional? Cite duas influências.

4. Faça uma breve análise do encontro de hoje: Te ajudou em algum aspecto do seu processo de escolha? Deixou a desejar em algum aspecto? Em que poderia ter sido melhor?

APÊNDICE D – FICHA DE AVALIAÇÃO DO 7º ENCONTRO

Orientação: Trata-se de formulário com questões objetivas e dissertativas. Nas questões objetivas procure marcar apenas uma das opções, nas dissertativas procure responder de forma reflexiva, não se preocupe em abreviações. Caso o espaço seja insuficiente utilize o verso da folha.

TEMA: MARKETING PESSOAL

1. Antes do encontro de hoje você estava considerando quantas profissões como opção para você? E a partir desta reflexão, quantas você está considerando agora?

Antes:	Depois:
<input type="checkbox"/> Nenhuma	<input type="checkbox"/> Nenhuma
<input type="checkbox"/> Apenas uma	<input type="checkbox"/> Apenas uma
<input type="checkbox"/> Duas	<input type="checkbox"/> Duas
<input type="checkbox"/> Três	<input type="checkbox"/> Três
<input type="checkbox"/> Quatro ou mais	<input type="checkbox"/> Quatro ou mais

2. Foi difícil executar as orientações dadas pelo psicólogo para as atividades de hoje?

Comente:

Sim _____

Não _____

3. Eu posso afirmar que o encontro de hoje fez diferença significativa no meu processo de escolha profissional?

4. Seria correto afirmar que a capacidade de fazer escolhas que eu estou desenvolvendo até o momento durante o programa voltada para a escolha profissional pode ser aplicada em outras áreas da minha vida? Eu me sinto mais apto(a) a fazer escolhas que antes eu achava difíceis? Comente (você pode utilizar exemplos de escolhas que precisa fazer em sua vida cotidiana).

APÊNDICE F – FICHA DE AUTOAVALIAÇÃO DO 10º ENCONTRO.**1º Tema:** Realidade socioprofissionalDescrição: **Os bombons.****O que eu pensava:** _____

O que mudou: _____

2º Tema: Mundo do trabalhoDescrição: **Pesquisa de emprego****O que eu pensava:** _____

O que mudou: _____

3º Tema: AutoconhecimentoDescrição: **Curtegrama.****O que eu pensava:** _____

O que mudou: _____

4º Tema: Determinação e independênciaDescrição: **“eu quero, tenho que, tenho medo” e projeto de vida: como me vejo daqui a 10 anos.****O que eu pensava:** _____

O que mudou: _____

5º Tema: Avaliação dos Interesses ProfissionaisDescrição: **Realização do teste**

O que eu achei do resultado, tinha haver com o que eu pensava?:

6º Tema: Marketing pessoal

Descrição: **Entrevista de emprego**

O que eu pensava: _____

O que mudou: _____

7º Tema: Perfil profissional

Descrição: **Ementas dos cursos**

O que eu pensava: _____

O que mudou: _____

8º Tema: Responsabilidade social do profissional

Descrição: **Vídeo “ilha das flores”: mudança social. Como morar aqui me atrapalha.**

O que eu pensava: _____

O que mudou: _____

Quais as atividades práticas que precisarei para realizar meu sonho (como mudança de cidade, local de moradia, possibilidade de alternar estudo e trabalho, entre outros)?

**APÊNDICE H - QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO DO PROGRAMA DE
ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL VOLTADO PARA A FORMAÇÃO HUMANA
INTEGRAL NA EPTNM**

Nome do avaliador:

Formação:

Instituição: _____

Tempo de atuação no Instituto: _____

Principais atividades que desenvolve no campus:

Orientações para avaliação do programa:

Para mais facilitar a realização desta avaliação nós a dividimos em três partes:

1. Na primeira parte solicitamos ao avaliador que atribua um conceito para cada item do produto: ótimo, bom, regular ou insuficiente e justifique sua atribuição;
2. Na segunda parte, solicitamos uma avaliação geral do produto, na qual o avaliador irá responder a X questões objetivas;
3. Na terceira parte, solicitamos um parecer final do avaliador, no qual irá apresentar de forma sintética sua opinião sobre o programa de modo geral e dar sugestões de melhorias e apresentar seu parecer.

01. Avaliação por itens específicos do Programa

	ITEM DO PROGRAMA	AVALIAÇÃO				
		ÓTIMO	BOM	REGULAR	INSUFIC.	JUSTIFICATIVA
	Apresentação do Programa					

	Objetivo do Programa					
	Parte 01: Embasamento teórico					
	Parte 02: Estrutura do programa					
	Encontro 01 - Apresentação da proposta do Programa de Orientação Profissional					
	Encontro 02 - Realidade socioprofissional					
	Ficha de avaliação do encontro 02 (Apêndice A).					
	Encontro 03 - Mundo do trabalho					
	Encontro 04 - Autoconhecimento					
0	Ficha do curtegrama (Anexo 1),					
1	Encontro 05 - Determinação e independência					
2	Ficha do projeto de vida (Apêndice B),					
3	Ficha de avaliação do encontro 05 (Apêndice C).					
4	Encontro 06 - Avaliação dos Interesses Profissionais					
5	Encontro 07 - Marketing pessoal					
6	Ficha de avaliação do encontro 07 (Apêndice D).					
7	Encontro 08 - Perfil profissional					

8	Encontro 09 - Responsabilidade profissional e crítica social					
9	Produção textual sobre o encontro 09 (Apêndice E).					
0	Encontro 10 - Autoavaliação					
1	Ficha de autoavaliação (apêndice F).					
2	Encontro 11 - Avaliação final					

02. Avaliação geral do Programa

	QUESTÕES PARA AVALIAÇÃO	SIM	NÃO	PARCIALMENTE
1	A apresentação do produto está clara e objetiva?			
2	O objetivo do Programa atende às necessidades			
3	O referencial teórico é adequado para o embasamento do programa			
4	A estrutura do programa é exequível?			
5	Os encontros da forma que estão propostos alcançam o objetivo anunciado?			
6	A carga horária dos encontros é compatível com a proposta			
7	A duração do programa é adequada?			
8	Você aplicaria este programa na sua instituição?			

ANEXO A – CONSTRUÇÃO DO CURTEGRAMA

Orientação:

- 1) Consideramos que o curtegrama pode ajudar a definir o perfil profissional do orientando, para a sua construção é importante observar o quadro 1 para realizar as atividades do quadro 2¹³;
- 2) O quadro 1 apresenta uma lista de ações que podem colaborar para definir o perfil profissional do orientando;
- 3) No quadro 2, o orientado apresenta as ações com as quais se identifica.

Quadro 1 – Lista de ações que podem colaborar para definir o perfil profissional

1. Estar no controle (Liderar);	38. Falar em público;
2. Correr riscos	39. Fazer contatos;
3. Preocupar-se com os outros	40. Seguir rotinas;
4. Ser aceito	41. Ter bom gosto;
5. Ajudar	42. Manter proximidade corporal com as pessoas;
6. Usar a lógica	43. Usar a imaginação;
7. Demonstrar carinho, afeto;	44. Encontrar soluções novas;
8. Criticar pessoas;	45. Atender às necessidades dos outros;
9. Representar, dramatizar;	46. Ser receptivo às pessoas;
10. Assumir responsabilidades pelos outros;	47. Tomar iniciativas;
11. Praticar atividades físicas	48. Manter o bom humor;
12. Trocar ideias, discutir algum assunto;	49. Ser sensível;
13. Superar obstáculos;	50. analisar;
14. Apoiar os outros;	51. Trabalhar sozinho
15. Ser determinado;	52. Ser fisicamente ágil;
16. Cuidar da aparência;	53. Fazer parte de um grupo;
17. Estar em companhia de outras pessoas;	54. Resolver problemas;
18. Valorizar a justiça;	55. Usar equipamentos, novas tecnologias;
19. Ser generoso;	56. Conversar;
20. Colecionar;	57. Competir;
21. Experimentar;	58. Ser notado;
22. Consolar as pessoas;	59. Economizar;
23. Auxiliar as pessoas;	60. Trabalhar com coisas concretas;
24. Fazer coisas de forma metódica;	61. Fazer as coisas do seu jeito;
25. Participar de, ou organizar festas;	62. Se aprofundar naquilo que faz;
26. Manter as coisas em ordem	63. Ser despreocupado;

¹³ Esses quadros têm como referência: MOURA, C. B. **Orientação vocacional sob o enfoque da análise do comportamento**. Alínea, Campinas: 2004, p. 99.

27. Mudar a rotina;	64. Ter estabilidade na vida;
28. Fazer e/ou receber surpresas;	65. Aconselhar e orientar pessoas;
29. Ser prático e realista	66. Trabalhar de acordo com planos;
30. Colocar a “mão na massa”;	67. Produzir efeitos impressionantes
31. Inventar coisas;	68. Ter interesse por seguir tradições;
32. Ter disciplina;	69. Mediar situações para resolver problemas;
33. Tomar decisões rápidas;	70. Mostrar as coisas que tem ou faz;
34. Ouvir;	71. Ler
35. Usar a intuição;	72. Estabelecer objetivos;
36. Ser compreensivo;	73. Ser brincalhão;
37. Estar bem informado;	74. Ter ousadia.

Quadro 2 – Ações identificadas pelo orientando

O quadro 2 está organizado com as seguintes letras: A, B, C e D. Deve ser preenchido pelo orientando a partir do apresentado no quadro 1. Cabe ressaltar, que se houver outras ações que não estão na lista, mas que o orientando identifica em si, ele deve ficar à vontade para inseri-las em qualquer um dos quadros.

A) GOSTO E FAÇO

--

B) GOSTO E NÃO FAÇO

C) NÃO GOSTO E FAÇO

D) NÃO GOSTO E NÃO FAÇO